

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

CRONICAS
DE
ALEM
TUMULO

(DE HUMBERTO DE CAMPOS)

5000

Roman

CRONICAS DE ALEM TUMULO

DE

HUMBERTO DE CAMPOS

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

**CRONICAS
DE
ALÉM TUMULO**

ditadas pelo Espírito
de

HUMBERTO DE CAMPOS

eminente homem de letras desen-
carnado em 5 de dezembro de 1934

1.ª EDIÇÃO



1937
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
28, Avenida Passos, 30
RIO DE JANEIRO

AO LEITOR

Por enquanto, poucos intellectuais, na Terra, são suscetiveis de considerar a possibilidade de escreverem um livro, depois de "mortos". Eu mesmo, em toda a bagagem de minha produção literaria, no mundo, nunca deixei transparecer qualquer laivo de crença, nesse sentido. Apegando-me ao resignado materialismo dos meus ultimos tempos, desalentado em face dos problemas transcendentales do Além-Tumulo, não tive coragem de enfrenta-los, como, um dia, fizeram Medeiros e Albuquerque e Coelho Netto, receiosos do fracasso de que deram testemunho, como marinheiros inquietos e imprudentes, regressando ao porto árido dos preconceitos humanos, mal se haviam feito de vela ao grande oceano das expressões fenomenicas da doutrina, onde os espiritas sinceros, desassombrados e incompreendidos, são aqueles arrojados e rudes navegadores da Escola de Sagres que, á força de sacrificios e abnegações, acabaram suas atividades descobrindo um novo

continente para o mundo, dilatando as suas esperanças e santificando os seus trabalhos.

Dentro da sinceridade que me caracterizava, não perdi ensejos para afirmar as minhas dúvidas, expressando mesmo a minha descrença acerca da sobrevivência espiritual, desacoroçoado de qualquer possibilidade de viver além dos meus ossos e das minhas células doentes...

É verdade que os assuntos de Espiritismo seduziam a minha imaginação, com a perspectiva de um mundo melhor do que esse, onde todos os sonhos das criaturas caminham para a morte; sua literatura fascinava o meu pensamento com o magnetismo suave da esperança, mas a fé não conseguia florescer no meu coração de homem triste, sepultado nas experiências difíceis e dolorosas. Os livros da doutrina eram para o meu espírito como soberbos poemas de um idealismo superior do mundo subjetivo, sem qualquer feição de realidade prática, onde afundava as minhas faculdades de análise nas ficções encantadoras; suas promessas e a sua mística de consolos eram o brando anestésico que conseguira aliviar muitos corações infortunados e doloridos, mas o meu era já inacessível à atuação do sedativo maravilhoso e o pior enfermo é sempre aquele que já experimentou a ação de todos os específicos conhecidos.

Em 1932, um dos meus companheiros da Academia de Letras solicitou a minha atenção para o texto do "Parnaso de Além-Túmulo". As rimas do outro mundo enfileiravam-se com a sua pureza originária nessa antologia dos mortos, através da mediunidade de Francisco Xavier, o caixeiro humilde de Pedro Leopoldo, impressionando os conhecedores das expressões estilares da língua portuguesa. Por minha vez, procurei ouvir a palavra de Augusto de Lima, com respeito ao facto insólito, mas o meu grande amigo esquivou-se ao assunto, afirmando:

— "Certamente, entre as novidades de minha terra, Pedro Leopoldo concorre com um novo Barão de Munkausen."

A verdade, porém, é que pude atravessar as águas pesadas e escuras do Aqueronte e voltar do mundo das sombras, testemunhando a grande e consoladora verdade. É incontestável que nem todos me puderam receber, segundo as realidades da sobrevivência. A visita de um "morto", na maioria das hipóteses, constitui sempre um facto inoportuno e desagradável. Para os vivos, que pautam a sua existência no pentagrama das convenções sociais, o morto com as suas verdades será invariavelmente um fantasma importuno e temos de acomodar os imperativos da lógica às concepções do tempo em que se vive.

Feitas essas considerações, eis-me frente

ao leitor, com um livro de crônicas de além-túmulo.

Desta vez, não tenho necessidade de mandar os originais de minha produção literária à determinada casa editora, obedecendo a dispositivos contratuais, ressaltando-se a minha estima sincera pelo meu grande amigo José Olympio. A lei já não cogita mais de minha existência, pois, do contrario, as atividades e os possíveis direitos dos mortos representariam uma séria ameaça á tranquilidade dos vivos.

Enquanto aí consumia o fosfato do cerebro para acudir aos imperativos do estomago, posso agora dar o volume sem retribuição monetária. O médium está satisfeito com a sua vida singela, dentro da pauta evangelica do "dai de graça o que de graça recebestes" e a Federação Espirita Brasileira, instituição veneravel que o Prefeito Pedro Ernesto reconheceu de utilidade publica, cuja Livraria vai imprimir o meu pensamento, é sobejamente conhecida no Rio de Janeiro, pelas suas respeitaveis finalidades sociais, pela sua assistencia aos Necessitados, pelo seu programa cristão, enfim, cheio de renuncias e abnegações santificadoras.

Aí está o livro com a minha lembrança humilde. Que ele possa receber a benção de Deus, constituindo um conforto para os aflitos e para os tristes do microcosmo onde vivi sobre a Terra.

Que não se precipitem em suas apreciações os que não me puderem compreender. A morte será a mesma para todos. A cada qual será reservado um bungalow subterraneo e a sentença clara da justiça celeste. Quanto aos espiritos superiores da critica contemporanea, cristalizados nas concepções da época, que esperem pacientemente pelo Juizo Final, com as suas milagrosas revelações. Não serei eu quem lhes vá esclarecer o entendimento, contando quantos pares de meia usei em toda a vida, eu descobrindo o numero exato de seus anos, através de mesas festivas e alegres. Aguardem com calma o toque de reunir das trombetas de Josaphat.

HUMBERTO DE CAMPOS

25 de Junho de 1937.

DE UM CASARÃO DO OUTRO MUNDO

Muitas vezes pensei que outras fossem as surpresas que aguardassem um morto, depois de entregar á terra os seus despojos.

Como um menino que vai pela primeira vez a uma feira de amostras, imaginava o conhecido chaveiro dos grandes palacios celestiais. Via S. Pedro de mãos enclavilhadas debaixo do queixo, oculos de tartaruga, como os de Nilo Peçanha, assestados no nariz, percorrendo com as suas vistas sonolentas e cansadas os estudos tecnicos, os relatorios, os mapas e livros imensos enunciadores do movimento das almas que regressavam da Terra, como um amanuense destacado de secretaria. Presumia-o um velhote bem conservado, igual aos senadores do tempo da monarquia no Brasil, cofiando os seus longos bigodes e os fios grisalhos da sua barba respeitavel. Talvez que o bom do apostolo, desentulhando o baú de suas memorias, me contasse algo de novo: algumas anedotas

a respeito de sua vida, segundo a versão popular; factos do seu tempo de pescarias, certamente cheios das estroinices de rapazelho. As jovens de Séphoris e de Capharnaum, na Galiléia, eram criaturas tentadoras, com os seus labios de romã amadurecida. S. Pedro por certo diria algo de suas aventuras, ocorridas, está claro, antes da sua conversão á doutrina do Nazareno.

Não encontrei, porém, o chaveiro do céu. Nessa decepção, cheguei a supor que a região dos bemaventurados deveria ficar encravada em alguma cordilheira de nuvens inacessíveis. Tratava-se, certamente, de um recanto de maravilhas, onde todos os lugares tomariam denominações religiosas, na sua mais alta expressão simbolica: Praça das Almas Benditas, Avenida das Potencias Angelicas. No coração da cidade prodigiosa, em paços resplandecentes, Sta. Cecilia deveria tanger a sua harpa, acompanhando o côro das onze mil virgens, cantando ao som de harmonias deliciosas, para acalantar o sono das filhas de Aqueronte e da Noite, afim de que não viessem com as suas achas incandescentes e viboras malditas perturbar a paz dos que ali esqueciam os sofrimentos, em repouso beatifico. De vez em quando se organizariam, nessa região maravilhosa, solenidades e festas comemorativas dos mais importantes acontecimentos da Igreja. Os

papas desencarnados seriam os officiantes das missas e Te-Deums de grande gala, a que compareceriam todos os santos do calendario: S. Francisco Xavier, com o mesmo hábito esfarrapado com que andou pregando nas Indias; S. José, na sua indumentaria de serralheiro; S. Sebastião, na sua armadura de soldado romano; Sta. Clara, com o seu perfil lindo e severo de madona, sustentada pelas mãos minusculas e inquietas dos arcanjos, como rosas de carne loura. As almas bem conceituadas representariam, nas galerias deslumbrantes, os santos que a Igreja inventou para o seu agiologio.

Mas... não me foi possivel encontrar o céu.

Julguei então que os espiritas estavam mais acertados em seus pareceres. Deveria reencontrar os que haviam abandonado as suas carcassas na terra, continuando a mesma vida. Busquei relacionar-me com as falanges de brasileiros, emigrados no outro mundo. Idealizei a sociedade antiga, os patricios illustres, aí refugiados, imaginando encontra-los em uma residencia principesca, como a do Marquez de Abrantes, instalada na antiga chacara de Dona Carlota, em Botafogo, onde recebiam a mais fina flor da sociedade carioca das ultimas decadas do segundo imperio, cujas reuniões, compostas de fidalgos escravocratas da época, ofus-

cavam a simplicidade monacal dos Paços de S. Cristovão.

E pensei de mim para comigo: Os rabinos do Sinhedrio, que exararam a sentença condenatoria de Jseus Cristo, quererão saber as novidades de Hitler, na sua furia contra os Judeus. Os remanescentes do principe de Bismarck, que perderam a ultima guerra, desejariam saber qual a situação dos negocios franco-alemães. Contaria aos Israelitas a historia da esterilização e aos seguidores do illustre filho de Schoenhausen as questões do plebiscito do Sarre. Cada bemaventurado me viria fazer uma solicitação, ás quais eu atenderia com as habilidades de um porta-novas, acostumado aos prazeres maliciosos do boato.

Enganara-me, todavia. Ninguem se preocupava com a Terra, ou com as coisas da sua gente.

Tranquilizem-se, contudo, os que ficaram, porque, se não encontrei o Padre Eterno, com as suas longas barbas de neve, como se fossem feitas de paina alva e macia, segundo as gravuras catolicas, não vi tambem o Diabo.

Logo que tomei conta de mim, conduziram-me a um solar confortavel, como a Casa dos Bernardelli, na praia de Copacabana. Semelhante a uma abadia de frades na Estiria, espanta-me o seu aspecto imponente e grandioso. Procurei saber nos anais desse casa-

rão do outro mundo as noticias relativas ao planeta terreno. Examinei os seus in-folios. Nenhum relato havia, com respeito aos santos da côrte celestial, como eu os imaginava, nem allusões a Mefistofeles e ao Amaldiçoado. Ignorava-se a historia do fruto proibido, a condeção dos anjos rebelados, o decreto do diluvio, as espantosas visões do evangelista no Apocalipse. As religiões estão na Terra muito prejudicadas pelo abuso dos simbolos. Poucos factos relacionados com elas estavam naqueles documentos.

O nosso mundo é insignificante demais, pelo que pude constatar na outra vida. Conforta-me, porém, haver descoberto alguns amigos velhos, entre muitas caras novas.

Encontrei o Emilio, radicalmente transformado. Contudo, ás vezes, faz questão de aparecer-me de ventre rotundo e rosto bonacheirão, como recebia os amigos na Pascoal, para falar da vida alheia.

— “Ah ! filho — exclama sempre — ha momentos nos quais eu desejava descer no Rio, como o homem invisivel de Wells, e dar muita paulada nos bandidos de nossa terra.”

E, na graça de quem, esvaziando copos, andou enchendo o tonel das Danaides, desfolha o caderno de sua anedotas mais recentes.

A vida, entretanto, não é mais identica á da Terra. Novos habitos. Novas preocupações

e panoramas novos. A minha situação é a de um enfermo pobre que se visse de uma hora para outra em luxuosa estação de águas, com as despesas custeadas pelos amigos. Restabelecendo a minha saúde, estudo e medito. E meu coração, ao descerrar as folhas diferentes dos compendios do infinito, pulsa como o do estudante novo.

Sinto-me novamente na infancia. Calço os meus tamanquinhos, visto as minhas calças curtas, arranjo-me ás pressas, com a má vontade dos garotos incorrigiveis, e vejo-me outra vez diante da Mestra Sinhá, que me olha com indulgencia, através da sua tristeza de virgem desamada, e repito, apontando as letras na cartilha: — A B C... A B C D E...

Ah ! meus Deus, estou aprendendo agora os luminosos alfabetos que os teus dedos imensos escreveram com giz de ouro resplandecente nos livros da natureza. Faze-me novamente menino, para compreender a lição que me ensinam ! Sei hoje, relendo os capitulos da tua gloria; porque vicejam na Terra os cardos e os jasmineiros, os cedros e as ervas, porque vivem os bons e os máus, recebendo, numa atividade promiscua, os beneficios da tua casa.

Não trago do mundo, Senhor, nenhuma oferta para a tua grandeza ! Não possuo senão o coração, exaustado de sentir e bater, como um vaso de iniquidades. Mas, no dia em que te

lembrares do misero pecador, que te contempla no teu doce misterio, como lampada de luz eterna, em torno da qual bailam os sóes como pirilampos acesos dentro da noite, fecha os teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cair nesse vaso imundo uma raiz de assucenas. Então, Senhor, como já puzeste lume nos meus olhos, que ainda choram, plantarás o lirio da paz no meu coração, que ainda sofre e ainda ama.

27 de março de 1935.

CARTA AOS QUE FICARAM

No antigo Paço da Bôa Vista, nas audiencias dos sabados, quando recebia toda gente, atendeu D. Pedro II a um negro velho, de carapinha branca, e em cujo rosto, enrugado pelo frio de muitos invernos, se descobria o sinal de muitas penas e muitos máus tratos.

— “Ah ! meu senhor grande — exclamou o infeliz — como é duro ser escravo !...”

O magnanimo imperador encarou suas mãos cansadas no leme da direção do povo e aquelas outras, engelhadas nas excrecencias dos calos adquiridos na rude tarefa das senzalas,

e tranquilizando-o comovido: — “Oh!, meu filho, tem paciência! Também eu sou escravo dos meus deveres e eles são bem pesados... Teus infortúnios vão diminuir...”

E mandou libertar o preto.

Mais tarde, nos primeiros tempos do seu desterro, o bondoso monarca, a bordo do “Alagoas”, recebeu a visita do seu ex-ministro; ás primeiras interpelações de Ouro Preto, respondeu-lhe o grande exilado:

— “Em suma, estou satisfeito e tranquilo”; e, aludindo á sua expatriação: — “É a minha carta de alforria... agora posso ir onde quero.”

A corôa era pesada demais para a cabeça do monarca republicano.

Aos que me perguntarem no mundo sobre a minha posição em face da morte, direi que ela teve para mim a fulguração de um Treze de Maio para os filhos de Angola.

A morte não veio buscar a minha alma, quando esta se comprazia nas rêdes douradas da ilusão. A sua tesoura não me cortou fios da mocidade e de sonho, porque eu não possuía senão neves brancas e rígidas, á espera do sol para se desfazerem. O gelo dos meus desenganos necessitava desse calor de realidade, que a morte espalha no caminho em que passa com a sua foice derrubadora. Resisti, porém, ao seu cerco, como Aquiles, no heroísmo indomável de quem vê a destruição de suas muralhas

e redutos. Na minha trincheira de sacos de agua quente, eu a via chegar quasi todos os dias... Mirava-me nas pupilas chamejantes dos seus olhos, pedindo-lhe complacencia e ela me sorria consoladora nas suas promessas. Eu não podia, porém adivinhar o seu fundo mysterio, porque a dúvida obsidiava o meu espirito, enrodilhando-se no meu raciocinio como tentaculos de um polvo.

E, na minha alegria barbara, sentia-me encurralado no sofrimento, como um lutador romano aureolado de rosas.

Triunfava da morte e, como Ajax, recolhi as ultimas esperanças no rochedo da minha dor, desafiando o tridente dos deuses.

A minha excessiva vigilancia trouxe-me a insonia, que arruinou a tranquillidade dos meus ultimos dias. Perseguido pela surdez, já os meus olhos se apagavam, como as derradeiras luzes de um navio sossobrando, em mar encafelado, no silencio da noite. Sombra, movendo-se dentro das sombras, não me acovardei diante do abismo. Sem esmorecimentos, atirei-me ao combate, não para repelir mouros na costa, mas para erguer muito alto o coração, retalhado nas pedras do caminho, como um livro de experiencias para os que vinham depois dos meus passos, ou como a réstea luminosa que os faroleiros desabotoam na superficie das

aguas, prevenindo os incautos do perigo das sirtes traiçoeiras do oceano.

Muitos me supuzeram corroído de lepra e de vermina, como se eu fosse Bento de Labre, raspando-se com a escudela de Job. Eu, porém, estava apenas refletindo a claridade das estrelas do meu imenso crepusculo. Quando me encontrava nessa faina de semear a resignação, a primeira e ultima flor dos que atravessam o deserto das incertezas da vida, a morte abeirou-se do meu leito, devagarinho, como alguém que temesse acordar um menino doente. Esperou que tapassem com a anestesia todas as janelas e interstícios dos meus sentimentos. E quando o cáos mais absoluto se fez sentir no meu cerebro, zás ! cortou as algemas a que me conservava retido por amor aos outros condenados, irmãos meus, reclusos no calabouço da vida. Adormeci nos seus braços, como um ebri nas mãos de uma deusa. Despertando dessa letargia momentanea, compreendi a realidade da vida, que eu negara, além dos ossos que se enfeitam com os cravos rubros da carne.

— Humberto !... Humberto !... — exclamou uma voz longinqua — recebe o que te enviam da Terra !

Arregalei os olhos com horror e com enfado: — “Não ! Não quero saber de panegiricos e agora não me interessam as seções neocologicas dos jornais.”

— “Enganas-te — repetiu — as homenagens da convenção não se equilibram até aqui. A hipocrisia é como certos microbios de vida muito efemera. Toma as preces que se elevaram por ti a Deus, dos peitos sufocados, onde penetraste com as tuas exortações e conselhos. O sofrimento entornou sobre o teu coração um cantaro de mel.”

Vi descer, de um ponto indeterminado do espaço, braçadas de flores inebriantes, como se fossem feitas de neblina resplandecente, e escutei, envolvendo o meu nome pobre, orações tecidas com suavidade e doçura. Ah ! eu não vira o céu e a sua côrte de bemaventurados; mas, Deus receberia aquelas deprecações no seu solio de estrelas encantadas, como a hostia simbolica do catolicismo se perfuma na onda envolvente dos aromas de um turibulo. Nossa Senhora deveria ouvi-las no seu trono de jasmims bordados de ouro, contornado dos anjos que eternizam a sua gloria.

Aspirei com força aqueles perfumes. Pude locomover-me para investigar o reino das sombras, onde penso sem miolos na cabeça. Amava ainda e ainda sofria, reconhecendo-me no pór-tico de uma nova luta.

Encontrei alguns amigos a quem apertei fraternalmente as mãos. E voltei cá. Voltei, para falar com os humildes e com os infelizes, confundidos na poeira da estrada de suas

existencias, como frangalhos de papel, rodopiando ao vento. Voltei, para dizer aos que não pude interpretar no meu cepticismo de sofredor:

— “Não sois os candidatos ao casarão da Praia Vermelha. Plantai, pois, nas almas a palmeira da esperança. Mais tarde, ela desdobrará sobre as vossas cabeças encanecidas os seus leques enseivados e verdes...”

E posso acrescentar, como o neto de Marco Aurelio, no tocante á morte que me arrebatou da prisão nevoenta da Terra: — “É a minha carta de alforria... Agora posso ir onde quero.”

Os armargores do mundo eram pesados demais para o meu coração.

28 de março de 1935.

AOS MEUS FILHOS

Meus filhos, venho falar a vocês como alguém que abandonasse a noite de Tiresias, no carro fulgurante de Apolo, subindo aos cumes dourados e perfumosos do Helicon. Tudo é harmonia e beleza, na companhia dos numes e dos genios, mas o pensamento de um cego, em reabrindo os olhos nas rutilancias da luz, é para

os que ficaram, lá longe, dentro da noite, onde apenas a esperança é uma estrela de luz doce e triste.

Não venho da minha casa subterranea de São João Baptista, como os mortos que os laraprios, ás vezes, fazem regressar aos tormentos da Terra, por mal dos seus peccados. Na derradeira morada do meu corpo ficaram os meus olhos enfermos e as minhas indisposições organicas. Cá estou, como se houvesse sorvido um netar de juventude, no banquete dos deuses.

Entretanto, meus filhos, levanta-se entre nós um rochedo de misterio e de silencio.

Eu sou eu. Fui o pai de vocês e vocês foram meus filhos. Agora, somos irmãos. Nada ha de mais belo do que a lei de solidariedade fraterna, delineada pelo Criador na sua gloria inacessivel. A morte não suprimiu a minha afetividade e ainda possuo o coração de homem, para o qual vocês são as melhores criaturas desse mundo.

Dizem que Orfeu, quando tangia as cordas de sua lira, sensibilizava as feras que se agrupavam enternecidas para escuta-lo. As arvores vinham de longe, transportadas na sua harmonia. Os rios sustavam o curso das suas correntes impetuosas, quedando-se para ouvi-lo. Havia deslumbramentos na paisagem musicalizada. A morte, meus filhos, cantou para mim, tocando o seu alaúde. Todas as minhas con-

vicções deixaram os seus lugares primitivos, para sentir a grandeza do seu canto.

Não posso transmitir esse misterio maravilhoso, através dos metodos imperfeitos de que disponho. E, se pudesse, existe agora entre nós o fantasma da dúvida.

Convidado pelo Senhor, eu tambem estive no banquete da vida. Não nos palacios da popularidade ou da juventude efemera, mas no átrio pobre e triste do sofrimento, onde se conservam temporariamente os mendigos da sua casa. Minha primeira dor foi a minha primeira luz. E quando os infortunios formaram uma teia imensa de amarguras para o meu destino, senti-me na posse do celeiro de claridades da sabedoria. Minhas dores eram a minha prosperidade. Porém, qual o cortezão de Dionisio, vi a dúvida, como espada afiadissima, baluçando-se sobre a minha cabeça. Aí, na Terra, entre a crença e a descrença, está sempre ela, a espada de Damocles. Isso é uma fatalidade.

Venho até vocês cheio de amorosa ternura e se não me posso individualizar, apresentando-me como o pai carinhoso, não podem vocês garantir a impossibilidade da minha sobrevivencia. A dúvida entre nós é como a noite. O amor, entretanto, luariza estas sombras. Um morto, como eu, não pode esperar a certeza ou a negação dos vivos que receberem a sua mensa-

gem, para a qual ha de prevalecer o argumento dubitativo. E nem pode exigir outra coisa quem no mundo não procederia de outra fórma.

Sinto hoje, mais que nunca, a necessidade de me impessoalizar, de ser novamente o filho ignorado de Dona Anica, a bôa e santa velhinha, que continúa sendo para a mim a mais santa das mães. Tenho necessidade de me esquecer de mim mesmo. Todavia, antes que se cumpra este meu desejo, volto para falar a vocês paternalmente, como no tempo em que destruiu o fosfato do cerebro afim de adquirir combustivel para o estomago.

— Meus filhos !... meus filhos !... estou vivendo... Não me vêem ?... Mas, olhem, olhem o meu coração como está batendo ainda por vocês !...

Aqui, meus filhos, não me perguntaram se eu havia descido gloriosamente as escadas do Petit Trianon; não fui inquirido a respeito dos meus triunfos literarios e não me solicitaram informes sobre o meu fardão academico. Em compensação, fui arguido acerca das causas dos humildes e dos infortunados, pelas quais me bati.

Vivam, pois, com prudencia, na superficie desse mundo de futilidades e de glorias vãs.

Num dos mais delicados poemas de Wilde, as Orcades lamentam a morte de Narciso, junto

de sua fonte predileta, transformada numa taça de lágrimas.

— Não nos admira — suspiram elas — que tanto tenhas chorado !... Era tão lindo !...

— Era belo Narciso ? — perguntou o lago.

— Quem melhor do que tu poderia sabe-lo, se nos desprezava a todas para estender-se nas relvas da tua margem, baixando os olhos para contemplar, no diamante da tua onda, a sua formosura ?...

A fonte respondeu:

— Eu adorava Narciso, porque quando me procurava com os olhos, eu via, no espelho das suas pupilas, o reflexo da minha propria beleza.

Em sua generalidade, meus filhos, os homens, quando não são Narciso, enamorados de sua propria formosura, são a fonte de Narciso.

Não venho exortar a vocês como sacerdote; conheço de sobra as fraquezas humanas. Vivam, porém, a vida do trabalho e da saúde, longe da vaidade corrutora. E, na religião da consciencia retilinea, não se esqueçam de rezar. Eu, que era um homem tão perverso e tão triste, estou aprendendo de novo a minha prece, como fazia na infancia, ao pé de minha mãe, na Parnaíba.

Venham, meus filhos !... Ajoelhemos de mãos postas... Não vêem que cheguei de tão longe ?! Fui mais feliz que o Rico e o Lazaro

da parabola, que não puderam voltar... Ajoelhemos no templo do Espirito; inclinem vocês a frente sobre o meu coração. Cabem todos nos meus braços ? Cabem, sim...

Vamos rezar com o pensamento em Deus, com a alma no infinito. Padre Nosso... que estais no céu... santificado seja o vosso nome...

8 de abril de 1935.

NA MANSÃO DOS MORTOS

— O amigo sabe que os fotografos ingleses registraram a presença de Sir Conan Doyle, no enterro de Lady Gaillard ?

Esta pergunta me foi dirigida pelo coronel C. da C. (1), que eu conhecera numa das minhas viagens pelo Nordeste. O coronel lia, por desfastio, as minhas crônicas e em poucos minutos nos tornámos camaradas. Ha muito tempo, todavia, soubera eu da sua passagem para o outro mundo, em virtude de uma arterio esclerose generalizada. Tempo vai, tempo

(1) No original da mensagem foram dados por extenso os nomes das pessoas nela mencionadas. Como, porém, essas pessoas deixam descendentes, que poderiam molestar-se com as referencias que lhes fez Humberto de Campos, resolvemos indica-las apenas pelas suas iniciais.

vem, defrontámo-nos de novo no vagão infinito da Vida, em que todos viajamos, através da eternidade. E, como o melhor abraço é o que podemos dar longe dos vivos, ali estávamos os dois, "tête à tête", sem pensar no relógio que regulava os nossos atos no presidio da Terra, nem nos ponteiros do estomago, que aí trabalham com demasiada pressa.

C. tinha no mundo idéias espiritas e continuava, na outra vida, a interessar-se pelas coisas de sua doutrina.

— Então, coronel, a vida que levaremos por aqui não será muito diversa da que observávamos lá em baixo? Um morto, por exemplo, pode apresentar-se nas solenidades dos vivos, participar das suas alegrias e das suas tristezas, como no presente caso? Aliás, já sabemos do capítulo evangelico que manda os mortos enterrar os seus mortos.

— Pode, sim, menino—replicou o meu amigo, como quem evocasse uma cena dolorosa — mas, isso de acompanhar enterros, sobra-me experiencia para não mais faze-lo. Costumamos observar que, se os vivos têm medo dos que já regressaram para cá, nós igualmente, ás vezes, sentimos repulsa de topar os vivos. Porém, o que lhe vou contar ocorreu entre os considerados mortos. Tive medo de dois espetros, num ambiente soturno de cemiterio.

E o meu amigo, com o olhar mergulhado no preterito longinquo, monologava:

— Desde essa noite, nunca mais acompanhei enterros de amigos... Deixo isso para os encarnados, que vivem brincando de cabra-céga, no seu temporario esquecimento...

— Conte-me, coronel, o acontecido, disse eu, mal sopitando a curiosidade.

— Lembra-se — começou ele — da admiração que eu sempre manifestava pelo Dr. A. F., que você não chegou a conhecer em pessoa?

— Vagamente...

— Pois bem, o Antonico, nome pelo qual respondia na intimidade, era um dos meus amigos do peito. Advogado de renome na minha terra, já o conheci na elevada posição que usufruía, no seio da sociedade que lhe acatava todas as ações e pareceres.

Pardavasco insinuante, era o tipo do mulato brasileiro. Simpatico, inteligente, captava a confiança de quantos se lhe aproximavam. Era de uma felicidade sem igual. Ganhava todas as causas que lhe eram entregues. O crime mais negro apresentava para a sua palavra percuciente uma argumentação infalivel na defesa. Os réus, absolvidos com a sua colaboração, retiravam-se da sala de sessões da justiça quasi canonizados. O Antonico se metera em alguma pendencia? O triunfo era dele. Isso era certo. Gozava de toda a nossa considera-

ção e estima. Criara a sua familia com irrepreensivel moralidade. Em algumas ceremonias religiosas a que compareci, recordo-me de lá o haver encontrado, como bom catolico, em cuja personalidade o nosso vigario via um dos mais prestigiosos dos seus paroquianos.

Chefiava iniciativas de caridade, presidia a associações religiosas e primava pela austeridade intransigente dos seus costumes.

Quando voltei desse mundo, que hoje representa para nós uma penitenciaria, trouxe dele saudosas recordações.

Imagine, pois, o meu desejo de reencontralo, quando vim a saber, nestas paragens, que ele se achava ás portas da morte. Obtive permissão para excursionar á Terra e fui revê-lo na sua cama de luxo, rodeado de zelos extremos, numa alcôva ensombrada de sua confortavel residencia. As poções eram ingeridas. Injeções eram applicadas. Os medicos eram atenciosamente ouvidos. Contudo, a morte rondava o leito de rendas, com o seu passo silencioso. Depois de ter o abdomen rasgado por um bisturi, uma infeção sobreviera inesperadamente.

Apareceu uma pleurisia e todas as punções foram inuteis. Antonico agonizava. Vi-o nos seus derradeiros momentos, sem que ele me visse na sua semi-inconsciencia. Os medicos, á sua cabeceira, deploravam o desaparecimento

do homem probo. O padre, que sustinha naquelas mãos de cêra um delicado crucifixo, recitando a oração dos moribundos, fazia ao céu piedosas recomendações. A esposa chorava o esposo, os filhos o pai. Aos meus olhos, aquele quadro era o da morte do justo. Transcorridas algumas horas, acompanhei o funebre cortejo que ia entregar á terra aqueles despojos frios.

Desnecessario é que lhe diga das pomposas exequias que a igreja dispensou ao morto, em virtude da sua posição eminente. Preces. Aspersões com hissopes ensopados nagua benta e latim agradavel.

Mas, como nem todos os que morrem se desapegam imediatamente dos humores e das visceras, esperei que o meu amigo acordasse para ser o primeiro a abraçalo.

Era crepusculo. E, naquela tarde de Agosto, as nuvens estavam enrubecidas, em meio do fumo das queimadas, parecendo uma espuma de sangue. Havia um cheiro de terra brava, entre as lousas silenciosas, ao pé dos salgueiros e dos ciprestes. Eu esperava. De vez em quando, o vento agitava a ramaria dos chorões, que pareciam soluçar, numa toada exquisita. Os coveiros abandonaram a sua tarefa sinistra e eu vi um vulto de mulher, esgueirando-se entre as lápides enegrecidas. Parou junto daquela cova fresca. Não se tratava de nenhuma

alma encarnada. Aquela mulher pertencia também ao reino das sombras. Observei-a de longe. Todavia, gritos estentóricos ecoaram aos meus ouvidos.

— A. F., exclamou o espectro, chegou o momento da minha vingança!... Ninguém poderá advogar a tua causa. Nem Deus, nem o Demonio poderão interceder pela tua sorte, como não puderam cicatrizar no mundo as feridas que abriste em meu coração. Todas as nossas testemunhas agora são mudas. Os anjos aqui são de pedra e as capelas de marmore, cheias de cruzes caladas, são estojos de carne apodrecida. Lembra-te de mim? Sou a R. S., que infelicistaste com a tua infamia!

Já não és aquele moreno insinuante que surriprou a fortuna de meus pais, destruindo-lhes a vida e atirando-me no meretricio abominável. A fortuna que te deu um nome foi edificada no pedestal do crime.

Recordas-te das promessas mentirosas que me fizeste? Envergonhada, abandonei a terra que me vira nascer, para ganhar o pão no mais horrendo commercio. Corri mundo, sem esquecer a tua perversidade e sem conseguir afogar o meu infortunio na taça dos prazeres.

Entretanto, o mundo foi teu. Réu de um crime nefando, foste sacerdote da justiça; eu, a vítima desconhecida, fui obrigada a sufocar a minha fraqueza nas sentinas sociais, onde os

homens pagam o tributo das suas miserias. Ti-veste a sociedade, eu os bordeis. O triunfo e a consideração te pertenceram; a mim coube o desprezo e a condenação. Meu lar foi o hospital, donde se escapou o ultimo gemido do meu peito.

Meus braços, que haviam nascido para acariciar os anjos de Deus, como dois galhos de arvore cheios de passarinhos, foram por ti transformados em tentaculos de perdição. Eu poderia ter possuido um lar, onde as crianças abençoassem os meus carinhos e onde um companheiro laborioso se reconfortasse com o beijo da minha afeição. Venho te condenar, oh! desalmado assassino, em nome da justiça eterna que nos rege, acima dos homens. Ha mais de um lustro, espero-te nesta solidão indevassavel, onde não poderás comprar a consciencia dos juizes... Viveste com o teu conforto, enquanto eu penava com a minha miseria; mas, o inferno agora será de nós dois!...

O coronel fez uma pausa, enquanto eu meditava naquella historia.

—A mulher chorava, continuou ele, de meter dó. Aproximei-me dela, não sendo, porém, notada a minha presença. Olhei a cruz modesta e carcomida que havia sido arrancada, poucas horas antes, daqueles sete palmos de terra, para que ali fosse aberto um novo sepulcro, e, não sei se por artes do acaso, nela

estava escrito nm nome com pregos amarelos, já desfigurados pela ferrugem: R. S. — ORAE POR ELA.

Por uma coincidência sinistra, reencontravam-se os dois corpos e as duas almas. Procurei fazer tudo pelo Antonico, mas, quando atravesssei com o meu olhar a terra que lhe cobria os despojos, afigurou-se-me ver um monte de ossos que se moviam. Craneo, tibias, humerus, clavículas se reuniam sob uma ação misteriosa e vi uma caveira chocalhando os dentes de furia, ao mesmo tempo que umas falangetas de aço pareciam apertar o pescoço do cadaver do meu amigo.

—E ele, coronel, isto é, o Espirito, estava presente?

— Estava, sim. Presente e desperto. Lá o deixei, sentindo os horrores daquela sufocação...

—Mas, e Deus, coronel? Onde estava Deus que não se compadeceu do pecador arrependido?

O coronel me olhou, como se estivesse interrogando a si mesmo, e declarou por fim: —

— Homem, sei lá!... Acredito que Deus tenha criado o mundo; porém, acho que a Terra ficou mesmo sob a administração do Diabo.

9 de Abril de 1935.

JUDAS ISCARIOTES

Silencio augusto cáe sobre a Cidade Santa. A antiga capital da Judéia parece dormir o seu sono de muitos seculos. Além, descansa Gethsemani, onde o Divino Mestre chorou numa longa noite de agonia, acolá está o Golgotha sagrado e em cada coisa silenciosa ha um traço da Paixão que as épocas guardarão para sempre. E, em meio de todo o cenario, como um veio critalino de lágrimas, passa o Jordão silencioso, como se as suas aguas mudas, buscando o Mar Morto, quizessem esconder das coisas tumultuosos dos homens os segredos insondaveis do Nazareno.

Foi assim, numa destas noites, que vi Jerusalém, vivendo a sua eternidade de maldições.

Os Espiritos podem vibrar em contato direto com a historia. Buscando uma relação intima com a cidade dos profetas, procurava observar o passado vivo dos Lugares Santos. Parece que as mãos iconoclastas de Tito por ali passaram como executoras de um decreto irrevogavel. Por toda parte ainda persiste um sôpro de destruição e desgraça. Legiões de duendes, embuçados nas suas vestimentas antigas, percorrem as ruinas sagradas e, no meio das fatalidades que pesam sobre o emporio morto dos Judeus, não ouvem os homens os gemidos da humanidade invisivel.

Nas margens caladas do Jordão, não longe talvez do lugar sagrado, onde o Precursor baptizou a Jesus Cristo, divisei um homem sentado sobre uma pedra. De sua expressão fisionomica irradiava-se uma simpatia cativante.

— Sabe quem é este? — murmurou alguém aos meus ouvidos — Este é Judas.

— Judas?

— Sim. Os Espiritos apreciam, ás vezes, não obstante o progresso que já alcançaram, volver atrás, visitando os sitios onde se engrandeceram ou prevaricaram, sentindo-se momentaneamente transportados aos tempos idos. Então mergulham o pensamento no passado, regressando ao presente, dispostos ao heroísmo necessario do futuro. Judas costuma vir á Terra, nos dias em que se comemora a Paixão de Nosso Senhor, meditando nos seus atos de antanho...

Aquela figura de homem magnetizava-me. Eu não estou ainda livre da curiosidade do reporter, mas entre as minhas maldades de peccador e a perfeição de Judas existia um abismo. O meu atrevimento, porém, e a santa humildade do seu coração ligaram-se, para que eu o entrevistasse, procurando ouvi-lo.

— O senhor é, de facto, o ex-filho de Iscariot? — perguntei.

— Sim, sou Judas, respondeu aquele homem triste, enxugando uma lagrima nas do-

bras de sua longa tunica. Como o Jeremias, das Lamentações, contemplo ás vezes esta Jerusalém arruinada, meditando no juizo dos homens transitorios...

— É uma verdade tudo quanto reza o Novo Testamento com respeito á sua personalidade, na tragedia da condenação de Jesus?

— Em parte... Os escribas que redigiram os evangelhos não atenderam ás circunstancias e ás tricas politicas que acima dos meus atos predominaram na nefanda crucificação. Poncio Pilatos, o tetrarca da Galiléia, além dos seus interesses individuais na questão, tinha ainda a seu cargo salvaguardar os interesses do Estado romano, empenhado em satisfazer ás aspirações religiosas dos anciãos judeus. Sempre a mesma historia. O Sanhedrim desejava o reino do céu, pelejando por Jehovah a ferro e fogo; Roma queria o reino da Terra. Jesus estava entre essas forças antagonicas, com a sua pureza imaculada. Ora, eu era um dos apaixonados pelas idéias socialistas do Mestre; porém, o meu excessivo zelo pela doutrina me fez sacrificar o seu fundador. Acima dos corações, eu via a politica, unica arma com a qual poderia triunfar e Jesus não obteria nenhuma vitoria com o seu desprendimento das riquezas. Com as suas teorias nunca poderia conquistar as rédeas do poder, já que, no seu manto de pobre, se sentia possuido de um santo horror

á propriedade. Planejei então uma revolta surda, como se projeta hoje em dia na Terra a queda de um chefe de Estado. O Mestre passaria a um plano secundario e eu arranjaría colaboradores para uma obra vasta e energica, como a que fez mais tarde Constantino Primeiro, o Grande, depois de vencer Maxencio ás portas de Roma, o que, aliás, apenas serviu para desvirtuar o Cristianismo. Entregando, pois, o Mestre, a Caifás, não julguei que as coisas atingissem um fim tão lamentavel e, ralado de remorsos, presumi que o suicidio era a unica maneira de me redimir aos seus olhos.

— E chegou a salvar-se pelo arrependimento?

— Não. Não consegui. O remorso é uma força preliminar para os trabalhos reparadores. Depois da minha morte tragica, submergi-me em seculos de sofrimento expiatorio da minha falta. Sofri horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adeptos da doutrina de Jesus e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde, imitando o Mestre, fui traído, vendido e usurpado. Vitima da felonía e da traição, deixei na Terra os derradeiros resquícios do meu crime, na Europa do seculo XV. Desde esse dia, em que me entreguei por amor do Cristo a todos os tormentos e infamias que me aviltavam, com resignação e piedade pelos meus verdugos, fechei o

ciclo das minhas dolorosas reencarnações na Terra, sentindo na frente o osculo de perdão da minha propria consciencia...

— E está hoje meditando nos dias que se foram... — pensei com tristeza.

— Sim... estou recapitulando os factos como se passaram. E agora, irmanado com Ele, que se acha no seu luminoso Reino das Alturas, que ainda não é deste mundo, sinto nestas estradas o sinal de seus divinos passos. Vejo-o ainda na cruz, entregando a Deus o seu Destino... Sinto a clamorosa injustiça dos companheiros que o abandonaram inteiramente e me vem uma recordação carinhosa das poucas mulheres que o ampararam no doloroso transe... Em todas as homenagens a Ele prestadas, eu sou sempre a figura repugnante do traidor... Olho complacentemente os que me accusam sem refletir se podem atirar a primeira pedra... Sobre o meu nome pesa a maldição milenaria, como sobre estes sitios cheios de miseria e de infortunio. Pessoalmente, porém, estou saciado de justiça, porque já fui absolvido pela minha consciencia, no tribunal dos supplicios redentores.

Quanto ao Divino Mestre, continuou Judas com os seus prantos, infinita é a sua misericordia e não só para comigo, porque, se recebi trinta moedas, vendendo-o aos seus algozes, ha muitos seculos Ele está sendo crimino-

samente vendido no mundo a grosso e a retalho, por todos os preços, em todos os padrões do ouro amoeado...

— É verdade — conclui — e os novos negociadores do Cristo não se enforcam depois de vende-lo.

Judas afastou-se, tomando a direção do Santo Sepulcro, e eu, confundido nas sombras invisíveis para o mundo, vi que no céu brilhavam algumas estrelas sobre as nuvens pardacentas e tristes, enquanto o Jordão rolava na sua quietude como um lençol de águas mortas, procurando um mar morto.

19 de Abril de 1935.

AOS QUE AINDA SE ACHAM MERGULHADOS NAS SOMBRAS DO MUNDO

Antigamente eu escrevia nas sombras para os que se conservavam nas claridades da Vida. Hoje, escrevo na luz branca da espiritualidade, para quantos ainda se acham mergulhados nas sombras do mundo. Quero crêr, porém, que tão dura tarefa me foi imposta nas mansões da Morte, como exqu岸ita penitencia ao meu bom gosto de homem que colheu quanto pôde dos frutos saborosos da arvore paradisiaca dos

nossos primeiros pais, segundo as Escrituras.

Contudo, não desejo imitar aquele velho Tiresias que, á força de proferir alvitres e sentenças, conquistou dos deuses o dom divinatório, em troca dos preciosos dons da vista.

Por esta razão, o meu pensamento não se manifesta entre vocês que aqui acorreram para ouvi-lo, como o daquelas entidades batedoras que em Hydesville, na America do Norte, por intermedio das irmãs Fox, viviam nos primordios do Espiritismo, contando historias e dando respostas surpreendentes com as suas pancadas ruidosas e alegres.

Devo tambem esclarecer ao sentimento de curiosidade que os tangeram até aqui, que não estou exercendo ilegalmente a medicina, como grande parte dos defuntos, os quais, hoje em dia, vivem diagnosticando e receitando mézinhos e águas milagrosas para os enfermos.

Nem, tampouco, na minha qualidade de reporter "falecido", sou portador de alguma mensagem sensacional dos paredros comunistas que já se foram dessa vida para a melhor, emulos dos Lenine, dos Kropotkine, cujos cerebros, a esta hora, devem estar transbordando teorias momentosas para o instante amargo que o mundo está vivendo.

O objetivo das minhas palavras póstumias é somente demonstrar o homem... desencar-

nado e a imortalidade dos seus atributos. O facto é que vocês não me viram.

Mas, contem lá fóra que enxergaram o medium. Não afirmem que ele se parece com o Mahatma Gandhi, em virtude de lhe faltar uma tanga, uma cabra e a experiencia "anosa" do "Leader" nacionalista da India. Mas, historiem, com sinceridade, o caso das suas roupas remendadas e tristes de proletario e da sua pobreza limpa e honesta, que anda por esse mundo arrastando tamancos para a remissão de suas faltas nas anteriores encarnações. Quanto a mim, digam que eu estava por detraz do véu de Isis.

Mesmo assim, na minha condição de intangibilidade, não me furto ao desejo de lhes contar algo a respeito desta "outra vida", para onde todos têm de regressar. Se não estou nos infernos, de que fala a teologia dos cristãos, não me acho no setimo paraíso de Mahomet. Não sei contar as minhas aperturas na amarga perspectiva de completo abandono em que me encontrei, logo após abrir os meus olhos no reino extravagante da Morte. Afigurou-se-me que eu ia directamente consignado ao Aqueronte, cujas aguas amargosas deveria transpor, como as sombras, para nunca mais voltar, porque não cheguei a presenciar nenhuma luta entre São Gabriel e os Demonios, com as suas balanças tragicas, pela posse de minh'alma. Passa-

dos, porém, os primeiros instantes de inusitado receio, divisei a figura miuda e simples do meu Tio Antoninho, que me recebeu nos seus braços carinhosos de santo.

Em companhia, pois, de afeições ternas, no recanto fabuloso, que é a minha temporaria morada, ainda estou como aparvalhado entre todos os fenomenos da sobrevivencia. Ainda não cheguei a encontrar os sóes maravilhosos, as esferas, os mundos cometarios, portentos celestes, que descreve Flammarion na sua "Pluralidade dos Mundos". Para o meu espirito, a Lua ainda prossegue na sua carreira como esfinge eterna do espaço, embuçada no seu burel de freira morta.

Uma saudade doída e uma ansia sem termo fazem um turbilhão no meu cerebro: é a vontade de revêr, no reino das sombras, o meu pai e a minha irmã. Ainda não pude faze-lo. Mas, em um movimento de maravilhosa retrospectão, pude volver á minha infancia, na Miritiba longinqua. Revi as suas velhas ruas, semi-arruinadas pelas aguas do Piriá e pelas areias implacaveis... Revi os dias que se foram e senti novamente a alma expansiva de meu pai, como um galho forte e alegre do tronco robusto dos Véras, e á minha frente, nos quadros vivos da memoria, abracei a minha irmãzinha inesquecida, que era em nossa casa modesta como um anjo pequenino da Assunção de

Murilo, que se tivesse corporificado de uma hora para outra sobre as lamas da terra...

Descansei á sombra das arvores largas e fartas, escutando ainda as violas caboclas, repinicando os sambas da gente das praias nor-tistas e que tão bem ficaram arquivados na poesia encantadora e simples de Juvenal Galeno.

Da Miritiba distante transportei-me á Par-naíba, onde vibrei com o meu grande mundo liliputiano... Em espirito, contemplei com a minha mãe as folhas enseivadas do meu cajueiro, derramando-se na Terra entre as harmonias do canto choroso das rôlas morenas dos recantos distantes de minha terra.

De almas entrelaçadas contemplei o vulto de marfim antigo daquela santa que, como um anjo, espalmou muitas vezes sobre o meu espirito cansado as suas asas brancas. Beijei-lhe as mãos encarquilhadas genuflexo e segurei as contas do seu rosario e as contas miudas e claras que corriam furtivamente dos seus olhos, acompanhando a sua oração...

Ave-Maria... Cheia de graça... Santa Maria... Mãe de Deus...

Ah! de cada vez que o meu olhar se espalha tristemente sobre a superficie do mundo, volto a minha alma aos firmamentos, tomada de espanto e de assombro... Ainda ha pouco, nas minhas surpresas de recém-desencarnado, en-

contrei na existencia dos espaços, onde não se contam as horas, uma figura de velho, um Espirito ancião, em cujo coração milenario presumo refugiadas todas as experiencias. Longas barbas de neve, olhos transudando piedade infinita e infinita doçura, da sua fisionomia de Doutor da Lei, nos tempos apostolicos, irradiava-se uma corrente de profunda simpatia.

— “Mestre! — disse-lhe eu, na falta de outro nome — que podemos fazer para melhorar a situação do orbe terreno? O espectáculo do mundo me desola e espanta... A familia parece que se dissolve... o lar está balançando como os frutos pôdres, na iminencia de cair... a Civilização, com os seus numerosos seculos de leis e instituições, afigura-se-me haver tocado os seus apogeus... De um lado, existem os que se submergem num gozo aparente e ficticio e, do outro, estão as multidões famintas, aos milhares, que não têm senão rasgado no peito ferido o sinal da cruz, desenhado por Deus com as suas mãos prestigiosas, como os simbolos que Constantino gravara nos seus estandartes... E, sobretudo, Mestre, é a perspectiva horrorosa da guerra... Não ha tranquilidade e a Terra parece mais um fogareiro imenso, cheio de materias em combustão...”

Mas, o bondoso Espirito-ancião me respondeu com humildade e brandura:

— “Meu filho... Esquece o mundo e deixa o homem guerrear em paz!...”

Achei graça no seu paradoxo, porém, só me resta acrescentar:

— “Deixem o mundo em paz com a sua guerra e a sua indiferença!”

Não será minha boca quem vá soprar na trombeta de Josaphat. Cada um guarde aí a sua tença ou o seu preconceito.

23 de Abril de 1935.

A SUAVE COMPENSAÇÃO

Foi Wells que, em uma das suas audaciosas fantasias, descreveu o vale escuro e triste, onde um punhado de homens havia perdido as faculdades visuais. Tudo para eles era a mesma noite uniforme, onde se arrastavam como sombras da vida.

As gerações se haviam sucedido incessantemente, os seculos passaram e aqueles seres apagaram da lembrança as tradições dos antepassados que lhes falavam do estranho poder dos olhos, os quais, em seus organismos, nada mais eram que duas conchas de treva.

O mundo para eles estava circunscrito àquela prisão escura. Os trovões e o vozerio lamentoso dos ventos da tarde significavam para a sua acuidade auditiva as advertencias das bruxas que povoavam o seu deserto e o chilrear dos passarinhos o suave consolo que lhes prodigalizavam os genios carinhosos e alegres.

Eis, porém, que um dia desce ao vale misterioso um homem que vê. Fala aos filhos da treva das grandes maravilhas do mundo, dos tesouros amontoados nos seus imperios, das faiscentes grinaldas de luz dos plenilunios, do entusiasmo colorido das auroras de primavera, de tudo o que as mãos prestigiosas do Senhor puzeram nas paginas imensas do livro da natureza, para o encanto fugitivo dos homens.

Em resposta, contudo, ouve-se no calabouço um clamor de gargalhadas e de apreensões.

O homem da noite examina com as suas mãos o homem do dia e supõe descobrir a origem dos seus disparates, em descrevendo coisas inverosímeis para ele, atribuindo aos seus olhos a causa da sua loucura, concluindo pela necessidade de se lhe arrancarem esses órgãos, incomodos, como excrescencias daninhas.

Essa fantasia é applicavel ao mundo terreno, em se tratando das verdades novas. Eu sei disso porque tambem perambulei entre as furnas sombrias desse vale de treva misteriosa,

onde se reúnem os que tiveram a infelicidade de perder os olhos d'alma, desviando-se do progresso moral.

Envergando a minha camisa pobre na penitenciária do mundo, ri-me dos que me vinham contar as maravilhas deslumbrantes da pátria das almas. E, readquirindo os meus olhos, nos paizes da Morte, onde não cheguei a encontrar as aguas tenebrosas do Tartaro e do Styx, venho hoje, como o viajante incompreendido, falar aos que são objeto da ação inibitoria de uma cegueira cruel.

Não acredito na compreensão dos outros, com respeito aos meus argumentos de agora. Um morto nada tem a fazer no mundo daqueles que se presumem os unicos sobreviventes do Universo e preferi, por isso, o retraimento, quando os jornais abriram as suas colunas aos debates em torno das minhas palavras póstumas, recompensa justa ao meu pessimo gosto de voltar à essa prisão nevoenta da Vida.

Cheguei mesmo a ponderar que, na passagem evangelica em que o Senhor não permitiu a caridosa atenção de Lazaro para com a supplica do Rico, não foi com o objetivo de justifica-los na balança do merito e do demerito. Ainda aí, nessa hora de surpresas da lei das compensações, não poderia o Senhor fazer a apologia da indelicadeza. Nem o Rico voltou das labaredas fumegantes da sua consciencia culpa-

da e nem o Pobre do seu banquete de delicias, porque não valeria a pena transpor-se imensuraveis distancias para dizer aos encarnados apenas aquilo que constitue para o seu entendimento uma verdade inacessivel.

Muito antes de Hermes Thot, os homens já se curvavam ante os misterios indevassados da Morte. Todos conhecem as suas realidades terriveis. Alexandre tinha conhecimento de que, sob o seu látego impiedoso, teria de apodrecer, apesar da opulencia de sua gloria, da pompa de suas conquistas, tendo as suas cinzas nobres confundidas talvez com a poeira do ultimo dos miseraveis.

Mas, se ha essa vida, onde predominam a Justiça e o Amor, com o divino caracteristico da eternidade esplendorosa, os homens estão absortos no Lethes, afogados na carne para chorar e esquecer.

Os vivos são os vivos. Os mortos são os mortos. Toda a logica da ciencia humana está nessas frases curtas. Quando, porém, me entregava aos soliloquios do meu espirito, que nunca se considerou como um vencido, ouvi a voz solene dos genios que velam por nós das regiões azuladas para onde se elevam todas as nossas aspirações como fios de rosa e de ouro:

— “Não desanimes, tu que vieste da luta insana na amargurada existencia das provas!

Leva aos teus irmãos que sofrem o lenitivo da tua mensagem!... Dize-lhes da Misericórdia de Deus e da Suprema Justiça que rege os destinos! Se, na Terra, inumeros Espiritos se perdem nos desfiladeiros do orgulho e da impiedade, lembra o microcosmo em que viveste, onde os mais pesados tributos são pagos ao céu, em suplicas e esperanças..."

Energias novas infiltraram-se no meu sêr.

Uma atração incoercível conduziu-me a Sebastianopolis que faiscava. As luzes do dia arrancavam das suas praias uma paisagem fulgurante.

E gritei a todos, do alto do meu deslumbramento:

— "Não me vêem?... Eu estou vivendo sem a tutela de espiritos malignos. Quasi já não sou mais o homem carrancudo e triste, fechado na sua amargura de sofredor. É verdade que não poderei comparecer ás reuniões de Espiritismo, como ás sessões das quintas-feiras na Academia; mas, a morte não aniquilou a minha vida. Penso, luto e soffro, como dantes, crendo, porém, na eternidade luminosa!..."

Ninguém, contudo, me ouvia. Não pude fazer-me sentir nas avenidas ruidosas, regorgitando de transeuntes, parecendo-me, sob a influencia das minhas impressões fisicas, que estava prestes a ser esmagado pelos automoveis de luxo.

Na minha desilusão, porém, ouço uma voz humilde e saltitante:

— "Olhem as mensagens de Além-Tumulo!... Mensagens de Humberto de Campos!..."

Era a figura miúda do vendedor de jornais. Mãos generosas estendiam-lhe os seus nikeis, em troca da minha lembrança.

O seu mercado, nesse dia, foi certamente farto de compensações, porque um sorriso triunfante aflorava em seus labios, enfeitando o seu corpo magrinho.

Bastou a tua alegria, oh! menino amargurado dos Mórros, que és o triste ornamento da Cidade Maravilhosa, para que eu me sentisse compensado de muitas labutas, porque, se os meus companheiros não me compreenderam no patrimonio rico da sua intelectualidade, tu tiveste nesse dia, em memoria do meu humilde nome, um pouco de alegria, de conforto e de pão.

31 de Junho de 1935.

DO ALÉM-TUMULO

Dizem que os fantasmas dos mortos têm preferência pelas sombras da noite, para trazerem aos vivos um reflexo esbatido do misterio em que se lhes fecharam os olhos. Em todos os lugares, conhece-se a historia das almas aflitas que, agrilhoadas ao mundo pelo pensamento obsidiante acerca dos que ficaram para traz, regressam dos orbes indevassados, onde quasi todas as religiões collocaram o seu inferno e o seu céu.

Eu não venho nessa "hora que apavora", copiando as deliberações das "damas brancas", que surgem nas casas solarengas como abaa-tesmas de luar e de neblina, contrastando com a pesada escuridão da meia noite.

É até muito cedo para que um "morto" apareça, contrariando as opiniões gerais. Ainda ha résteas de sol, evadindo-se entre os arvoredos, como as rôlas morenas e ariscas, fugindo á noite cheia de sombras. Ha uma grandiosa placidez na paisagem que se aquieta como ove-lha mansa para ouvir a voz carinhosa do pastor. Vem aos olhos do meu pensamento aquele quadro de ha dois mil anos. Quando o Cristo pregou o Sermão da Montanha, especificando as bemaventuranças celestes, devia ser assim o crepusculo. A mesma paz evangelica, os mesmos perfumes entornando-se da taça imensa

do céu, a mesma esperança florindo no coração atormentado dos homens, beduinos extenuados desses desertos. Um alvoroço suave de recordações me conduz ao passado...

É de balde, porém, essa tentativa de confinarmos a Palestina nas montanhas do sertão brasileiro. Se é verdade que os Espiritos sempre falaram sobre os pontos alcantilados da Terra, como no Sinai e no Tabor, nós não somos o Divino Mestre. Ha quem afirme que nós, os desencarnados, somos precursores, como João Batista. Mas, ainda não encontrei aqui viv'alma nessa situação especialissima. Como os que hoje andam aí atribulados com o progresso, estamos longe da epoca messianica, em que os homens puros, para viverem sob a guarda de Deus, nada mais precisavam que um cantaro de mel.

Mas, não venho hoje para tecer considerações dentro da mistica religiosa.

Venho para falar a quantos estranham as minhas palavras depois da morte, admirando-se de que eu não apareça clamando perdão e misericordia, penitenciando-me dos mais nefandos pecados.

Desejariam que o Senhor derramasse sobre mim todas as suas cóleras sagradas; todas as torturas do Averno seriam poucas para consumir a minh'alma. Os vermes que corroeram o corpo leproso do patriarca da Biblia seriam,

para as minhas culpas, como leves caricias. Meus tormentos de além-tumulo deveriam exceder os de Tântalo. E tudo porque andei espalhando umas anedotas lidas pelas consciências que, condenando-me hoje das suas sacristias, vivem pensando no céu, sentindo na boca um gosto rubro de pecado.

São as almas imaculadas que se esqueceram das minhas feições humanas, olvidando que os palhaços também divertem o público para conquistar os vintens negros da vida. Se existem aí os que se confortam no luxo dos seus automóveis, deslizando no asfalto das avenidas, outros, para baterem á porta de uma padaria, é preciso que hajam passado através de um picadeiro.

Já tive ocasião de afirmar que não encontrarei o paraíso mussulmano.

Encontrei nesse "outro mundo" a minha própria bagagem. Meus pensamentos, minhas obras, frutos dos meus labores, da minha regeneração no sofrimento. Sem estar na beatitude do céu, não conheço igualmente a topografia do inferno. Os uivos de Cérbero ainda não ecoaram aos meus ouvidos. O "nessun maggior dolor", que Dante escutou dos lábios de Francesca da Rimini, em sua peregrinação pelas masmorras do tormento, constituiu provavelmente um resultado da perturbação dos seus nervos auditivos, porque eu afirmo o con-

trário. Não ha maior prazer que recordar, na paz daqui, as nossas dores na Terra.

E todos aqueles que vêm á ribalta, lamentando o meu relativo socego, cuidem de conservar a sua pureza. A Terra é tão inçada de abismos que, ás vezes, procurando olhar em excesso pelos que nos acompanham, costumamos cair neles.

Eu sou de facto grande culpado, não pelos meus esgares de caveira para arrancar o riso dos outros, mas diante da minha consciencia, pela minha teimosia e incompreensão referentes aos problemas da verdade. Todavia, Deus é a misericórdia suprema e, sem me acorrentar a colunas incandescentes, já prendeu o meu coração de filho pródigo nas algemas suaves do seu amor.

5 de Agosto de 1935.

OH! JERUSALÉM!... JERUSALÉM!

É possível a estranheza dos que vivem na Terra, com respeito á atitude dos desencarnados, esmiuçando-lhes as questões e opinando sobre os problemas que os inquietam.

É logico, porém, que os recém-libertos do mundo falem mais com o seu cabedal de experiencias do passado, que com a sua ciencia do presente, adquirida á custa de faculdades no-

vas, que o homem não está ainda á altura de compreender.

Podem imaginar-se na Terra determinadas condições da vida sobre a superfície de Marte; mas, que interessa, por enquanto, ao mundo semelhantes descobertas, se os enigmas que o assoberbam ainda não foram decifrados? Para o exilado da Terra, não vale a psicologia do homem desencarnado. Tateando na prisão escura da sua vida, seria quasi um crime aumentar-lhe as preocupações e ansiedades. Eu teria muitas coisas novas a dizer; todavia, apraz-me, com o objeto de me fazer compreendido, debruçar nas bordas do abismo em que andei vacilando, subjugado nos tormentos, perquirindo os seus logogrifos inextricaveis, para arrancar as lições da sua inutilidade.

Tambem o homem nada tolera que venha infringir o metro da sua rotina.

Presumindo-se rei na criação, não admite as verdades novas que esfacelam a sua corôa de argila.

Os mortos, para serem reconhecidos, deverão tanger a tecla da mesma vida que abandonaram.

Isso é intuitivo.

O jornalista, para alinhar os argumentos da sua cronica, busca os noticiarios, aproveita-se dos acontecimentos do dia, tirando a sua ilação das occorrencias do momento.

E meu espirito volve a contemplar o espetaculo angustioso dessa Abissinia, abandonada no seio dos povos, como o derradeiro reduto da liberdade de uma raça infeliz, cobricada pelo imperialismo do seculo, lembrando-me de Castro Alves, nas suas amarguradas "Vozes d'Africa":

*Deus, oh! Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu te escondes,
Embuçado nos céus?*

*Ha dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito.*

Onde estás, Senhor Deus?

Da Roma poderosa partem as caravanas de guerreiros. Cartago agoniza no seu desgraçado heroismo. Publio Cornelio consegue a mais estrondosa das vitorias. Os cerebros dos patricios illustres embriagam-se no vinho do triunfo; e nas galeras suntuosas, onde as aguias simbolizam o orgulhoso poder da Roma eterna, lamentam-se os escravos nos seus nefandos martirios.

Os cesares enchem a cidade das Sabinas de troféus e glorias. Todos os deuses são venerados. Os paizes são submetidos e os povos entoam o hino da obediencia á senhora do mundo.

Já não se ouve a melodiosa flauta de Pan nos bosques da Tessalia e nas margens do Nilo

apagam-se as luzes dos mais suaves misterios.

Vítima, porém, dos seus proprios excessos, o grande imperio vê apressar-se a sua decadencia. No esboroamento dos seculos, a invencivel potencia dos cesares é um montão de ruinas. Sobre os seus marmores suntuosos crescem as destruições.

Roma dormiu o seu grande sono.

Ei-la, contudo, que desperta.

Mussolini deixa escapar um grito do seu peito de ferro e a Roma antiga acorda do letargo, reconhecendo a perda dos seus imensos dominios.

Urge, porém, recuperar o poderio, empenhando-se em alargar o seu imperio colonial.

Onde e como?

O mundo está cheio de leis, de tratados de amparo reciproco entre as nações.

A França já ocupou todos os territorios ao alcance das suas possibilidades, a Alemanha está fortificada para as suas aventuras, o Japão tem as suas vistas sobre a China e a Inglaterra, calculista e poderosa, não pode ceder um milimetro no terreno das suas conquistas.

Mas, Roma quer a expansão da sua força economica e prepara-se para roubar a derradeira ilusão de um povo desgraçado, ao qual não basta a lembrança amarga dos cativeiros multi-seculares, julgando-se livre na obscura

faixa de terra para onde recuou, batido pela crueldade das potencias imperialistas.

Que mal fizeste á civilização corrompida dos brancos, oh! pequena Abissinia, grande pela expressão resignada do teu ardente heroismo?

Como pudeste, das areias calcinantes do deserto, onde apuras o teu espirito de sacrificio, penetrar nas instituições européias, provocando a furia das suas armas?

Deixa que passem sob o teu sol de fogo as hordas de vandalos, sedentas de chacina e de sangue.

Sobre as tuas esperanças malbaratadas derramará o Senhor o perfume da sua misericordia. Os humildes têm o seu dia de bemaventurança e de gloria.

Não importa sejas o joguêto dos caprichos condenaveis dos teus verdugos, porque sobre o mundo todas as fronte orgulhosas descerain do pináculo da sua grandeza para o esterquilinio e para o pó.

Se tanto for preciso, recebe sobre os teus ombros a mortalha de sangue, porque, junto do maravilhoso imperio da civilização apodrecida dos brancos, ouve-se a voz lamentosa de um novo Jeremias: — Oh! Jerusalém... Jerusalém!...

11 de Agosto de 1935.

FALANDO A PIRATININGA

Tive ensejo de afirmar aí, no mundo, que, se algum dia conseguisse liquidar todo o meu débito para com a terra maranhense e o Senhor decidisse mergulhar o meu espirito no Lethes da carne, eu desejaria ser paulista ou baiano.

São Paulo e Bahia foram os dois braços fortes que me ampararam na provação. A minha dívida para com ambos é sagrada e irredimível. Era do seio afetuosos da Bahia, terra mãe do Brasil, que me chegavam os brados de incitamento para a luta e dos celeiros fartos e generosos de São Paulo vinha a maior parte do meu pão.

Em seu território vivem os meus melhores amigos e do santuario do seu affecto subiram para Deus, em favor do escritor humilde e enfermo, as preces mais comovedoras e mais sinceras, as quais não lhe iluminaram apenas as estradas pedregosas da Vida, mas constituiram igualmente uma lampada suave no seu caminho da Morte.

Ignoro quando o Senhor resolverá o retorno do meu espirito aos tormentos da Terra, mas quero, antes de meditar nos calabouços da carne, falar do reconhecimento do meu coração.

Todas as coisas do Brasil falam particularmente á nossa alma: Piratininga é, porém, o poema de ouro e de aço das energias do seu povo. A sua historia, dentro da historia da Patria, é uma afirmação gloriosa de heroismo sagrado. O mesmo espirito de liberdade e de autonomia, que nos primórdios de sua organização lhe motivou o desejo de aureolar a fronte de Amador Bueno com uma corôa de rei, emancipando-se da sua condição subalterna, trabalha hoje, como trabalhou no passado, para eternizar, com o braço realizador, a epopéia da sua grandeza.

Entre as energias moças da terra ha um delirio contagioso de ação e de trabalho. O esforço carinhoso do homem une-se á exuberância da seiva e São Paulo desfralda, nas linhas vanguardistas, o lábaro do seu progresso e das suas conquistas. Do conforto de suas cidades modernas eleva-se para o céu a oração do labor que Deus escuta, premiando-lhe a oporosidade com as alegrias da fartura.

E dizem que Anchieta, ainda hoje, em companhia daqueles que lançaram a primeira pedra na base do glorioso edificio piratinia-

gano, passeia, entre as benções dos seus cafezais e das suas estradas, enviando uma sagra-da exortação aos que pelejam. Ele, que soube aliar no mundo a energia do homem ás virtudes do apóstolo, vê, do espaço infinito, a sublimidade da sua obra, e quando se aproxima das praias antigamente desertas e dos lugares onde as florestas desapareceram sob os milagres do progresso, as juritis morenas da terra fremem as suas asas de arminho, tecendo um palio inesperado, para cobrir a frente do homem prodigioso que lhes levou a palavra do Evangelho.

Abençoam-no das alturas os indigenas re-dimidos pela sua fraterna solicitude e sob a protecção afetuosa das aves, Anchieta sorri, contemplando a sua Piratininga que trabalha e floresce.

Sempre me referi ás coisas de São Paulo, com o carinhoso enternecimento da minha admiração.

E agora, longe das perturbações a que nos submete a carne, infligindo-nos a mais amargosa das escravidões, posso apreciar melhormente as suas afirmações de grandeza. Tenho a visão nitida dos seus valorosos feitos, da energica projecção dos ideais da sua gente intrepida, cuja actividade se desdobra no ambiente da confraternização de todas as raças, fun-

dindo-se no seu seio os mais enobrecedores sentimentos da fraternidade humana.

São Paulo de hoje é a bussola dos que hão de estudar amanhã a etnologia brasileira.

Ao lado de seus numerosos institutos de civilização e de cultura, Piratininga terá a sua "Sociedade de Estudos Psiquicos", como realidade nova do ideal espiritualista que, arregimentando as fileiras dos estudiosos, se prepara afim de constituir a luz da humanidade futura.

Abre-se, desse modo, no cenario da sua evolução, mais um centro de benemeritos, cuja acção não estará circunscrita á pesquisa científica, mas tambem ao levantamento do nivel moral da sociedade, intensificando os élos da fraternidade cristã; porque os verdadeiros estudiosos sabem que, se a ciencia contemporanea não está falida, não pôde, nas suas condições do momento, oferecer ao homem a chave das felicidades imortais.

A humanidade está faminta desse amor que só Deus pôde outorgar.

Um frio terrivel de desespero e desgraça sopra entre os homens que se esqueceram da meditação e da prece. E a Ciencia é a figura de Edipo eletrizado sob os fatalismos inelutaveis do destino. O êrro dos que investigam é buscar a sabedoria sem preparar o coração,

invertendo as determinações imperiosas da Vida.

Piratininga está, pois, preparando o coração de seus filhos e das suas arcas ricas e generosas se derramará muito pão espiritual para os celeiros empobrecidos.

Dos emporios da sua grandeza, saíram no passado as bandeiras civilizadoras, rasgando o coração das selvas compactas e, na atualidade, novas bandeiras sairão, rompendo o cipal da descrença em que os homens se emaranharam, para dizer a palavra da verdade e do amor. As suas armas de agora serão os ensinamentos do Evangelho, e o seu objetivo, a descoberta do filão do ouro espiritual.

Um jubilo inexprimível entorna-se do meu coração, dirigindo aos paulistas a minha palavra inexpressiva da tribuna da Morte e tomado de orgulhosa alegria, posso hoje exclamar:

—“Eu te agradeço, oh! Senhor! tão preciosos favores, porque, graças á tua bondade, pude hoje falar com S. Paulo, no momento em que ele se entregava com valoroso desassombro á obra da immortalidade, que é a obra do Evangelho !...”

18 de agosto de 1935.

CORAÇÃO DE MÃE

Dolorosa e comovedora é a carta dessa mulher maranhense que te chegou ás mãos, trazida sob as asas de um avião trepidante e ruidoso.

Mãe desesperada, apela para os sentimentos de paternidade, que não me abandonaram no tumulto, e grita aflitivamente, como se as suas letras tremidas fossem vestígios arroxeados do sangue do seu coração:

“Eu peço a Humberto de Campos que, mesmo do Além, salve o meu filho! Ele que não se esqueceu dos que deixou na Terra não pode negar uma esmola á minha'alma de mãe extrema !...”

E me lembro comovido dos apêlos que me eram dirigidos pelos sofredores, nos derradeiros tempos da minha vida, enquanto eu naufragava devagarinho no veleiro da Dor, entre as aguas pesadas do oceano da Morte.

Eu daria tudo para enviar a essa mulher sofredora da terra que foi minha a certeza de que o seu filho é uma criatura predileta dos deuses. Tudo faria para imitar aquelas mãos ternas e misericordiosas que descansaram sobre a fronte abatida do orfão da viuva de Naim, ressuscitando para um coração maravilhoso de

Mãe as energias do filho que padece sob as provações mais penosas.

A Morte, porém, não afasta do nosso caminho a visão estranha da fatalidade e do destino. Ha um determinismo no cenario das nossas existencias, criado por nós mesmos. O mal, com o seu cortejo de horrores, não está dentro dessa corrente impetuosa e irrefreavel, mas todos os seus élos são formados pelos sofrimentos.

Os homens de barro têm de batalhar a vida inteira, repelindo o Crime e o Pecado, mas inevitavelmente andarão atolados no pantanal da Dor e da Morte.

O que mais me pungia, depois de haver perquirido as lições dos sabios daí, era a inutilidade dos seus argumentos, ante as determinações irrevogaveis do destino. Após haver atravessado as estradas da ignorancia desprerenciosa, no limiar do imenso palacio das experiencias alheias, presumia encontrar a solução dos enigmas que confundem o cerebro humano. Mas, em todas achei o mesmo tormento, as mesmas ansiedades angustiosas.

Frente á frente do pulso inflexivel da Morte, toda a ciencia do mundo é de uma insignificancia irremediavel. Nesse particular, todo o portentoso edificio da filosofia de Pitágoras não valia mais que as extravagantes teorias doutrinarias propaladas no mundo.

Todos quantos laboram em favor do homem da terra esbarram nos muros indevassaveis da Sombra. O Cristo foi o unico que espalhou, na masmorra da carne, uma claridade suave, porque não se dirigiu á criatura terrena, mas á criatura espiritual.

Assombrava-me o espetaculo pavoroso do mundo, onde as leis, liberalissimas para a aristocracia do ouro e severa em face dos infelizes que palmilham o caminho espinhoso com os pés descalços e feridos, refletem o caracter humano com os seus incorrigiveis defeitos.

E, despertando de longos pesadelos na porta de claridade da sepultura, a minha primeira inquirição, com respeito aos problemas que me atormentavam, foi uma pergunta dolorosa acerca dos contrastes amargos do mundo. Ainda aqui, porém, os genios carinhosos da Sabedoria abençoam e sorriem aos que os interpellam, porque a decifração dos enigmas das nossas existencias está em nós proprios. Apesar do destino inflexivel, ha uma força em nós que dele independe, como origem de todas as nossas ações e pensamentos. Somos obreiros da trama caprichosa das nossas proprias vidas. As mãos que hoje cortam as felicidades alheias amanhã se recolherão, como galhos ressequidos, nas frondes verdes da Vida. As iniquidades de um Herodes podem desaparecer sob o manto de

renúncias de um Vicente de Paulo. O sensualismo de Madalena foi expurgado nos prantos amargosos da expiação e do arredendimento. Quando pudermos ver o passado em todo o seu desdobramento, depois de contemplarmos a Messalina na sua noite de regalados prazeres, ve-la-emos de novo, arrastando-se nas margens do Tibre, enfiada num vestido horripilante de negras monstruosidades.

Faltou-me na vida terrena semelhante compreensão, para entender a Verdade.

Que essa pobre mãe maranhense considere esses realismos que nos edificam e nos salvam.

E, como um anjo de Dor á cabeceira do seu filho, eleve o seu apêlo ao coração augusto d'Aquele que remove as montanhas com o sôpro suave do seu amor. Sua oração subirá ao Infinito, como um calice de perfume, derramado ao clarão das estrelas que enfeitam o trono invisível do Altíssimo e, certamente, os anjos da Piedade e da Doçura levarão a sua prece, como candida oferta da sua alma sofredora, á magnanimidade daquela que foi a Rosa Mística de Nazareth. Então, nesse momento, talvez que o coração angustiado de mãe que chora na Terra se illumine a uma claridade estranha e misericordiosa. Seu lar desditoso e humilde será por instantes um altar dessa luz invisível para os olhos mortais. Duas mãos de nevoa translúcida pousarão como assucenas sobre a

sua alma oprimida e uma voz carinhosa e embaçadora murmurará aos seus ouvidos:

— “Sim, minha filha ! . . . ouvi a tua prece e vim suavisar o teu martirio, porque tambem tive um filho que morreu ignominiosamente na cruz.”

23 de agosto de 1935.

O TÊTE-À-TÊTE DAS SOMBRAS

Quando ainda no mundo, não me era dado avaliar o “tête-à-tête” amigavel dos Espiritos, á maneira dos homens, apenas com a diferença de que as suas palestras não se desdobram á porta dos cafés ou das livrarias.

E é com surpresa que me reúno áqueles que estimo, quando se me apresentam oportunidades para uns dedos de prosa.

Estavamos nós, quatro almas desencarnadas, como se fossemos no mundo quatro figuras apocalípticas, discutindo ainda as coisas mesquinhas da Terra e a palestra versava justamente sobre a evolução das idéias espiritas no Brasil.

— “Infelizmente — exclamava um dos do grupo, provecia figura dessas doutrinas, desencarnado ha bons anos no Rio de Janeiro, — o que infesta o Espiritismo em nossa terra

é o mau gosto pelas discussões estereis. O nosso trabalho é continuo, para que muitos confrades não se engalfinhem pela imprensa, demonstrando-lhes, com lições indirectas, a inutilidade das suas polemicas. Mesmo assim, a doutrina tem realizado muito. As suas obras de caridade cristã estão multiplicadas por toda parte, atestando o labor do Evangelho."

Foi lembrada então a figura respeitavel de Bittencourt Sampaio, no principio da organização espirita no paiz, recordando-se igualmente a covardia de alguns companheiros que, guindados a prestigiosas posições na sociedade e na politica, depressa esqueceram o seu entusiasmo de crentes, bandeando-se para o oportunismo das ideologias novas.

Ia a conversação a essa altura, quando o Dr. C., um dos mais caridosos facultativos do Rio, recentemente desencarnado, cujo nome não devo mencionar respeitando os preconceitos, que se estendem ás vezes até aqui, explicou:

— "É pena que venhamos a compreender tão tarde o Espiritismo, reconhecendo a sua logica e grandeza moral, só depois do nosso regresso do mundo.

"Nós, os medicos, temos sempre o cerebro trabalhado de canseiras, na impossibilidade de resolver o problema da sobrevivencia. É certo que nunca se encontrará o ser na autopsia de um cadaver, mas, tudo na vida é uma vibração

profunda de espiritualidade. Como a ciencia, porém, vigia as suas conquistas do Passado, ciosa dos seus dominios, ainda que sejamos inclinados ás verdades novas, somos obrigados, muitas vezes, a nos retrair, temendo os Zaratustras da sua infalibilidade.

"Eu mesmo, nos meus tempos de clinica do Rio de Janeiro, fui testemunha de casos extraordinarios, desenrolados sob as minhas vistas. Todavia, fui tambem presa do comadismo e do preconceito."

E o Dr. C., como se mergulhasse os olhos no abismo das coisas que passaram, continuou pausadamente:

— "Eu já me encontrava com residencia na praia de Botafogo, quando lavrou na cidade um surto epidemico de gripe, aliás com minima repercussão, comparado á epidemia de após a guerra. E como sempre contava, entre aqueles que recorriam á minha atividade profissional, diversos amigos pobres dos Mórros e particularmente da Prainha, foi sem surpresa que, numa noite fria e nevoenta, abri a porta para receber a visita de uma garota de seus dez anos, humilde e descalça, que vinha, tremula e acanhada, solicitar os meus serviços.

— "Doutor, dizia ela, a mamãe está muito mal e só o senhor pode salva-la... Quer fazer a caridade de vir comigo?"

"Impressionaram-me a sua graça infantil

e o estranho fulgor dos seus olhos, junto ao sorriso melancólico que brincava na sua boca miúda.

“Considerarei tudo quanto esperava a minha atenção urgente e procurei convence-la da minha impossibilidade de a seguir, prometendo atende-la no dia imediato. Todavia, a minha pequena interlocutora exclamou com os olhos rasos d’agua:

— “Oh! doutor, não nos abandone. Ninguém, a não ser a proteção de Deus, vela por nós neste mundo. Se o senhor não quiser nos auxiliar, a mamãe estará perdida e ela não pode morrer agora. Venha!... o senhor não teve também uma mãe, que foi o anjo de sua vida?”

“A última frase dessa menina tocou fundo o meu coração e me lembrei dos tempos longínquos, em que minha mãe embalava os sonhos da minha existência, comprando-me com o suor da sua pobreza honesta os alfarrabios e o pão.

“Eu devia auxiliar a essa pequena, fosse onde fosse. A medicina era o meu sacerdócio e dentro da noite chuvosa que amortalhava todas as coisas, como se o céu invisível chorasse sobre as trevas do mundo, o taxi rolava conosco, como um fantasma barulhento, atravessando as ruas alagadas e desertas. Aquela menina, triste e silenciosa, tinha os olhos brilhan-

tes, perdidos no vacuo. Seu corpo magrinho recostava-se inteiramente nas almofadas, enquanto os seus pés minúsculos se escondiam nas franjas do tapete. Lembrando as suas frases significativas, quiz reatar o fio do nosso dialogo: “Ha muito tempo que sua mãe se acha doente?”

— “Não, senhor. Primeiro, fui eu; enquanto estive mal, tanto a mamãe cuidou de mim, que até caiu cansada e enferma também.”

— “Que sente a sua mãe?”

— “Muita febre. As noites são passadas sem dormir. Às vezes, grito para os vizinhos, mas parece que não me ouvem, pois estamos sempre as duas isoladas... Costumamos chorar muito com esse abandono; mas, diz a mamãe que a gente precisa sofrer, entregando a Deus o coração.”

— “E como soube você onde moro?”

— “Foi a visita de um homem que eu não conhecia. Chegou devagarinho á nossa porta, chamando-me á rua, dizendo-se amigo que o senhor muito estima; e, ensinando-me a sua casa, prometeu que o senhor me atenderia, porque também havia tido uma mãe boa e carinhosa.”

“Nosso dialogo foi interrompido. A pequena enigmática mandou parar o carro. Apon- tou o local de sua residencia, estendendo a mão descarnada e miúda e, com poucos passos, ba-

tíamos á porta modesta de uma choupana miseravel.

— “Espere, doutor, disse ela, eu lhe abrirei a porta passando pelos fundos.”

“E, já inquieta, desembaraçada, desapareceu sob as minhas vistas. Uma tamarela deslizou, com cuidado, no meio da noite e entrei no casebre. Uma lamparina bruxoleante e humilde, que iluminava a saleta com o seu clarão palido, que deixava ver, no catre limpo, um corpo de mulher desfigurado e disforme. O seu rosto, sulcado de lagrimas, era o atestado vivo das mais crueis privações e dificuldades. Niobe estava ali petrificada na sua dor. Todos os martirios se concentravam naquele pardierio abandonado. Ás minhas primeiras perguntas, respondeu, numa voz suave e debil:

— “Não, doutor, não tente arrancar a minha alma desesperada das garras da Morte! Nunca precisei tanto, como agora, de deixar para sempre o calabouço da Vida!”

“E prosseguia, delirando: — “Nada me resta... Deixem-me morrer!...”

“Sobrepuz, porém, a minha voz ás suas lamentações e exclamei com energia:

— “Minha senhora, vou tomar todas as providencias que o seu caso está exigindo. Hoje mesmo cessará esse desamparo. Urge reanimar-se! Resta-lhe muita coisa no mundo,

resta-lhe essa filha afetuosa, que espera o seu carinho de mãe extremosa!...”

— “Minha filha? — retrucou aquella criatura, meio-mulher e meio-cadaver — Duas grossas lagrimas feriram fundo as suas faces empalidecidas. — Minha filha está morta desde ante-ontem!... Olhe, doutor, aí no quarto e não procure devolver a saude a quem tanto necessita morrer!...”

“Então, espantado, passei ao apartamento contiguo. O corpo de cêra daquela criança misteriosa, que me chamara nas sombras da noite, ali estava, envolvido em panos pobres e claros. O seu rosto imovel de boneca magrinha era um retrato da privação e da fome. Os grandes olhos fulgurantes estavam agora fechados e na boca miúda pairava o mesmo sorriso suave das almas resignadas e tristes.

“Eu deslizara nas avenidas com uma sombra dos mortos.”

E, cobrindo melancolicamente o painel das suas lembranças, o nosso amigo terminou:

— “Decorridos tantos anos, ainda ouço a voz do fantasma pequenino e gracioso; e, na luta da Vida, muita vez me ocorreu o seu conselho suave, que me ensinou a sofrer, entregando a Deus o coração.”

28 de Agosto de 1935.

NO DIA DA PATRIA

O Brasil celebra hoje o seu Dia da Pátria. As bandeira ouro e verde serão desfraldadas aos quatro ventos. Nas grandes cidades, serão ouvidos os ecos dos clarins, nas paradas militares, e uma vibração de entusiasmo percorrerá o coração dos patriotas.

Sei também que muitas personalidades desencarnadas, que antigamente pelejaram pela organização da nacionalidade, hoje se voltam para São Sebastião do Rio de Janeiro, onde pretendem participar das cerimônias comemorativas; muitos dos chefes tapuias e tupis, legítimos donos da terra conquistada pelos portugueses, ainda no espaço, não desdenharão igualmente de passear os seus olhos pelo cenário das suas passadas existências, recordando hoje as suas tabas solitárias, os seus costumes, que os brancos perverteram, a imensidade das suas selvas e a beleza melancólica das suas praias desertas.

Todavia, lembrando Paicolás, reconhecerão alguns benefícios de sua influência, ao lado de seus inumeráveis defeitos. Não de contemplar, enlevados, a Avenida Central, a Avenida Atlântica, a praia de Copacabana, o Russell, o Leblon, as obras de saneamento e o casario imenso da cidade maravilhosa, derramando-se

pelos vales, pelas serras e planícies, numa alucinação de progresso vertiginoso.

Os homens e os Espíritos desencarnados se reunirão, celebrando a data festiva.

Essas solenidades são sempre lindas e alegres, quando encaradas dentro da sua formosa significação.

As pátrias devem ser as casas imensas das famílias enormes. Unidas fraternalmente, realizariam o sonho da Canaan das Escrituras, na face da Terra. Contudo, quanto mais avançou a civilização nas suas estradas, mais o conceito de pátria foi viciado na essência da sua legítima expressão.

O progresso científico eliminou quasi todos os problemas da incomunicabilidade. A radiotelegrafia fez do planeta uma sala minúscula, onde os países conversam, como as pessoas. Os paquetes para as viagens transoceânicas são cidades flutuantes, como hifens gigantescos, unindo os povos. As máquinas aéreas, aperfeiçoadas e admiravelmente dispostas, sulcam os ares, devorando as distâncias. Por toda parte, rasgam-se estradas. Há uma ansia de comunhão em todas as coisas. Tudo tende a unir-se, aproximando-se.

Entretanto, nunca as pátrias estiveram tão afastadas umas das outras, como agora. Jamais se fez uma apologia tão grande da política de isolamento. As pátrias andam es-

quecidas de que a existencia depende de trocas incessantes. Os maiores desequilibrios financeiros e economicos são infligidos ás nações, no seu egoismo coletivo.

Deslumbrada, num periodo esplendoroso de sua evolução, e sentindo-se no limiar de transformações radicais em todos os setores de sua atividade, a sociedade humana escuta a voz dos seus genios e dos seus apóstolos, desejando eliminar as fronteiras de todos os matices que separam os seus membros, fundindo-se nesse abraço de Unidade que ela começa a compreender. Mas, a politica representa o passado multi-milenario. Os governos se concentram á base da força e o antagonismo que impera entre todos os elementos da atualidade apresenta um espetaculo interessantissimo. Todos os pactos de paz são mentirosos. Haverá maior contradição que a de um instituto de paz, que deve ser pura e espontanea, guardado por exercitos armados até os dentes?

Em todos os sistemas politicos dos tempos modernos, predominam apenas os pruridos da hegemonia internacional. Em virtude de semelhantes disparates, a guerra é inevitavel. Não haverá confabulações diplomaticas que a eliminem, por enquanto, do caminho dos homens. E a guerra de agora será mais dolorosa e terrivel. Todas as conquistas da ciencia serão mobilizadas a seu serviço. A bate-

riologia, a eletricidade, a mecanica, a quimica, todos os elementos serão requeridos pelo polvo insaciavel.

Deus criou a Paz, o Amor e a Fraternidade, mas os homens criaram os seus proprios destinos. Confundidos no labirinto de suas maldades, só têm podido iluminar os caminhos da Vida com os fachoos incendiados da Morte.

Na atualidade, a guerra das patrias representa a guerra dos sentimentos; porque uma era nova, de fraternidade cristã, desabrochará nos horizontes do mundo. Todos os Espiritos falam nessa renovação e ela aparecerá, clareando o dia novo da humanidade.

Nessa epoca de ouro espiritual, que talvez não venha longe, o mundo entenderá a mensagem de paz do Divino Cordeiro. Uma brisa suave de conforto e de alivio descera do Céu sobre as fronteas atormentadas das criaturas. Terminará o diluvio de expiações, em que o homem, ha seculos, está envolvido e um passaro simbolico trará novamente a oliva da esperança.

E o Brasil que, embora com sacrificios ingentes, vem colaborando na disseminação da mensagem da imortalidade e da esperança, nessa era nova entoará, com as nações irmã-nadas, o hino da Paz, compreendendo, pela evolução moral dos seus filhos, a beleza maravilhosa da Patria Universal.

7 de Setembro de 1935.

UM CÉPTICO

Ainda não me encontro bastante desapagado desse mundo, para que não me sentisse tentado a voltar a ele, no dia que assinalou o meu desprendimento da carcassa de ossos.

Se o vinte e sete de outubro marcou o meu ingresso no reino das sombras, que é a vida daí, o cinco de dezembro representou a minha volta ao paiz de claridades benditas, cujas portas de ouro são escancaradas pelas mãos poderosas da morte.

Nessa noite, o ambiente no cemiterio de São João Batista parecia sufocante. Havia um "que" de misterios, entre as catacumbas silenciosas, que me enervava, apesar da ausencia dos nervos tangiveis no meu corpo estranho de espirito. Todavia, toquei as flores cariciosas que a Saudade me levara, piedosa e compungidamente. O seu aroma penetrava o meu coração como um consolo brando, conduzindo-me, num retrospecto maravilhoso, ás minhas afeições comovidas, que haviam ficado á distancia.

E, foi entregue a essas cogitações, a que são levados os mortos quando penetram o mundo dos vivos, que vi, acorado sobre a terra, um dos companheiros que me ficavam proximos ao "bungalow" subterraneo com que fui mimoseado na terra carioca.

— O senhor é o dono desses ossos que estão por aí apodrecendo? interpelou-me.

— Sim, e a que vem a sua pergunta?

— Ora, é que me lembro do dia de sua chegada ao seu palacete subterraneo. Recordo-me bem, apesar de sair pouco dessa toca para onde fui relegado ha mais de trinta anos... O senhor se lembra? A urna funeraria, portadora dos seus despojos, saiu solenemente da Academia de Letras, altas personalidades da politica dominante se fizeram representar nas suas exequias e ouvi sentidos panegiricos pronunciados em sua homenagem. Muito trabalho tiveram as maquinas fotograficas na camaradagem dos homens da imprensa e tudo fazia sobresaír a imponencia do seu nome illustre. Procurei aproximar-me de si e notei que as suas mãos, que tanto haviam acariciado o espadim academico, estavam inermes e que os seus miolos, que tanto haviam vibrado, tentando aprofundar os problemas humanos, estavam reduzidos a um punhado de massa informe, onde apenas os vermes encontrariam algo de util. Entretanto, embora as homenagens, as honorarias, a celebridade, o senhor veio humildemente repousar entre as tibias e os húmeros daqueles que o antecederam na jornada da Morte. Lembra-se o senhor de tudo isso?

— Não me lembro bem... Tinha o meu

espírito perturbado pelas dores e emoções sucessivas.

— Pois eu me lembro de tudo. Daqui, quasi nunca me afasto, como um olho de Argos, avivando a memoria dos meus vizinhos. O senhor conhece as criptas de Palermo?

— Não.

— Pois, nessa cidade, os monges, um dia, conjugando a piedade com o interêsse, inventaram um cemiterio bizarro. Os mortos eram mumificados e não baixavam á sepultura. Prosseguiam de pé a sua jornada de silencio e de mudez espantosa. Milhares de esqueletos ali ficaram, em marcha, vestidos ao seu tempo, segundo os seus gostos e opiniões. Muito rumor çausou essa parada de caveiras e de canelas, até que um dia um inspetor da hygiene, visitando essa casa de sombras da vida e ençado com a presença dos ratos que roiam displícitamente as costelas dos trespassados ricos e illustres, que se davam ao gosto de comprar ali um lugar de descanso, mandou cerrar-lhe as portas pelo ministro Crispi, em 1888. Ora, bem: eu sou uma especie dos defuntos de Palermo. Aqui estou sempre de pé, apezar dos meus ossos estarem dissolvidos na terra, onde se encontraram com os ossos dos que foram meus inimigos.

— A vida é assim, disse-lhe eu; mas, porque se dá o amigo a essa ingloria tarefa, na

solidão em que se martiriza? Não teria vindo do orbe com bastante fé, ou com alguma credencial que o recomendasse a este mundo cujas fileiras agora integramos?

— Credenciais? Trouxe muitas. Além da honorabilidade de velho politico do Rio de Janeiro, trazia as insignias da minha fé catolica, apostolica, romana. Morri com todos os sacramentos da igreja; porém, apezar das palavras sacramentais, da liturgia e das felicitações dos hissopes, não encontrei viva alma que me buscasse para o caminho do Céu, ou mesmo do Inferno. Na minha condição de defunto incompreendido, procurei os templos catolicos, que certamente estavam na obrigação de me esclarecer. Contudo, depressa me convenci da inutilidade do meu esforço. As igrejas estão cheias de mistificações. Se Jesus voltasse agora ao mundo, não poderia tomar um atomo de tempo pregando as virtudes cristãas, na base luminosa da humildade. Teria de tomar, incontinenti, ao regressar a este mundo, um latigo de fogo e trabalhar anos a fio no saneamento de sua casa. Os vendilhões estão muito multiplicados e a época não comporta mais o Sermão da Montanha. O que se faz necessario, no tempo atual e no tocante a esse problema, é a creolina de que falava Guerra Junqueiro, nas suas blasfemias.

— Mas, o irmão está muito céptico. É preciso esperança e crença. . .

— Esperança e crença? Não acredito que elas salvem o mundo, com essa geração de condenados. Parece que maldições infinitas perseguem a moderna civilização. Os homens falam de fé e de religião, dentro do snobismo e da elegância da época. A religião é para uso externo, perdendo-se o espirito nas materialidades do seculo. As criaturas parecem muito satisfeitas sob a tutela estranha do diabo. O nome de Deus, na atualidade, não deve ser evocado senão como mascara, para que os enigmas do demonio sejam resolvidos.

Não estamos nós aqui, dentro da terra da Guanabara, paraíso dos turistas, cidade maravilhosa? Percorra o senhor, ainda depois de morto, as grandes avenidas, as arterias gigantes da capital e verá as crianças famintas, as mãos enauseantes dos leprosos, os rostos desfigurados e palidos das mães sofredoras, enquanto o governo remodela os teatros, incentiva as orgias carnavalescas e multiplica regalias e distrações. Vá ver como o cancer devora os corpos enfermos no hospital da Gambôa; ande pelos môrros, para onde fugiu a miséria e o infortunio; visite os hospícios e leprosarios. Ha de se convencer da inutilidade de todo serviço em favor da esperança e da crença. Em materia de religião, tente materia-

lizar-se e corra aos predios elegantes e aos bungalows adoraveis de Copacabana e do Leblon, suba a Petropolis e grite a verdade. O seu fantasma seria corrido a pedradas. Todos os homens sabem que hão de chocalhar os ossos, como nós, algum dia, mas, um vinho diabolico enevenenou no berço essa geração de infelizes e de descrentes.

— Porque o amigo não tenta o Espiritismo. Essa doutrina representa hoje toda a nossa esperança.

— Já o fiz. É verdade que não compareci em uma reunião de sabedores da doutrina, conhecedores do terreno que perquiriam; mas, estive em uma assembléa de adeptos e procurei falar-lhes dos grandes problemas da existencia das almas. Exprobrei os meus êrros do passado, penitenciando-me das minhas culpas para escarmenta-los; mostrei-lhes as vantagens da prática do bem, como base unica para encontrarmos a senda da felicidade, relatando-lhes a verdade terrivel, na qual me achei um dia, com os ossos confundidos com os ossos dos miseraveis. Todavia, um dos componentes da reunião interpelou-me a respeito das suas tricas domesticas, acrescentando uma pergunta quanto á marcha dos seus negocios.

Desiludi-me.

Não tentarei coisa alguma. Desde que temos vida depois da morte, prefiro esperar a

hora do Juízo Final, hora essa em que deverei buscar um outro mundo, porque, com respeito á Terra, não quero chafurdar-me na sua lama. Por estranho paradoxo, vivo depois da morte, serei adepto da congregação dos descrentes...

— Então, nada o convence ?

— Nada. Ficarei aqui até á consumação dos évos, se a mão do Diabo não se lembrar de me arrancar dessa toca de ossos moidos e cinzas asquerosas. E, quanto ao senhor, não procure afastar-me dessa misantropia. Continúe gritando para o mundo que lhe guarda os despojos. Eu não o farei.

E o singular personagem recolheu-se á escuridão do seu canto imundo, enquanto pesava no meu espirito a certeza dolorosa da existência dessas almas vãs e incompreendidas, na parada eterna dos tumulos silenciosos, para onde os vivos levam de vez em quando as flores perfumadas da sua saudade e da sua afeição.

13 de Dezembro de 1935.

A ORDEM DO MESTRE

Avizinhandose o Natal, havia tambem no Céu um reboiço de alegrias suaves. Os Anjos acendiam estrelas nos cómoros de neblinas douradas e vibravam no ar as harmonias mis-

teriosas que encheram um dia de encantadora suavidade a noite de Belém. Os pastores do paraíso cantavam e, enquanto as harpas divinas tangiam suas cordas sob o esforço caricioso dos zéfiros da imensidade, o Senhor chamou o Discipulo Bem Amado ao seu trono de jasmims matizado de estrelas.

O vidente de Patmos não trazia o estigma da decrepitude, como nos seus ultimos dias entre as Espórades. Na sua fisionomia pairava aquela mesma candura adolescente que o caracterizava no principio do seu apostolado.

— João — disse-lhe o Mestre — lembreste do meu aparecimento na Terra?

— Recordo-me, Senhor. Foi no ano 749 da éra romana, apesar da arbitrariedade de Frei Dionisios, que colocou erradamente o vosso natalicio em 754, calculando no seculo VI da éra cristã.

— Não, meu João — retornou docemente o Senhor — não é a questão cronologica que me interessa, em te arguindo sobre o passado. É que nessas suaves comemorações vêm até mim o murmúrio doce das lembranças!...

— Ah! sim, Mestre Amado, retrucou presuroso o Discipulo, compreendo-vos. Falais da significação moral do acontecimento. Oh!... se me lembro... a mangedoira, a estrela guiando os poderosos ao estabulo humilde, os canticos harmoniosos dos pastores, a alegria res-

soante dos inocentes, afigurando-se-nos que os animais vos compreendiam mais que os homens, aos quais ofertaveis a lição da humildade, com o tesouro da fé e da esperança. Naquela noite divina, todas as potencias angelicas do paraíso se inclinaram sobre a Terra cheia de gemidos e de amargura, para exaltar a mansidão e a piedade do Cordeiro. Uma promessa de paz desabrochava para todas as coisas, com o vosso aparecimento sobre o mundo. Estabelecera-se um noivado meigo entre a Terra e o Céu e recordo-me do jubilo com que vossa Mãe vos recebeu nos seus braços, feitos de amor e de misericórdia. Dir-se-ia, Mestre, que as abelhas de ouro do paraíso fabricaram, naquela noite de aromas e de radiosidades indefiníveis, um mel divino no coração piedoso de Maria!...

Retrocedendo no tempo, meu Senhor bem amado, vejo o transcurso da vossa infancia, sentindo o martírio de que fostes objeto; o extermínio das crianças de vossa idade, a fuga nos braços carinhosos da vossa progenitora, os trabalhos manuais em companhia de José, as vossas visões maravilhosas no Infinito, em comunhão constante com o vosso e nosso Pai, preparando-vos para o desempenho da missão unica que vos fez abandonar por alguns momentos os palacios de sol da mansão celestial, afim de descer sobre as lamas da Terra...

— Sim, meu João, e, por falar nos meus deveres, como seguem no mundo as coisas atinentes á minha doutrina?

— Vão mal, meu Senhor. Desde o concilio ecumenico de Nicéia efetuado para combater o chisma de Ario em 325, as vossas verdades são deturpadas. Ao arianismo, seguiu-se o movimento dos iconoclastas, em 787, e tanto contrariaram os homens o vosso ensinamento de pureza e de simplicidade, que eles proprios nunca mais se entenderam na interpretação dos textos evangelicos.

— Mas, não te recordas, João, que a minha doutrina era sempre acessivel a todos os entendimentos? Deixei aos homens a lição do caminho, da verdade e da vida, sem lhes haver escrito uma só palavra.

— Tudo isso é verdade, Senhor, mas, logo que regressastes aos vossos imperios resplandecentes, reconhecemos a necessidade de legar á posteridade os vossos ensinamentos. Os Evangelhos constituem a vossa biografia na Terra; contudo, os homens não dispensam, em suas atividades, o véu da materia e do simbolo. A todas as coisas puras da espiritualidade adicionam a extravagancia de suas concepções. Nem nós e nem os Evangelhos poderíamos escapar. Em diversas basilicas de Ravena e de Roma, Mateus é representado por um jovem, Marcos por um leão, Lucas por um touro e eu,

Senhor, estou ali sob o simbolo estranho de uma aguia.

— E os meus representantes, João, que fazem eles?

— Mestre, envergonho-me de o dizer. Andam quasi todos mergulhados nos interesses da vida material. Em sua maioria, aproveitam-se das oportunidades para explorar o vosso nome e, quando se voltam para o campo religioso, é quasi que apenas para se condenarem uns aos outros, esquecendo-se de que lhes ensinastes a se amarem como irmãos.

— As discussões e os simbolos, meu querido, disse-lhe suavemente o Mestre, não me impressionam tanto. Tiveste, como eu, necessidade destes ultimos, para as predicções e, sobre a luta das idéias, não te lembras quanta autoridade fui obrigado a despender, mesmo depois da minha volta da Terra, para que Pedro e Paulo não se tornassem inimigos? Se entre os meus apóstolos prevaleciam semelhantes desuniões, como poderíamos elimina-las do ambiente dos homens, que não me viram, sempre inquietos nas suas indagações?... O que me contrista é o apêgo dos meus missionarios aos prazeres fugitivos do mundo!...

— É verdade, Senhor.

— Qual o nucleo de minha doutrina que detem no momento maior força de expansão?

— E' o departamento dos bispos romanos,

que se recolheram dentro de uma organização admiravel pela sua disciplina, mas altamente pernicioso pelos seus desvios da verdade. O Vaticano, Senhor, que não conheceis, é um amontoado suntuoso das riquezas das traças e dos vermes da Terra. Dos seus palacios confortaveis e maravilhosos irradia-se todo um movimento de escravização das consciencias. Enquanto vós não tinheis uma pedra onde repousar a cabeça dolorida, os vossos representantes dormem a sua sésta sobre almofadas de veludo e de ouro; enquanto trazieis os vossos pés macerados nas pedras do caminho escabroso, quem se inculca como vosso embaixador traz a vossa imagem nas sandalias matizadas de perolas e de brilhantes. E junto de semelhantes superfluidades e absurdos, surpreendemos os pobres chorando de cansaço e de fome; ao lado do luxo nababesco das basilicas suntuosas, erigidas no mundo como um insulto á gloria da vossa humildade e do vosso amor, choram as crianças desamparadas, os mesmos pequeninos a que estendieis os vossos braços compassivos e misericordiosos. Enquanto sobram as lagrimas e os soluços entre os infelizes, nos templos, onde se cultúa a vossa memoria, transbordam moedas em mãos cheias, parecendo, com amarga ironia, que o dinheiro é uma defecação do demonio no chão acolhedor da vossa casa.

— Então, meu Discipulo, não poderemos alimentar nenhuma esperança ?

— Infelizmente, Senhor, é preciso que nos desenganemos. Por um estranho contraste, ha mais ateus benquistos no Céu, do que aqueles religiosos que falam em vosso nome na Terra.

— Entretanto — sussurraram os labios divinos, docemente — consagro o mesmo amor á humanidade sofredora. Não obstante a negativa dos filosofos, as ousadias da ciencia, o apôdo dos ingratos, a minha piedade é inalteravel... Que sugeres, meu João, para solucionar tão amargo problema ?

— Já não dissestes, um dia, Mestre, que cada qual tomasse a sua cruz e vos seguisse ?

— Mas, prometi ao mundo um Consolador em tempo oportuno !...

E os olhos claros e limpidos, postos na visão piedosa do amor de seu Pai Celestial, Jesus exclamou :

— Se os vivos nos trairam, meu Discipulo Bem Amado, se traficam com o objeto sagrado da nossa casa, profligando a fraternidade e o amor, mandarei que os mortos falem na Terra em meu nome. Deste Natal em diante, meu João, descerrarás mais um fragmento dos véus misteriosos que cobrem a noite triste dos tumulos, para que a verdade ressurja das mansões silenciosas da Morte. Os que voltaram pelos caminhos ermos das sepulturas retorna-

rão á Terra, para difundirem a minha mensagem, levando aos que soffera, com a esperança posta no Céu, as claridades benditas do meu amor !...

E desde essa hora memoravel, ha mais de cincoenta anos, o Espiritismo veiu, com as suas lições prestigiosas, felicitar e amparar na Terra a todas as criaturas.

20 de Dezembro de 1935.

A PASSAGEM DE RICHEL

O Senhor tomou lugar no tribunal da sua justiça e, examinando os documentos que se referiam ás atividades das personalidades eminentes sobre a Terra, chamou o Anjo da Morte, exclamando :

— “Nos meizados do seculo findo, partiram daqui diversos servidores da Ciencia que prometeram trabalhar em meu nome, no orbe terraqueo, levantando a moral dos homens e suavizando-lhes as lutas. Alguns já regressaram, enobrecidos nas ações dignificadoras, desse mundo longinquo. Outros, porém, desviaram-se dos seus deveres e outros ainda lá permanecem, no turbilhão das duvidas e das descrenças, laborando no estudo.

“Lembras-te daquele que era aqui um inquieto investigador, com as suas análises incessantes, e que se comprometeu a servir aos ideais da Immortalidade, adquirindo a fé que sempre lhe faltou ?

— “Senhor, aludis a Charles Richet, reencarnado em Paris, em 1850, e que escolheu uma notabilidade da medicina para lhe servir de pai ?”

— “Justamente. Pelas notícias dos meus emissários, apesar da sua sinceridade e da sua nobreza, Richet não conseguiu adquirir os elementos de religiosidade que fôra buscar, em favor do seu proximo. Tens conhecimento dos favores que o Céu lhe ha adjudicado, no transcurso da sua existencia ?

— “Tenho, Senhor. Todos os vossos mensageiros lhe cercaram a intelligencia e a honestidade com o halo da vossa sabedoria. Desde os primordios das suas lutas na Terra, os Genios da imensidade o rodeiam com o sôpro divino de suas inspirações. Dessa assistencia constante lhe nasceram os poderes intellectuais, tão cedo revelados no mundo. A sua passagem pelas academias da Terra, que serviu para excitar a potencia vibratoria da sua mente, em favor da ressurreição do seu tesouro de conhecimentos, foi acompanhada pelos vossos emissários com especial carinho. Ainda na mocidade, lecionou na Faculdade de Medicina, ob-

tendo a cadeira de fisiologia. Nesse tempo, já seu nome, com os vossos auxilios, estava cercado de admiração e respeito. As suas produções grangearam-lhe a veneração e a simpatia dos seus contemporaneos. De 1877 a 1884, publicou estudos notaveis sobre a circulação do sangue, sobre a sensibilidade, sobre a estrutura das circunvoluções cerebrais, sobre a fisiologia dos musculos e dos nervos, perquirindo os problemas graves do sêr, investigando no circulo de todas as atividades humanas, conquistando o seu nome a admiração universal.”

— “E em materia de espiritualidade, replicou austeramente o Senhor, que lhe deram os meus emissários e de que fórma retribuiu o seu espirito a essas dadivas ?”

— Nesse particular, exclamou solícito o Anjo, muito lhe foi dado. Quando deixastes cair, mais intensamente, a vossa luz sobre os misterios que me envolvem, ele foi dos primeiros a receber-lhe os raios fulgurantes. Em Carqueiranne, em Milão e na ilha Roubaud, muitas claridades o bafejaram, junto de Eusapia Paladino, quando o seu genio se entregava a observações positivas, com os seus colegas Lodge, Myers e Sidgwick. De outras vezes, com Delanne, analisou as celebres experiencias de Alger, que revolucionaram os ambientes intellectuais e materialistas da França, que então representava o cerebro da civilização occidental.

“Todos os portadores das vossas graças levaram as sementes da Verdade á sua poderosa organização psíquica, apelando para o seu coração, afim de que ele afirmasse as realidades da sobrevivencia; povoaram-lhe as noites de severas meditações, com as imagens maravilhosas das vossas verdades, porém, apenas conseguiram que ele escrevesse o “Tratado de Metapsíquica” e um estudo proveitoso, a favor da concordia humana, que lhe valeu o Premio Nobel da Paz, em 1913.

“Os mestres espirituais não desanimaram, nem descansaram nunca em torno da sua individualidade; mas, apesar de todos os esforços dispendidos, Richet viu, nas expressões fenomenológicas de que foi atento observador, apenas a exteriorização das possibilidades de um sexto sentido nos organismos humanos. Ele que fôra o primeiro organizador de um dicionario de fisiologia, não se resignou a ir além das demonstrações histológicas. Dentro da espiritualidade, todos os seus trabalhos de investigador se caracterizam pela dúvida que lhe martiriza a personalidade. Nunca pode, Senhor, encarar as verdades imortalistas, senão como hipotese, mas o seu coração é generoso e sincero. Ultimamente, nas reflexões da velhice, o grande lutador se veiu inclinando para a fé, até hoje inacessível ao seu entendimento de estudioso. Os vossos mensageiros conse-

guiram inspirar-lhe um trabalho profundo, que apareceu no planeta como “A Grande Esperança” e, nestes ultimos dias, a sua formosa inteligencia realizou para o mundo uma mensagem entusiastica em prol dos estudos espirituistas.”

— “Pois bem, exclamou o Senhor, Richet terá de voltar agora a penates. Traze de novo aqui a sua individualidade, para as necessarias interpelações.”

— “Senhor, assim tão depressa? — retornou o Anjo, advogando a causa do grande cientista — O mundo vê em Richet um dos seus genios mais poderosos, guardando nele sua esperança. Não conviria protelar a sua permanencia na Terra, afim de que ele vos servisse, servindo á Humanidade?”

— “Não — disse o Senhor tristemente. — Se, após oitenta e cinco anos de existencia sobre a face da Terra, não pode reconhecer, com a sua ciencia, a certeza da Imortalidade, é desnecessaria a continuação de sua estadia nesse mundo. Como recompensa aos seus esforços honestos em beneficio dos seus irmãos em humanidade, quero dar-lhe agora, com o poder do meu amor, a centelha divina da crença, que a ciencia planetaria jamais lhe concedeu, nos seus labores ingratos e frios.

* * *

No leito de morte, Richet tem as palpebras cerradas e o corpo na posição derradeira, em caminho da sepultura. Seu Espirito inquieto de investigador não dormiu o grande sono.

Ha ali, cercando-lhe os despojos, uma multidão de fantasmas.

Gabriel Delanne estende-lhe os braços de amigo. Denis e Flammarion o contemplam com bondade e carinho. Personalidades eminentes da França antiga, velhos colaboradores da "Revista dos Mundos", cooperadores devotados dos "Anais das Ciências Psíquicas" ali estão, para abraçarem o mestre no limiar do seu tumulo.

Richet abre os olhos para as realidades espirituais que lhe eram desconhecidas. Parece-lhe haver retrocedido ás materializações da Villa Carmen; mas, ao seu lado, repousam os seus despojos, cheios de detalhes anatomicos. O eminente fisiologista reconhece-se no mundo dos verdadeiros vivos. Suas percepções estão intensificadas, sua personalidade é a mesma e, no momento em que volve a atenção para a attitude carinhosa dos que o rodeiam, ouve uma voz suave e profunda, falando do Infinito:

— "Richet, exclama o Senhor no tribunal da sua misericórdia, porque não afirmaste a Imortalidade e porque desconheceste o meu

nome no teu apostolado de missionario da ciencia e do labor? Abri todas as portas de ouro, que te poderia reservar sobre o mundo. Perquiriste todos os livros. Aprendeste e ensinaste, fundaste sistemas novos do pensamento, á base das dúvidas dissolventes. Oitenta e cinco anos se passaram, esperando eu que a tua honestidade me reconhecesse, sem que a fé desabrochasse em teu coração. Todavia, decidiste, com o teu esforço abençoado, muitos enigmas dolorosos da ciencia do mundo e todos os teus dias representaram uma sêde grandiosa de conhecimentos... Mas, eis, meu filho, onde a tua razão positiva é inferior á revelação divina da fé. Experimentaste as torturas da morte com todos os teus livros e diante dela desapareceram os teus compendios, ricos de experimentações no campo das filosofias e das ciencias. E agora, premiando os teus labores, eu te concedo os tesouros da fé que te faltou, na dolorosa estrada do mundo!"

Sobre o peito do abnegado apostolo desce do Céu um punhal de luz opalina, como um venábulo maravilhoso de luar indescritivel.

Richet sente o coração tocado de luminosidade infinita e misericordiosa, que as ciencias nunca lhe haviam dado. Seus olhos são duas fontes abundantes de lagrimas de reconhecimento ao Senhor. Seus labios, como se

voltassem a ser os lábios de um menino, recitam o "Pae Nosso que estais no Céu..."

Fórmulas luminosas e aereas arrebatam-no, pela estrada de éter da eternidade e, entre prantos de gratidão e de alegria, o apóstolo da ciência caminhou da grande esperança para a certeza divina da Immortalidade.

21 de Janeiro de 1936.

HAUPTMANN

Na Casa da Morte em Trenton, Bruno Richard Hauptmann desfolha pela ultima vez o seu calendario de recordações. E' de tarde. O condenado sente esvaecer-se-lhe a derradeira esperança. Já não ha mais possibilidade de adiamento da execução, depois das decisões do Grande Jury de Mercer e o caso Wendel representava o unico elemento que modificaria o epilogo doloroso da tragedia de Hopwell. O Governador do Estado de Nova Jersey já havia desempenhado a sua imitação de Pilatos e o Sr. Kimberling nada mais poderia fazer que o cumprimento austero das leis que condenaram o carpinteiro alemão á cadeira electrica.

Hauptmann sente-se perdido diante do irremediavel e chora, protestando a sua inocen-

cia. Recapitula a serie de circunstancias que o conduziram á situação de indigitado matador do Baby Lindbergh e espera ainda que a justiça dos homens reconheça o seu êrro, salvando-o, á ultima hora, das mãos do carrasco. Mas, a justiça dos homens está cega; tateando na noite escura de suas vacilações, não viu senão a ele, no amontoado das sombras.

A policia norte-americana precisava que alguém viesse á barra do tribunal responder-lhe por um crime nefando, satisfazendo assim ás exigencias da civilização, salvaguardando o seu renome e a sua integridade.

E o carpinteiro de Bronx, o olhar mareado de lagrimas, recorda os pequenos episodios da sua existencia: a sua velha casa humilde de Kamenetz, o ideal da fortuna nas terras americanas, a esposa aflita e desventurada e a imagem do filhinho, brincando nas suas pupilas cheias de pranto. Hauptmann esquece-se então dos seus nervos de aço e de sua serenidade, perante as determinações da justiça, e chora convulsivamente, temendo enfrentar os misterios silenciosos da Morte. Paira no seu cerebro a desilusão de todo o esforço diante da fatalidade e, sentindo o escoamento dos seus derradeiros minutos, foge espiritualmente do torvelinho das coisas humanas, para se engolfar nas meditações das coisas de Deus. Suas mãos cansadas tomam a Biblia do padre Wer-

ner e o seu espirito excursiona no labirinto das lembranças. Ao seu cerebro atormentado voltam as orações aprendidas na infancia, quando sua mãe lhe punha na boca os Salmos de David e o nome santo de Deus. Depois disso, ele viera para o mundo largo, onde os homens se devoram uns aos outros, no circulo nefasto das ambições. Suas preces de menino perderam-se, como resto de um naufragio em noite de procela. Ele não conhecêra nenhum apostolo e jamais lhe mostraram, no turbilhão das lutas humanas, uma figura que se assemelhasse ao Homem Suave dos Evangelhos. Entretanto, nunca, como naquela hora, sentiu tanto o desejo de ouvir-lhe a palavra sedutora do Sermão da Montanha. Aos seus ouvidos ecoavam as derradeiras notas daquele cantico de glorificação aos bemaventurados do mundo, pronunciado num crepusculo, ha dois mil anos, para aqueles que a vida condenou á miseria e ao infortunio, e uma voz misteriosa lhe segredava, aos ouvidos, da grandeza da cruz, cheia de belezas ocultas e ignoradas.

Hauptmann toma o Psalmo XXIII, repetindo com o Profeta: — “O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará”.

O relógio da penitenciaria prosseguia decifrando os enigmas do tempo e o carrasco já havia chegado para o seu terrível mistério. Cincoenta testemunhas ali se conservam, para pre-

senciarem a cena de supremo desrespeito pelas vidas humanas. Medicos, observadores das atividades judicarias, autoridades e guardas ali se reúnem para encerrar tragicamente um drama sinistro, que emocionou o mundo inteiro.

O condenado, á hora precisa, cabelos raspados á maquina e acalça fendida para que a execução não falhasse, entra, calado e sereno, na Camara da Morte. Havia no seu rosto um suor pastoso, como o dos agonizantes. Nenhuma sílaba se lhe escapou da garganta silenciosa. Contemplou calmamente o olhar curioso e angustiado dos que o rodeavam, representando ironicamente o testemunho das leis humanas. No seu peito não havia o perdão do Cristo para os seus verdugos, mas um vulcão de prantos amargos torturavam-lhe o intimo, nos instantes derradeiros. Considerando toda a inutilidade de sua ação, diante do Destino e da Dor, deixou-se amarrar á poltrona da Morte, enquanto seus olhos tangíveis não viam mais os beneficios alegres da claridade, mergulhando-se nas trevas em que iam entrar.

Elliot imprime o primeiro movimento á roda fatidica, correntes electricas anestesiaram o cerebro do condenado e, dentro de quatro minutos, pelo preço mesquinho de alguns centavos, os Estados Unidos da America do Norte exercem a sua justiça, não obstante as duvidas tremendas que páiram sobre a culpabilidade do

homem, em cuja cabeça recaiu o rigor de sua sentença.

Muito se tem escrito sobre o doloroso drama de Hopwell.

Os jornais de todo o mundo focalizaram o assunto e as estações de radio encheram as atmosferas com as repercussões dessa história emocionante. Não é demais, portanto, que "um morto" se interesse por esse processo, que apáixonou a opinião publica mundial, não para exercer a função de revisor dos êrros judiciarios, mas para extrair a lição da experiencia e o beneficio do ensinamento.

As leis penais da America do Norte não possuíam elementos comprobatorios da culpa de Richard Hauptmann, como autor do nefando infanticidio. Para conduzi-lo á cadeira da Morte não prevaleceram senão argumentos dubitativos, inadmissiveis dentro da cultura juridica dos tempos modernos. Muitas circunstancias preponderavam no desenrolar dos acontecimentos e que não foram tomadas na consideração que lhes era devida: a historia de Isidoro Fisch, a ação de Betty Cow e de Violette Scharp, a leviandade das acusações de Jafsie Condon e a duvida profunda empolgando todos os corações que acompanharam em suas etapas dolorosas o desdobraimento do processo sinistro.

Mas, em tudo isso, nessa tragedia que fe-

riu cruelmente a sensibilidade cristã, ha uma justiça pairando mais alto que todas as decisões dos tribunais humanos, somente acessivel aos que penetraram o escuro misterio da Vida, no ressurgimento das reencarnações.

Hauptmann sacrificado na sua inocencia, Harold Hoffman com o desprestigio politico perante a opinião publica do seu paiz e Lindbergh, heroi do seculo, idolo de sua patria e um dos homens mais afortunados do mundo, fugindo de sua terra a bordo do "American Importer", onde quasi lhe faltava o conforto mais comezinho, como se fôra um criminoso vulgar, são personalidades interpeladas na Terra pela Justiça Suprema.

Nos mundos e nos espaços, ha uma figura de Argos, observando todas as coisas. No seu tribunal do direito incorrutivel, a Temis Divina arquiteta a trama dos destinos de todas as criaturas. E só nessa justiça pode o homem guardar a sua esperança, porque o direito humano, quasi sempre filho da supremacia da força, é ás vezes falho de verdade e de sabedoria.

Dia virá em que a justiça humana compreenderá a extensão do seu êrro condenando um inocente. As autoridades judicarias hão de se preparar para a enunciação de uma sentença nova, mas o processo terá subido integralmente para a alçada suprema da equidade

absoluta. Debalde os juizes da Terra tentam restabelecer a realidade dos factos, com os recursos de sua tardia argumentação, porque nesse dia, quando Bruno Richard Hauptmann for convocado para o ultimo depoimento, em favor do resgate de sua memoria, o carpinteiro de Bronx, que os homens electrocutaram, não passará de um punhado de cinzas.

6 de Abril de 1936.

A CASA DE ISMAEL

Um dia, o Senhor, reunindo seus Apostolos ao pé das aguas claras e alegres do Jordão, descortinou-lhes o panorama imenso do mundo.

Lá estavam as grandes metropoles, cheias de faustos e de grandezas.

Alexandria e Babilonia, junto da Roma dos Cesares, acendiam na terra o fogo da luxuria e dos pecados.

E Jesus, adivinhando a miseria e o infortunio do Espirito mergulhado nos humanos tormentos, alçou a mão compassiva em direção á paisagem triste do planeta, declarando aos seus discipulos:

“Ide e pregai! Eu vos envio ao mundo

como ovelhas ao meio de lobos, mas não vim senão para curar os doentes e proteger os desgraçados.”

E os Apostolos partiram, no fan de repartir as dadivas do seu Mestre.

Ainda hoje, afigura-se-nos que a voz consoladora do Cristo mobiliza as almas abnegadas, articulando-as no caminho escabroso da moderna civilização. Os filhos do sacrificio e da renuncia abrem clareiras divinas no cipoal escuro das descrenças humanas, constituindo exercitos de salvação e de socorro aos homens, que se debatem no naufragio triste das esperanças; e, se a vida pôde cerrar os nossos olhos e restringir a acuidade das nossas percepções, a morte vem descerrar-nos um mundo novo, afim de que possamos entrvêr as verdades mais profundas do plano espiritual.

Foi Miguel Couto que exclamou, em um dos seus momentos de amargura, diante da miseria exibida em nossas praças publicas:

“Ai dos pobres do Rio de Janeiro, se não fossem os Espiritas.”

E hoje que a morte reacendeu o lume dos meus olhos, que aí se apagava, nos derradeiros tempos de minha vida, como luzes bruxolentas dentro da noite, posso ver a obra maravilhosa dos espiritas, edificada no silencio da caridade evangelica.

Eu não conhecia somente o Asilo São

Luiz, que se derrama pela enseada do Cajú como uma esteira de pombais claros e tranquilos, onde a velhice desamparada encontra remanso de paz, no seio das tempestades e das dolorosas experiências do mundo, como realização da piedade publica, aliada á propaganda das idéias catolicas. Conhecia igualmente o Abrigo Tereza de Jesus e o Amparo Tereza Cristina e outras casas de proteção aos pobres e aos desafortunados do Rio de Janeiro, que um grupo de criaturas abnegadas do proselitismo espirita havia edificado. Mas, o meu coração, que as dores haviam esmagado, trucidando todas as suas aspirações e todas as suas esperanças, não podia entender a vibração construtora da fé dos meus patricios, que Xavier de Oliveira taxára de loucos no seu estudo mal avisado do Espiritismo no Brasil.

A verdade hoje é para mim mais profunda e mais clara. Meu olhar percuciente de desencarnado pôde alcançar o fundo das coisas e a realidade é que a organização das consoladoras doutrinas dos Espiritos no Brasil não está formada á revelia da vontade soberana, do amor e da justiça que nos presidem aos destinos. Obra extreme da direção especializada dos homens, é no Alto que se processam as suas bases e as suas diretrizes.

Por uma estranha coincidência, defron-

tam-se na Avenida Passos, quasi frente a frente, o Tesouro Nacional e a Casa de Ismael.

Tesouros da Terra e do Céu, guardam-se no primeiro as caixas fortes do ouro tangível, ou das suas expressões fiduciarias, e, no segundo, reúnem-se os cofres imortalizados das moedas do Espirito.

De um, parte a corrente fertilizante das economias do povo, objetivando a vitalidade fisica do paiz, e, do outro, parte o manancial da agua celeste que sacia toda sêde, derramando energias espirituais e intensificando o bendito labor da salvação de todas as almas.

A obra da Federação Espirita Brasileira é a expressão do pensamento imaterial dos seus diretores do plano invisível, indene de qualquer influenciação da personalidade dos homens. Semelhantes áqueles discipulos que partiram para o mundo como o "Sal da Terra", na feliz expressão do Divino Mestre, os seus administradores são interpretes de um ditame superior, quando alheios de sua vontade individual para servir ao programa de amor e de fé a que se propuzeram. O roteiro de sua marcha é conhecido e analisado no mundo das verdades do Espirito e a sua orientação nasce da fonte das realidades superiores e eternas, não obstante todas as incompreensões e todos os combates. A historia da Casa de Ismael

nos espaços está cheia de exemplos edificantes, de sacrificios e dedicações.

Se Augusto Comte afirmou que os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos, nas intuições do seu positivismo, nada mais fez que refletir a mais sadia de todas as verdades. A Federação, que guarda consigo as primicias da séde do Tesouro espiritual da Terra de Santa Cruz, não está de pé somente á custa do esforço dos homens, que, por maior que ele seja, será sempre caracterizado pelas fragilidades e pelas fraquezas. Muitos dos seus diretores desencarnados aí se conservam, como aliados do exercito de salvação que ali se reúne.

Ainda ha poucos dias, enquanto a Avenida fervilhava de movimento, vi ás suas portas uma figura singela e simpatica de velhinho, pronto para esclarecer e abençoar com as suas experiencias.

— Conhece-o? — disse-me alguém, rente aos ouvidos.

— ?...

— Pedro Richard...

Nesse interim, passa um companheiro da humanidade, cheio de instinctos perversos, que a morte não conseguiu converter á piedade e ao amor fraterno.

E Pedro Richard abre os seus braços paternos para a entidade cruel.

— Irmão, não queres a benção de Jesus? Entra comigo ao seu banquete!...

— Porque? — replica-lhe o infeliz transbordando perversidade e zombaria — Eu sou ladrão e bandido, não pertença á sociedade do teu Mestre.

— Mas, não sabes que Jesus salvou Dimas, apesar das suas atrocidades, levando em consideração o arrependimento de suas culpas? — diz-lhe o velhinho com um sorriso fraterno.

— Eu sou o máu ladrão, Pedro Richard. Para mim não ha perdão, nem paraizo.

Mas, o irmão dos infelizes abraça em plena rua movimentada o leproso moral e lhe diz suavemente aos ouvidos:

— Jesus salvou o bom ladrão e Maria salvou o outro...

E o que eu vi foi uma lagrima suave e clara rolando na face do pecador arrependido.

*

Senhor, eu não estive aí no mundo na companhia dos teus servos abnegados e nem comunguei á mesa de Ismael, onde se guarda o sangue do teu sangue e a carne da tua carne, que constituem a essencia de luz da tua doutrina.

Eu não te vi senão como Tomé, na sua indiferença e na sua amargura, e como os teus discipulos no caminho de Emaús, com os olhos enevoados pelas neblinas da noite. To-

davia, podia ver-te na tua casa, onde se recebe a agua divina da fé, portadora de todo o amor, de toda a crença e de toda a esperança. Mas, não é tarde, Senhor!... Desdobra sobre o meu espirito a luz da tua misericórdia e deixa que desabroche, ainda agora, no meu coração de pecador, as açucenas perfumadas do teu perdão e da tua piedade, para que eu seja incorporado ás falanges radiosas que operam na tua casa, exibindo com o meu esforço de espirito a mais clara e a mais sublime de todas as profissões de fé.

12 de Junho de 1936.

CARTA A MARIA LACERDA DE MOURA

É para você, Maria Lacerda, que envio hoje o meu pensamento de espirito. Tarefa excessivamente arriscada essa de dirigir-se um morto aos literatos da Terra, quasi sempre dobrados ás injunções de ordem politica e social. É verdade que Berilo Neves, o ano passado, teve a precisa coragem de se referir, na Associação Brasileira de Imprensa, ás minhas mensagens póstumas; mas, você, na serenidade do seu animo e na incorrutibilidade do seu ca-

racter, pode entender o meu pensamento e ouvir a minha voz.

Não sou estranho ás suas atividades e aos seus estudos, no plano das investigações espiritualistas. Saturada de sociologia, você reconhece agora, como eu, nos derradeiros anos de minha peregrinação pela Terra, a possibilidade remota de se concertar o edificio esburacado dos costumes humanos, dentro de uma civilização de barbaria, onde a moral cae aos pedaços e, voltando a sua atenção para o mundo invisível, você conversa com as sombras, tornando-se a confidente abençoada dos mortos. Seu olhar, acostumado ás assembléias seletas das grandes cidades sul-americanas, passeia agora, ás vezes, no imperio do silencio dos que já partiram no mundo, onde o seu juizo critico vai buscar um motivo novo para falar caridosamente, acordando os homens. Quiz ainda você constituir o seu novo ninho junto das catacumbas e dos salgueiros e, desse calado retiro, estende-se o seu pensamento para o misterio da noite, povoada de sonhos e de constelações.

Os pensadores, Maria Lacerda, são impotentes para salvar o mundo da desgraça em que ele proprio submergiu. A confusão tem de se processar, para que se destrua o edificio milenar dos habitos e dos preconceitos de toda ordem. Uma nova vida terá de florescer sobre os alicerces da morte. Todos os que lutaram e

os que se encontram lutando ainda pelo esclarecimento da coletividade são frutos extemporaneos da civilização do futuro. Eles oferecem um roteiro de liberdades fulgurantes; mas, em torno do homem contemporaneo respira-se ainda uma atmosfera terrível de destruição.

Ha varios decenios, luta-se teoricamente para que um novo estado de coisas se estabeleça no mundo. Clama-se por leis economicas que regulem nos paizes a distribuição do necessario e queimam-se produtos, em quasi todas as regiões do planeta, objetivando o cumprimento de absurdas determinações da politica do isolamento. A palavra dos Kropotkine são em vão, conclamando os espiritos de boa vontade. Mussolini assina um programa socialista nos primordios da sua carreira politica, escondendo a pretensão exclusiva de conquistar um imperio. O presidente pacifista dos Estados Unidos idealiza a organização da paz internacional de Genebra, de cujas atividades o seu paiz não compartilha. O Japão fala de seus direitos de nacionalidade, avançando sobre os territorios da China. A Russia institue o comunismo, entendendo-se otimamente com todas as potencias capitalistas. De Roma, que se diz piedosa e cristã, saem as hordas de conquistadores para a mais absurda das guerras. A Alemanha hitleirista expulsa Einstein, dentro de suas preocupações de racismo. Nas republicas sul-america-

nas, ha movimento de comercio com a Internacional Armamentista. Na Inglaterra, o "Intelligence Service" fomenta o dissidio e a discordia, nas suas cogitações imperialistas. A Espanha embriaga-se no desvairamento da guerra civil. Em toda parte, bebe-se um vinho de ruina e de morte e, entre os homens atordoados, sopra um furacão maligno de arrazamentos.

Os sociologos vêem as suas atividades circunscritas ao castelo maravilhoso das palavras, porque os homens estão entregues ao seu infornado destino.

Não valeu o esforço dos espiritos avançados na solução das incognitas scientificas, porquanto todas as descobertas destes ultimos tempos são brinquedos terriveis na mente infantil dessa civilização que se desenvolveu sem a educação individual.

A verdade é que o homem está vivendo para destruir o homem.

Um dos pensadores modernos, contemplando o aspeto doloroso da atualidade, concluiu tristemente que, se o homem contemporaneo considera natural o exterminio de mulheres e de crianças, nos ultimos movimentos belicos do planeta, não será extraordinario, daqui a alguns anos, que os homens se devorem uns aos outros. De facto, a criatura humana parece regredir á noite escura e misteriosa das

suas origens. Todavia, o estudo psicologico dessa situação nos conduz a muitas reflexões sobre as suas causas profundas e concluímos que os homens atuais são mais infelizes que perversos. O que se intensificou em toda parte da Terra, arruinando os setores da atividade humana, foi aquela crise espiritual a que Gandhi se refere em suas exortações. O Ocidente poderia salvar-se conservando o equilibrio do mundo, se o Cristianismo, em sua simplicidade e em sua pureza, não fosse deturpado pelas igrejas mercenarias. A moral cristã teria fatalmente de evoluir para a simplificação suprema da vida, se os religiosos não a tivessem asfixiado no carcere estreito de suas cogitações politico-sociais. E o resultado de tão nefastos empreendimentos é a atualidade dos homens, inçada de morticínios e crivada de dores.

Contudo, ha uma providencia misericordiosa acompanhando os surtos evolutivos da Terra e, na hora justa dos abalos sociais de toda natureza, os tumulos se enchem de vozes e de revelações consoladoras, realizando profecias.

Fascismo, ditaduras para o proletariado, falsas democracias terão de desaparecer nos fragores da luta, para que a politica espirituallista inaugure o direito novo, a lei nova, controladores de todos os fenomenos da economia dos povos. O homem compreenderá então a

necessidade de um imperativo de paz, solidario com o progresso espiritual dos outros mundos.

É objetivando a construção do edificio da concordia universal sobre a base da educação de cada personalidade e de leis economicas que façam desaparecer para sempre o quadro doloroso da miseria e da fome, que os mortos voltam para falar aos encarnados, no turbilhão escuro de suas vidas.

Num dos seus ultimos artigos na imprensa de Paris, Mauricio Maeterlinck considerava erroneamente: — “Estes mortos que sobrevivem parecem bem fracos, bem precarios e bem miseraveis. Lembram os fantasmas vaporesos, arrebatados pelos turbilhões no inferno do grande poeta florentino. Preguiçosos, desamparados, exangues, nada mais tendo a fazer, não persistem eles senão á escuta de uma voz da Terra ? É essa a prova de sua sobrevivencia e, se sobrevivem realmente, não poderão realizar outra coisa ? Recomeçam a viver ou acabam de morrer ?”

Maeterlinck, porém, não conseguiu uma visão exacta das atividades dos que já partiram das fadigas da luta material. Dentro das preoccupações do *high-life*, não viu a multidão das criaturas consoladas pela confortadora Doutrina dos Espiritos e nem logrou compreender que os mortos não podiam começar por onde os vivos acabaram. Os homens terminaram sua

luta na organização exclusivista, na ciência pre-sunçosa e na suposta infalibilidade. Mas, os mortos iniciam a sua cruzada junto dos que sofrem e dos que raciocinam.

E, de você, Maria Lacerda, que vive espiritualmente na vanguarda dos tempos, nós esperamos um grande coeficiente de forças em favor do nosso triunfo na alma das massas. A sua acurada percepção pode reconhecer a vigorosa andaimaria do edificio do porvir, pois não está longe o dia em que os homens se cansarão de lutar uns com os outros, espalhando a miseria e o exterminio. Os lobos famintos da civilização armamentista ficarão sob os escombros fumegantes de suas grandezas e a alma cristã cantará a gloria dos pacificos e dos bemaventurados.

Você, Maria Lacerda, tem muito que fazer.

Decuplique as suas energias e as suas esperanças.

A sua palavra é a da rainha de Helicarnasso.

Reuna com o seu esforço todos os guerreiros inativos e vamos lutar.

24 de Julho de 1936.

PEDRO, O APOSTOLO

Enquanto a capital dos mineiros, dirigida pelos seus elementos eclesiasticos, se prepara, esperando as grandes manifestações de fé do segundo Congresso Eucaristico Nacional, chegam os turistas elegantes e os peregrinos invisiveis. Tambem eu quiz conhecer de perto as atividades religiosas dos conterraneos de Augusto de Lima.

Na praça Raul Soares, espaçosa e ornamentada, vi o monumento dos congressistas, elevando-se em forma de altar, onde os atos religiosos serão celebrados. No tope, a custodia, rodeada de arcanjos petrificados, guardando o simbolo suave e branco da eucaristia, e, cá em baixo, nas linhas irregulares da terra, as acomodações largas e fartas, de onde o povo assistirá, comovido, ás manifestações de Minas catolica.

Foi nesse ambiente que a figura de um homem trajado á israelita, lembrando alguns tipos que, em Jerusalém, se dirigem frequentemente para o lugar sagrado das lamentações, aguçou a minha curiosidade incorrigivel de jornalista.

— Um Judeu?! — exclamei, aguardando as novidades de uma entrevista.

— Sim, fui Judeu, ha alguns centenas de anos — respondeu laconicamente o interpelado.

A sua réplica exaltou a minha bisbilhotice e procurei atrair a atenção do singular personalidade.

— Vosso nome ? — continuei.

— Simão Pedro.

— O Apostolo ?

E a veneranda figura respondeu afirmativamente, colando ao peito os cabelos respeitáveis de sua barba encanecida.

Surpreso e sedento da sua palavra, contemplei aquela figura hebraica, cheia de simplicidade e simpatia. Ao meu cerebro afluíram dezenas de perguntas, sem que eu pudesse coordená-las devidamente.

— Mestre — disse-lhe, por fim — a vossa palavra tem para o mundo um valor inestimável. A cristandade nunca vos julgou acessível na face da Terra, acreditando que vos conserváveis no Céu, de cujas portas resplandescentes guardáveis a chave maravilhosa. Não teríeis alguma mensagem do Senhor para transmitir á Humanidade, neste momento angustioso que as criaturas estão vivendo ?

E o Apostolo venerável, dentro da sua expressão resignada e humilde, começou a falar:

— Ignoro a razão por que revestiram a minha figura, na Terra, de semelhantes honrarias. Como homem, não fui mais que um obscuro pescador da Galiléia e, como discípulo do Divino Mestre, não tive a fé necessaria nos

momentos oportunos. O Senhor não poderia, portanto, me conferir privilegios, quando amava todos os seus apóstolos com igual amor.

— É conhecida, na historia das origens do Cristianismo, a vossa desinteligencia com Paulo de Tharso. Tudo isso é verdadeiro ?

— De alguma fórma, tudo isso é verdade — declarou bondosamente o Apostolo. — Mas, Paulo tinha razão. A sua palavra energica evitou que se criasse uma aristocracia injustificavel, que, sem ele, teria de desenvolver-se fatalmente entre os amigos de Jesus, que se haviam retirado de Jerusalém para as regiões da Batanéa.

— Nada desejais dizer ao mundo sobre a autenticidade dos Evangelhos ?

— Expressão autentica da biografia e dos atos do Divino Mestre, não seria possível acrescentar qualquer coisa a esse livro sagrado. Muita iniquidade se tem verificado no mundo em nome do estatuto divino, quando todas as hipocrisias e injustiças estão nele sumariamente condenadas.

— E no capitulo dos milagres ?

— Não é propriamente o milagre que caracterizou as ações praticas do Senhor. Todos os seus atos foram resultantes do seu imenso poder espiritual. Todas as obras a que se referem os Evangelistas são profundamente verdadeiras.

E, como quem retrócede no tempo, o apóstolo monologou:

— Em Capharnaum, perto de Genesareth, e em Bethsaida, muitas vezes acompanhei o Senhor nas suas abençoadas peregrinações. Na Samaria, ao lado de Cesaréa de Felipe, vi as suas mãos carinhosas dar vista aos cegos e consolação aos desesperados. Aquele sol claro e ardente da Galiléia ainda hoje ilumina toda a minha alma e, decorridos tantos seculos, depois de minhas lutas no mundo, ao lado de alguns companheiros, procuro reivindicar para os homens a vida perfeita do Cristianismo, com o advento do Reino de Deus, que Jesus desejou fundar, com o seu exemplo, em cada coração. . .

— Os filosofos terrenos são quasi unanimes em afirmar que o Cristo não conhecia a evolução da ciencia grega naquela epoca e que as suas parabolias fazem supor a sua ignorancia, acerca da organização politica do Imperio Romano: seus apologos falam de reis e principes que não poderiam ter existido.

— A ação do Cristo — retrucou o apóstolo — vai mais longe que todas as atividades e investigações das filosofias humanas. Cada seculo que passa imprime um brilho novo á sua figura e um novo fulgor ao seu ensinamento. Ele não foi alheio aos trabalhos do pensamento dos seus contemporaneos. Naquele tempo, as teorias de Lucrecio, expendidas alguns anos

antes da obra do Senhor, e as lições de Philon, em Alexandria, estavam muito inferiores ás verdades celestes que Ele vinha trazer á Humanidade atormentada e soffredora. . .

E, quando a figura veneranda de Simão parecia prestes a prosseguir na sua jornada, inquiri, abruptamente:

— Qual é o vosso objetivo, atualmente, no Brasil ?

— Venho visitar a obra do Evangelho, aqui instituida por Ismael, filho de Abraão e de Agar, e dirigida dos espaços por abnegados apóstolos da fraternidade cristã.

— E estais igualmente associado ás festas do segundo Congresso Eucarístico Nacional ? — perguntei.

Mas, o bondoso Apóstolo expressou uma attitude de profunda incompreensão, em ouvindo as minhas derradeiras palavras.

Foi quando, então, lhe mostrei o rico monumento festivo, as igrejas enfeitadas de ouro, os movimentos de recepção aos prelados, exclamando ele, afinal:

— Não, meu filho !. . . Esperam-me longe destas ostentações mentirosas os humildes e es desconsolados. O Reino de Deus ainda é a promessa para todos os pobres e para todos os aflitos da Terra. A igreja romana, cujo chefe se diz possuidor de um trono que me pertence, está condenada no proprio Evangelho, com to-

das as suas grandezas bem tristes e bem miseráveis. A cadeira de São Pedro é para mim uma ironia muito amarga... Nestes tempos faustosos, não ha lugares para Jesus, nem para os seus continuadores...

— E o que suggeria, Mestre, para esclarecer a verdade ?

Mas, nesse momento, o Apostolo vendo enviou-me um gesto compassivo e piedoso, continuando o seu caminho, depois de amarrar, resignadamente, o cordão de suas sandalias.

25 de Agosto de 1936.

O GRANDE MISSIONARIO

Com as demais criaturas terrenas, o grande missionario de Lion, que se chamou Hypolito Rivail ou Allan Kardec, foi tambem catalogado, em 3 de outubro de 1804, nas estatísticas humanas, em retomando um organismo de carne para o cumprimento de sua maravilhosa tarefa.

Cento e trinta e dois annos são passados sobre o acontecimento e o apostolos francês é lembrado, carinhosamente, na memoria dos homens.

Professor dedicado ao seu grandioso ideal

de construir as almas, discipulo eminente de Pestalozzi, Allan Kardec trazia, desde o inicio de sua mocidade, a paixão pelas utilidades das coisas do espirito.

Suas obras didaticas estão cheias de amor a esse apostolado. Até depois dos 50 anos, sua palavra confortadora e sábia dirigiu-se ás escolas, seus fosfatos foram consumidos nos mais nobres labores do intellecto, em favor da formação da juventude, suas mãos de bemfeitor edificaram o espirito da infancia e da mocidade de sua patria. Sua vida de homem está repleta de grandes renunciás e sublimes dedicações. Nunca os insultos e as ações dos traidores lhe entibiaram o animo de soldado do bem. Os espinhos das estradas do mundo não lhe trucidaram o coração temperado no aço da energia espiritual e no ouro das convicções sadias que lhe povoaram toda a existencia.

Recordando a beleza perfeita dos planos intangiveis que vinha de deixar para cumprir na Terra a mais elevada das obrigações de um missionario, sob as vistas amoveis de Jesus, Allan Kardec fez da sua vida um edificio de exemplos enobrecedores, esperando sempre a ordem do Mestre Divino para que as suas mãos intrepidas tomassem a charrúa das ações construtoras e edificantes.

Só depois dos 50 anos a sua personalidade adquiriu a precisa preponderancia e sua ativi-

dade o desdobramento necessario, prestigian-do-se a sua tarefa na codificação do Espiritismo que vinha trazer á humanidade uma nova luz para a solução do amargo problema do destino e da dor. Ninguém como ele compreendeu tanto a necessidade da intervenção das forças celestes para que as conquistas do pensamento humano, sintetizadas no surto das civilizações, não se perdessem na noite dos materialismos dissolventes. Ele sentiu, refletindo as poderosas vibrações do Alto, que os seus contemporaneos preparavam a extinção de toda a crença e de toda a esperança que deveriam fortalecer o espirito humano, nas dolorosas transições do seculo XX. As especulações filosoficas e scientificas de Comte, Virchow, Buchner e Moleschot, aliadas ao sibaritismo dos reigiosos, teriam eliminado fatalmente a fé da humanidade no seu glorioso porvir espiritual, em todos os setores da civilização do ocidente, se o missionario de Lion não viesse trazer aos homens a cooperação de sua renuncia e dos seus abençoados sacrificios.

Quando Jesus desceu um dia á Terra para oferecer ás criaturas a dadiva de sua vida e de seu amor, seus passos foram precedidos pelos de João Batista que aceitara a tarefa terrível de precursor, experimentando todos os martirios no deserto. O Consolador, prometido á Terra pela coração misericordioso do Divino

Mestre, que é o Espiritismo, teve o sacrificio de Allan Kardec, o precursor de sua gloriosa disseminação no peito atormentado das criaturas humanas. Seu retiro não foi a terra brava e esteril da Judéa, mas o deserto de sentimentos das cidades tumultuosas; no borbo-rinho das atividades dos homens, no turbilhão de suas lutas, ele experimentou na alma, muitas vezes, o fel do apôdo e do insulto dos malevolentes e dos ingratos. Mas, sua obra aí ficou como o roteiro maravilhoso do paiz abençoado da redenção. Espiritos eminentes foram ao mapa de suas atividades para conhecerem melhor o caminho. Flammarion se embriaga no perfume ignorado dessas terras misteriosas do novo conhecimento, descobertas pela sua operosidade de instrumento do Senhor, e apresenta ao mundo as suas novas teorias cosmologicas, enchendo a fria matematica astronomica de singular beleza e suave poesia. Sua obra — "*Les Forces Naturelles Inconnues*" é um caminho baerto ás indagações scientificas que teriam mais tarde, com Richet, mais amplos desenvolvimentos. Gabriel Delanne e Léon Denis se inflamam de entusiasmo diante das obras do mestre e ensaiam a filosofia espiritualista, inaugurando uma nova época para o pensamento religioso, alargando as perspetivas infinitas da ciencia universal.

E, desde os meados do seculo que passou,

a figura de Kardec se eleva cada vez mais no conceito dos homens. O interesse do mundo pelas suas obras pode ser conhecido pelo numero de edições dos seus livros, e, na hora que passa, cheia de nuvens nos horizontes da Terra e de amargas apreensões no seio de suas criaturas, nenhuma homenagem ha mais justa e mais merecida que essa que se prepara em todos os recantos onde a consoladora doutrina do Espiritismo plantou a sua bandeira, como preito de admiração ao seu illustre e benemerito codificador.

O Brasil evangelico deve orgulhar-se das comemorações que levará a efeito, lembrando a personalidade inconfundivel do grande missionario francês, porque a obra mais sublime de Allan Kardec foi a reedificação da esperança de todos os infortunados e de todos os infelizes do mundo no amor de Jesus Cristo.

Conta-se que logo após a sua desencarnação, quando o seu corpo ainda não havia baixado ao Père Lachaise, para descansar á sombra do dolmen dos seus valerosos antepassados, uma multidão de Espiritos veiu saudar o mestre no limiar do sepulcro. Eram antigos homens do povo, seres infelizes que ele havia consolado e redimido com as suas ações prestigiosas; e, quando se entregavam ás mais santas expansões affectivas, uma lampada maravilhosa caiu do céu sobre a grande assembléa dos humildes,

iluminando-a com uma luz que, por sua vez, era formada de expressões do seu "Evangelho segundo o Espiritismo", ao mesmo tempo que uma voz poderosa e suave dizia do Infinito:

— "Kardec, regosija-te com a tua obra ! A luz que acendeste com os teus sacrificios na estrada escura das descrenças humanas vem felicitar-te nos porticos misteriosos da Imortalidade... O mel suave da esperança e da fé que derramaste nos corações soffredores da Terra, reconduzindo-os para a confiança na minha misericordia, hoje se entorna em tua propria alma, fortificando-te para a claridade maravilhosa do futuro. No Céu, estão guardados todos os prantos que choraste e todos os sacrificios que empreendeste... Alegra-te no Senhor, pois teus labores não ficaram perdidos. Tua palavra será uma benção para os infelizes e desafortunados do mundo e ao influxo de tuas obras a Terra conhecerá o Evangelho no seu novo dia !..."

Acrescenta-se então que grandes legiões de Espiritos eleitos entoaram na Imensidade um hino de hosanas ao homem que organizara as primicias do Consolador para o planeta terreno e escoltado pelas multidões de seres agradecidos e felizes, foi o mestre, em demanda das esferas luminosas, receber a nova palavra de Jesus.

* * *

Kardec, eu não te conheci e nem te poderia entender na minha condição de homem perverso da Terra, mas recebe, no dia em que o mundo lembra, comovido, a tua presença entre os homens, o preito de minha amizade e de minha admiração.

28 de Setembro de 1936.

A LENDA DAS LAGRIMAS

Rezam as lendas bíblicas que o Senhor, após os seis dias de grandes atividades da criação do mundo, arrancado do cáos pela sua sabedoria, descansou no sétimo para apreciar a sua obra.

E o Criador via os portentos da criação, maravilhado de paternal alegria. Sobre os mares imensos, voejavam as aves alegres, nas florestas espessas, desabrochavam flores radiantes de perfumes, enquanto as luzes, na imensidade, clarificavam as apoteoses da natureza, resplandecendo no Infinito, para louvar-lhe a glória e lhe exaltar a grandeza.

Jeovah, porém, logo após a queda de Adão e depois de expulsa-lo do paraíso afim de que

ele procurasse na Terra o pão de cada dia com o suor do trabalho, recolheu-se entristecido aos seus imensos imperios celestiais, repartindo a sua obra terrena em departamentos diversos, que confiou ás potencias angelicas.

O Paraíso fechou-se então para a Terra que se viu isolada, no seio do Infinito. Adão ficou sobre o mundo com a sua descendencia amaldiçoada, longe das belezas do eden perdido e, no lugar onde se encontravam as grandiosidades divinas, não se viu mais que o vácuo levemente azulado da atmosfera.

E o Senhor, junto dos Serafins, dos Arcanjos e dos Tronos, na sagrada curul da sua misericórdia, esperou que o tempo passasse. Escoavam-se os anos, até que, um dia, o Criador convocou os Anjos a que confiára a gestão dos negocios terrestres, os quais lhe deviam apresentar relatorios precisos, acerca dos varios departamentos de suas responsabilidades individuais. Prepararam-se no Céu festas maravilhosas e alegrias surpreendentes para esse movimento de confraternização das forças divinas e, no dia aprazado, ao som de musicas gloriosas, chegavam ao Paraíso os poderes angelicos, encarregados da missão de velar pelo orbe terreno. O Senhor recebeu-os com a sua benção, do alto do seu trono bordado de lirios e de estrelas, e, diante da atenção respeitosa

de todos os circunstantes, falou o Anjo das Luzes:

— “Senhor, todas as claridades que criastes para a Terra continuam refletindo as bênçãos da vossa misericórdia. O sol ilumina os dias terrenos com os resplendores divinos, vitalizando todas as coisas da natureza e reparando com elas o seu calor e a sua energia. Nos crepúsculos, o firmamento recita os seus poemas de estrelas e as noites são ali clarificadas pelos raios tenues e puros dos plenilúnios divinos. Nas paisagens terrestres, todas as luzes evocam o vosso poder e a vossa misericórdia, enchendo a vida das criaturas de claridades benditas !...”

Deus abençoou o Anjo das Luzes, concedendo-lhe a faculdade de multiplica-las na face do mundo.

Depois, veio o Anjo da Terra e das Aguas, exclamando com alegria:

— “Senhor, sobre o mundo que criastes, a terra continúa alimentando, fartamente, todas as criaturas; todos os reinos da natureza retiram dela os tesouros sagrados da vida e as aguas, que parecem constituir o sangue bendito da vossa obra terrena, circulam no seu seio imenso, cantando as vossas glórias incensuráveis. Os mares falam com violência, afirmando o vosso poder soberano e os regatos macios dizem, nos silvedos, da vossa piedade

e brandura. As terras e as aguas do mundo são plenas afirmações da vossa magnífica complacência !...”

E o Criador agradeceu as palavras do seu servidor fiel, abençoando-lhe os trabalhos.

Em seguida, falou, radiante, o Anjo das Arvores e das Flores:

— “Senhor, a missão que concedestes aos vegetais da Terra vem sendo cumprida com sublime dedicação. As arvores oferecem a sua sombra, seus frutos e suas utilidades a todas as criaturas, como braços misericordiosos do vosso amor paternal, estendidos sobre o solo do planeta. Quando maltratadas, sabem ocultar as suas angustias, prestando sempre, com abnegação e nobreza, o concurso da sua bondade á existencia dos homens. Algumas, como o sandalo, quando dilaceradas, deixam extravasar de suas feridas taças invisíveis de aroma, balsamizando o ambiente em que nasceram... E as flores, meu Pai, são piedosas demonstrações das belezas celestiais nos tapetes verdengos da terra inteira. Seus perfumes falam, em todos os momentos, da vossa magnanimidade e sabedoria...”

E o Senhor, das culminancias do seu trono radioso, abençoou o seu servo fiel, facultando-lhe o poder de multiplicar a beleza e as utilidades das arvores e das flores terrestres.

Logo após, falou o Anjo dos Animais,

apresentando a Deus um relato sincero, com respeito á vida dos seus subordinados:

— “Os animais terrestres, Senhor, sabem respeitar as vossas leis, acatar a vossa vontade. Todos vivem em harmonia com as disposições naturais da existencia que a vossa sabedoria lhes traçou. Não abusam de suas faculdades procriadoras e têm uma época própria para o desempenho dessas funções, consoante os vossos desejos. Todos têm a sua missão a cumprir e alguns deles se colocaram, abnegadamente, ao lado do homem, para substituí-lo nos mais penosos misteres, ajudando-o a conservar a saúde e a buscar no trabalho o pão de cada dia. A aves, Senhor, são turbulentos alados, incensando, do altar da natureza terrestre, o vosso trono celestial, cantando as vossas grandezas ilimitadas. Elas se revezam constantemente, para vos prestarem essa homenagem de submissão e de amor e, enquanto algumas cantam durante as horas do dia, outras se reservam para as horas da noite, de modo a glorificarem-se, incessantemente, as belezas admiráveis da Criação, louvando-se a sabedoria do seu Autor Inimitável.”

E Deus, com um sorriso de jubilo paternal, derramou sobre o seu dedicado mensageiro as vibrações do seu divino agradecimento.

Foi quando, então, chegou a vez da pala-

vra do Anjo dos Homens. Taciturno e entre angustias, provocando a admiração dos demais, pela sua consternação e pela sua tristeza, exclamou compungidamente:

— “Senhor !... ai de mim ! enquanto os meus companheiros vos podem falar da grandeza com que são executados os vossos decretos, na face do mundo, pelos outros elementos da Criação, não posso afirmar o mesmo dos homens... A descendencia de Adão se perde num labirinto de lutas, criado por ela mesma. Dentro das possibilidades do seu livre arbitrio, é engenhosa e sutil a inventar todos os motivos para a sua perdição. Os homens já criaram toda sorte de dificuldades, desvios e confusões para a sua vida na Terra. Inventaram, ali, a chamada propriedade sobre os bens que vos pertencem inteiramente e dão curso a uma vida abominável de egoísmo e ambição pelo domínio e pela posse; toda a Terra está dividida indebitamente e as criaturas humanas se entregam á tarefa absurda da destruição das vossas leis grandiosas e eternas. Segundo o que observo no mundo, não tardará que surjam, no orbe, os movimentos homicidas, entre as criaturas, tal é a extensão das ansias incontidas de conquistar e possuir...”

O Anjo dos Homens, todavia, não conseguiu continuar. Convulsivos soluços embarçaram-lhe a voz; mas, o Senhor, embora amar-

gurado e entristecido, desceu generosamente do solio de magnificencias divinas e, tomando-lhe as mãos, exclamou com bondade:

— A descendencia de Adão ainda se lembra de mim ?

— Não, Senhor !... Desgraçadamente, os homens vos esqueceram... murmurou o Anjo com amargura.

— Pois bem, replicou o Senhor, paternalmente, essa situação será remediada !...

E, alçando as mãos generosas, fez nascer, ali mesmo no Céu, um curso de aguas cristalinas e, enchendo um cantaro com essas peróias liquefeitas, entregou-o ao seu ultimo servidor, exclamando:

— “Volta á Terra e derrama no coração de seus filhos este licor celeste, que chamarás de agua das lagrimas... O seu gosto tem resaios de fel, mas esse elemento terá a propriedade de fazer com que os homens me recordem, lembrando-se da minha misericórdia paternal... Si eles sofrem e se desesperam pela posse efemera das coisas atinentes á vida terrestre, é porque me esqueceram, olvidando a sua origem divina.”

E desde esse dia o Anjo dos Homens derrama sobre a alma atormentada e aflita da humanidade a agua bendita das Lagrimas remissoras e, desde essa hora, cada criatura humana, no momento dos seus prantos e das suas

amarguras, nas dificuldades e nos espinhos do mundo, recorda, instintivamente, a paternidade de Deus e as alvoradas divinas da vida espiritual.

27 de Novembro de 1936.

CARTA ABERTA AO SR. PREFEITO DO RIO DE JANEIRO

Sr. Prefeito do Distrito Federal. Dirijo-me á vossencia para ponderar um dos ultimos atos de sua administração na velha cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, não obstante as minhas condições de jornalista desencarnado e apezar do estado de guerra vigente no paiz.

Todavia, declinando essas circunstancias, devo confessar, em defesa do meu gesto, que minha palavra humilde não visa nenhum instituto politico ou social do Brasil, para fixar-se somente na questão de humanidade.

É uma verdade incontestante que S. Excia. se torna duplamente respeitavel, não só pela sua condição de autoridade suprema de uma cidade em que vivem seguramente dois milhões de corações humanos, como tambem pela sua qualidade de sacerdote, e é, talvez, por isso que a minha ponderação se faz um tanto mais grave.

Não lhe venho falar dos inqueritos administrativos nos departamentos publicos, afetos á sua autoridade e sim dizer-lhe do seu ato pessoal, opondo o seu veto á subvenção de cincoenta contos, concedida pelos seus antecessores ao Abrigo Tereza de Jesus, instituição veneravel que um punhado de espirítistas abnegados fundou no Rio, ha alguns anos, e que todos os cariocas se habituaram a admirar, com o seu apoio e com o seu respeito.

A attitude de S. Excia. é estranhavel, não só em face da sua condição de ministro da igreja catolica, como pelo seu conhecimento acerca das miserias da nossa urbs que os apaixonados do samba brasileiro apelidaram a cidade maravilhosa.

Cincoenta contos, Sr. Prefeito, como subvenção a uma instituição dessa natureza, que já conseguiu afastar dos antros viciosos algumas centenas de criaturas, infundindo-lhes a noção do dever social, civico e humano, modelando herois para os combates com as adversidades terrenas, representa uma percentagem muito mesquinha, em face das verbas dispendidas com as obras suntuarias dos serviços publicos.

Antes de regressar desse mundo, onde perdi todas as illusões e todas as esperanças, com respeito á objetivação de uma sociedade organizada á base de verdadeiros interesses cristãos, muitas vezes deixei escapar do peito

dilacerado o meu grito de dor pela nossa infancia desvalida. Enquanto os governos instituíam as mais grossas subvenções para as festas carnavalescas e para a propagnnda turistica do Brasil, no estrangeiro, via as nossas crianças desamparadas, doentes e esqueléticas, estendendo a mão mirrada á piedade das praças publicas. Se as dores não me viessem sufocar tão cedo os sagrados entusiasmos do coração, teria objetivado um largo movimento intelectual, em favor da instituição do livro e do pão para o menino dos nossos morros, onde com as vozes inocentes do samba se misturam os gemidos de todas as miserias.

Veja pois, Excelencia, a necessidade de se subvencionarem, e largamente, todas as iniciativas sociais que se organizem para proteger a criança desamparada que virá a ser o homem de amanhã. Nestes tempos de negro materialismo que parece invadir todos os institutos criados com o rotulo da civilização cristã, as autoridades legalmente constituídas têm de colocar os interesses humanos acima de todos os preconceitos sociais e religiosos. Seu coração de administrador e de cristão possui uma vasta experiencia desses assuntos, sendo desnecessario que a minha palavra lhe encareça a inoportunidade do seu veto pessoal a esse auxilio financeiro á instituição referida, que é um admiravel nucleo cultural do Rio de Janeiro, onde

se criam as células sadias do organismo coletivo de amanhã.

S. Excia. não ignora que todas as questões transcendentais apresentadas como insolúveis às vistas dos sociólogos modernos, complicando o mecanismo da vida dos povos, são de natureza educativa. Os problemas brasileiros são quasi todos dessa ordem. Bem sabe que mesmo em nossa historia existem paginas que implicam em si a veracidade do que afirmamos. Não se lembra da luta armada de Canudos, onde pereceram tantas energias da mocidade brasileira? O resultado seria outro dessa campanha, se, em vez da primeira expedição militar, mandássemos para ali uma dúzia de professores. As armas a serem detonadas naquella ambiente sertanejo deveriam ser as do alfabeto, como asseverava o nosso Euclides. O banditismo do Nordeste, as falanges de Lampião, as multidões místicas e delinquentes que de vez em quando, surgem no quadro mesológico de nossa evolução coletiva são problemas do livro e mais nada.

Desejaria, pois, o Sr. Prefeito do Distrito Federal absorver-se no partido politico, na intriga do gabinete, nas homenagens dos louvainheiros da autoridade publica, esquecendo-se da parte mais importante de suas atribuições, junto ás coletividades do seu paiz?

Não acreditamos, igualmente, que o seu

ato seja o fruto de uma represalia á atitude de-sassombrada de criaturas estudiosas que tentam elucidar as questões da igreja catolica, da qual é um dedicado servidor. A luta é de principios e não de personalidades e esse combate ideologico é indispensavel nos bastidores em que se processa a evolução das consciencias e das doutrinas. E, para todos os combatentes, irmanados no mesmo idealismo do Evangelho, deverá existir, indubitavelmente, um traço de união acima de todas as polemicas e de todas as controversias, que é o da fraternidade do Cristo. Um homem ou uma instituição podem crescer no conceito das coletividades pelas suas conquistas, pelos seus poderes transitorios, pela sua fortuna, mas serão sempre assinalados pela ilusão, se lhes faltarem os principios humanos da caridade.

Conta-se aqui, Sr. Prefeito, que um dia quiz o Senhor reunir sob os seus olhos todos os sábios que chegavam da Terra. Teólogos eminentes, filosofos, artistas do pensamento e da ação, matematicos, geometras e literatos illustres.

— “Senhor, dizia um deles, eu ampliei a tecnica dos homens no problema das ciencias...”

— “Eu, repetia outro, procurei imprimir uma fase nova ás letras do mundo...”

— “Minha vida, Senhor, exclamava ainda

cutro, foi toda empregada no laboratorio em favor da humanidade..."

Mas o Senhor replicou-lhes na sua misericordia:

— "Todas as vossas ciencias são respeitaveis, mas valerão muito pouco se não tiverdes caridade. Toda a sabedoria sem a bondade é como luz que não aquece, ou como flor que não perfuma... A questão da felicidade humana está claramente resolvida na pratica do meu Evangelho, como a solução algebrica define os vossos problemas de matematica. O Reino do Céu ainda é a mansão prometida aos simples e pobres da Terra, que vêm a mim isentos de soberba e de vaidade!..."

Aqui, Sr. Prefeito, não se mede o espirito pela posição que haja ocupado no mundo. A indumentaria nada representa para as leis sábias e justas da espiritualidade. Não obstante os seus conhecimentos teologicos, não se esqueça de que os manuais dos santos são compendios de teorias da Terra. A pratica é bem outra e é desta que voltamos para lhe falar dos argumentos mais firmes.

Aproveite a oportunidade que Jesus lhe colocou nas mãos e reconsidere o seu ato, reparando-o. Sua memoria será então abençoada pela infancia brasileira, votada ao desamparo pelos nossos politicos que cuidam durante a vida inteira dos seus interesses e dos seus elei-

torados. E, um dia, quando não for mais o Sr. Prefeito Municipal e sim o nosso irmão Olympio, seu coração ha de sentir, nos mais reconditos refolhos, a suavidade das mãos veludosas do Jardineiro Divino, plantando os lirios perfumados da paz nas profundezas do seu mundo intimo. E, quando essas flores distilarem nos seus olhos o aroma bendito das lagrimas de gratidão e reconhecimento, uma voz branda e suave murmurará aos seus ouvidos: — "Guarda, meu filho, a minha recompensa. Regosija-te no Senhor, pois que foste meu servo e tiveste caridade!..."

18 de Dezembro de 1936.

A PAZ E A VERDADE

Os grandes Espiritos que, sob a tutela amorosa de Jesus, dirigem os destinos da Humanidade, reuniram-se, ha pouco tempo, nos planos da erraticidade para discutirem o método de se estabelecer o Gênio da Paz, sobre a face da Terra.

A essa assembléia de sábios das coisas espirituais e divinas, compareceram anciãos da sociedade de Marte, estudiosos de Saturno,

cientistas e apóstolos de Jupiter e outros representantes da vida do nosso sistema solar.

Estudaram, reunidos, todos os séculos passados, esmerilhando a antiguidade egípcia, as éras clássicas, o imperio romano, o advento do Cristianismo, os tempos apostólicos, a idade média, a revolução francesa, o progresso científico e filosófico do século XIX e a última experiência dolorosa das criaturas humanas, em 1914, concluindo que, depois de tantas lições sábias e justas, a humanidade terrestre estaria preparada para receber em seu seio o Gênio da Paz, edificando-lhe um templo no coração atormentado e sofredor. E os mentores dos destinos humanos, deliberaram aceitar unanimemente essa hipótese, marcando, porém, um dia para nova reunião coletiva, afim de ouvirem o Mensageiro da Paz, que partiria para a tarefa de investigar todos os elementos ao seu alcance, para a consecução desse grandioso projeto.

E o mensageiro partiu.

Deixava os seus penates celestes cheios de harmonias e de caricias maravilhosas. O sistema solar era toda uma lira de luz, desferindo um cantico de glorificação a Deus no infinito dos espaços. Saturno com as suas luas e com os seus anéis rutilantes, Marte com os seus satélites graciosos, Vênus com a sua vida primária, enchendo o Céu de perfumes e as es-

tradas aéreas formadas no éter delicioso, alcatifadas de estrelas e flores evanescentes.

Após atravessar essa região de belezas indefiníveis e, depois de penetrar as camadas de ozônio que revestem as massas atmosféricas do orbe terrestre, colocando as criaturas vivas a salvo dos raios desconhecidos e mortíferos do espectro solar, o Mensageiro sentiu-se oprimido sob uma atmosfera de fumo sufocante e, em breve, estudava a situação de todos os países, para colher notícias necessárias aos seus superiores dos planos espirituais.

No dia aprazado, comparecia, torturado e abatido, á presença dos seus maiores.

Os anciãos veneráveis, que haviam deliberado sua vinda ao planeta terreno, esperavam-no com expectativas promissoras. Mas, o nobre expedicionário começou a expor as suas opiniões sem otimismo e sem esperança:

— “Senhores, começou ele, nossas previsões não se realizaram. A Terra toda, na atualidade, é um perigoso rastilho. Todas as rações estão prontas para a guerra. A luta ali é um produto inevitável dos labores ideológicos das criaturas humanas. Procurei um lugar onde fôsse possível estabelecer as minhas atividades, sem encontrar elementos para esse fim, em parte alguma. Debalde tentei sobrepor as minhas influências nos gabinetes públicos, nas doutrinas da coletividade, ou no santua-

rio dos corações. Os homens ainda não conseguem entender nossos alvitre e nossos conselhos. Nenhum deles cuida da necessidade de paz com sinceridade e desinteresse. Alguns falam em meu nome, para levantarem recompensas e honrarias nos torneios políticos ou literários. Desgraçadamente, porém, não podem prescindir das necessidades negras da guerra!”

Verificou-se, na assembléa augusta e respeitável, um movimento penoso de assombro.

Alí se encontravam Espíritos diretores dos povos, raças e de todos os ideais que nobilitam a humanidade.

E os antigos gênios, inspiradores das raças eslavas e germanicas solicitaram notícias dos seus subordinados, mas a entidade amiga respondeu com franqueza:

— “Os povos que se acham sob a vossa carinhosa tutela vivem a fase terrível do mais desenfreado armamentismo. A Alemanha já reocupou a Renania, readquirindo, igualmente, o território do Sarre, preparando-se para reconquistar o seu imperio colonial. Antevendo as grandes guerras que se aproximam, os alemães estão aproveitando todas as suas capacidades inventivas na criação de novos elementos de destruição nas industrias belicas.

Os seus zepelins atravessam todos os continentes do mundo a pretexto de turismo, es-

tudando a situação topográfica dos outros países, arquitetando um novo sonho de imperialismo internacional; com a teoria do racismo, procura levantar o plano nefasto de sua hegemonia no globo, criando toda especie de aparelhos para o dominio do mundo. A Russia prepara-se, inventando novos engenhos para a industria da guerra, arrancando suor dos seus filhos para fomentar a sua ideologia politica na face da Terra, incentivando revoltas e sacrificando corações. A Polonia gasta, na actualidade, um terço dos seus orçamentos com as forças armadas e todas as outras pequenas nacionalidades, que floresceram nas margens do Danubio, não escondem a sua posição na corrida armamentista destes últimos tempos, fortificando-se para as lutas do porvir...”

E vieram os gênios inspiradores das raças latinas, obtendo a mesma resposta:

— “A França e a Italia, prosseguiu o embaixador solícito, que foram sempre as nações diretoras do pensamento da latinidade, estão entregues a todos os desregramentos das industrias da guerra. A primeira, dominada pelas obrigações de ordem politica, se coloca numa posição perigosa em face dos países que eram seus antigos aliados; a segunda acaba de realizar a campanha condenavel de conquista do território abissínio, com os mais abjetos espectaculos da força. As aviações francêsa e italia-

na, seus vasos de guerra, seus milhares de homens da infantaria motorizada causam dolorosa surpresa aos raros espíritos pacifistas do mundo. A Espanha se afoga numa onda incendiária de sangue e todas as outras nações européias, inclusive a Inglaterra, que despedaça, no momento, todas as lanças ao seu dispor, para a conservação do seu império colonial, se preparam para a carnificina do futuro. Não se pôde esperar nenhum esforço em favor da paz, por parte das raças latinas”.

E vieram, em seguida, os seres tutelares dos povos da Mongólia, recebendo idêntica resposta:

— “A China está cheia de fogo e de sangue... O Japão repleto de associações secretas, de espionagem, para a realização dos projetos nipônicos na guerra futura. As ilhas orientais estão dominadas pelo imperialismo do século, fomentando-se dentro delas todas as lutas sociais, políticas e religiosas...”

E chegaram, depois, nesse inquerito, os gênios que presidem ao destino das livres Américas, obtendo sempre a mesma resposta:

— “Os vossos subordinados, exclamou o lúcido e bem informado Mensageiro, inconscientes dos tesouros econômicos que possuem, perdem-se num labirinto de lutas políticas de todos os matizes. As nações do Norte vivem idealizando todos os poderes destrutivos para

serem utilizados na sua defensiva, esperando-se, ali, mais tarde, o perigo das forças amarelas; atormentados pelos preconceitos, entregam-se por vezes, a linchamentos e a distúrbios sociais, incompatíveis com o seu alevantado progresso. Os americanos do Sul esquecem as suas possibilidades na solução do problema da concordia humana, entregando-se, de vez em quando, aos excessos das paixões políticas, que os arrastam ao sangue fratricida das guerras civis, cujo único objetivo é multiplicar o número dos infelizes e dos desafortunados do mundo...”

Depois de penosas discussões, vieram os grandes gênios inspiradores das ciências físicas e morais da humanidade terrestre; todavia, o Gênio da Paz, continuou com a sua palavra inflexível e dolorosa:

— “Não se pôde esperar um esforço sério das correntes religiosas da Terra, em favor da tranquilidade dos homens; com raras exceções, quasi todas estão divididas em núcleos de combate recíproco, dentro de atividades e interesses anti-cristãos. Quanto às ciências físicas, todas as suas atenções estão voltadas para o extermínio e para a morte. Criaram-se na Terra os mais terríveis aparelhos de defesa anti-aérea, gases mortíferos, que fazem explodir aviões e outras poderosas máquinas de guerra, torpedos do ar e da terra, salientando-se o torpedeiro moderno, que poderá carregar

2.800 toneladas e que destroe, fatalmente, o alvo objetivado e atingido; metralhadoras elétricas, confortáveis e rápidas, de tiros rápidos, graças ao sistema rotativo; canhões anti-aéreos, oferecendo capacidade para o tiro vertical de 15.000 metros... A Terra é um vasto pandemônio de armas, de infantarias e munições... Percorri todas as cidades, todas as organizações e todos os lares, improficuamente !..."

A essa altura, quando a confusão de vozes se estabelecia no recinto iluminado, onde se reuniam as falanges espirituais do Infinito, o Gênio da Verdade que era o supremo diretor dêsse conclave angelico dos espaços, exclamou gravemente:

— "Calai-vos, meus irmãos !... Ninguém, na Terra, poderá colocar outro fundamento a não ser o de Jesus Cristo. A evolução moral dos homens será paga com os mais penosos tributos de sangue das suas experiências. As criaturas humanas conhecerão a fome, a miséria, a nudez, a carnificina e o cansaço, para aprenderem no amor d'Aquele que é o Jardineiro Divino dos seus corações; transformarão as suas cidades prestigiosas em ossuários apodrecidos para saberem erguer os monumentos projetados no Evangelho do Divino Mestre. Chega de mensagens, de arautos e mensageiros... No fumo negro da guerra, o homem terá a vi-

são deslumbradora da luz maravilhosa dos planos divinos !..."

E depois de uma pausa, cheia de comoção e de lágrimas, no espírito de todos os presentes, a lúcida entidade sintetizou:

— "Nunca haverá paz no mundo sem a Verdade !..."

E, enquanto as aves celestes vojavam nas atmosferas radiosas e eterizadas do infinito e a luz embriagava todas as criaturas e todas as coisas, num turbilhão de claridades e de perfumes, ouviu-se uma voz indefinível, bradando na imensidade:

— "Ninguém, na Terra, pôde lançar outro fundamento além daquele que foi posto por Jesus Cristo !"

E, confundida numa luz imensa e maravilhosa, a grande assembléa da Paz foi dissolvida.

2 de Janeiro de 1937.

SÓCRATES

Foi no Instituto Celeste de Pitágoras (1) que vim encontrar, nestes últimos tempos, a

(1) Nome convencional para figurar-se os centros de grandes reuniões espirituais no plano invisível. — O autor.

figura veneranda de Sócrates, o ilustre filho de Sofrônisco e Fenareta.

A reunião, nesse castelo luminoso dos planos erraticos, era, nesse dia, dedicada a todos os estudiosos vindos da Terra longinqua. A paisagem exterior, formada na base de substancias imponderaveis para as ciencias terrestres da atualidade, recordava a antiga Helade, cheia de aromas, sonoridade e melodias. Um sólo de neblinas evanescentes evocava as terras suaves e encantadoras, onde as tribus jônias e eólias localizaram a sua habitação, organizando a patria de Orfeu, cheia de Deuses e de harmonias. Arvores bizarras e floridas enfeitavam o ambiente de surpresas cariciosas, lembrando os antigos bosques da Tessalia, onde Pan se fazia ouvir com as cantilenas de sua flauta, protegendo os rebanhos, junto das frondes vetustas que eram as liras dos ventos brandos, cantando as melodias da natureza.

O palacio consagrado a Pitágoras tinha um aspeto de severa beleza, com as suas colunas gregas á maneira das maravilhosas edificações da gloriosa Atenas do passado.

Lá dentro, agasalhava-se toda uma multidão de Espiritos, ávidos da palavra esclarecida do grande mestre, que os cidadãos atenienses haviam condenado á morte, 399 anos antes de Jesus Cristo.

Alí se reuniam vultos venerados pela filo-

sophia e pela ciencia de todas as epochas humanas, Terpandro, Tucídides, Lisis, Esquines, Filolau, Timeu, Simias, Anaxágoras e muitas outras figuras respeitaveis da sabedoria dos homens.

Admirei-me, porém, de não encontrar ali nem os discipulos do sublime filósofo ateniense, nem os juizes que o condenaram á morte. A ausencia de Platão a esse conclave do Infinito impressionava-me o pensamento, quando, na tribuna de claridades divinas, materializou-se, aos nossos olhos, o vulto venerando da filosoifa de todos os séculos. Da sua figura irradiava-se uma onda de luz, levemente azulada, enchendo o recinto de uma vibração desconhecida, de uma paz suave e brande. Grandes madeixas de cabelos alvos de neve molduravam-lhe o semblante jovial e tranquilo, onde os olhos brilhavam infinitamente cheios de serenidade, alegria e doçura.

As palavras de Sócrates contornaram as teses mais sublimes, porém, inacessiveis ao entendimento das criaturas atuais, tal a transcendencia dos seus profundos raciocinios. Á maneira das suas lições, nas praças públicas de Atenas, falou-nos da mais avançada sabedoria espiritual, através de inquirições que nos conduziam ao âmago dos assuntos; percorreu sobre a liberdade dos seres nos planos divinos que constituem a sua atual morada e dos grandes

conhecimentos que esperam a humanidade terrestre no seu futuro espiritual.

É verdade que não posso transmitir aos meus companheiros terrenos a expressão exata dos seus ensinamentos, estribados na mais elevada das justiças, levando-se em conta a grandeza dos seus conceitos incompreensíveis para as ideologias das patrias no mundo atual, mas, ansioso de oferecer uma palavra do grande mestre do passado aos meus irmãos, não mais pelas visceras do corpo e sim pelos laços afetivos da alma, atrevi-me a abordá-lo:

— Mestre, disse eu, venho recentemente da Terra distante, para onde encontro possibilidade de mandar o vosso pensamento. Desejariéis enviar para o mundo as vossas mensagens benevolentes e sábias?

— Seria inútil — respondeu-me bondosamente — os homens da Terra ainda não se reconheceram a si mesmos. Ainda são cidadãos da pátria, sem serem irmãos entre si. Marcham uns contra os outros, ao som de músicas guerreiras e sob a proteção de estandartes que os desunem, aniquilando-lhes os mais nobres sentimentos de humanidade.

— Mas... — retorqui — lá no mundo, ha uma elite de filósofos que se sentiriam orgulhosos de vos ouvir !...

— Mesmo entre êles, as nossas verdades não seriam reconhecidas. Quasi todos estão

com o pensamento cristalizado no ataúde das escolas. Para todos os espiritos, o progresso reside na experiência. A historia não vos fala do suicidio orgulhoso de Empédocles de Agrigento, nas lavas do Etna, para proporcionar aos seus contemporaneos a falsa impressão de sua ascensão para os céus? Quasi todos os estudiosos da Terra são assim; o mal de todos é o enfatuado convencimento de sabedoria. Nossas lições valem sómente como roteiro de coragem para cada um, nos grandes momentos da experiência individual, quasi sempre difficil e dolorosa.

Não crucificaram, por lá, o Filho de Deus que lhes oferecia a sua vida, para que conhecessem e praticassem a Verdade? O pórtico da pitonisa de Delfos está cheio de atualidade para o mundo. Nosso projeto de difundir a felicidade na Terra só terá realização, quando os Espiritos aí encarnados deixarem de ser cidadãos, para serem homens conscientes de si mesmos. Os Estados e as Leis são invenções puramente humanas, justificaveis, em virtude da heterogeneidade com respeito á posição evolutiva das criaturas; mas, enquanto existirem, sobrará a certeza de que o homem não se descobriu a si mesmo, para viver a existencia espontanea e feliz, em comunhão com as disposições divinas da natureza espiritual. A huma-

nidade está muito longe de compreender essa fraternidade no campo sociológico."

Impressionado com essas respostas, contive-me a interrogá-lo:

— "Apesar dos milênios decorridos, tendes a exprimir alguma reflexão aos homens, quanto à reparação do erro que cometeram, condenando-vos á morte?"

— "De modo algum. Meletos e outros acusadores estavam no papel que lhes competia, e a ação que provocaram contra mim nos tribunais atenienses só podia valorizar os princípios da filosofia do bem e da liberdade que as vozes do Alto me inspiravam, para que eu fôsse um dos colaboradores na obra de quantos precederam, no planeta, o pensamento e o exemplo vivo de Jesus Cristo. Se me condenaram á morte, os meus juizes estavam igualmente condenados pela natureza; e, até hoje, enquanto a criatura humana não descobrir a si mesma, os seus destinos e as suas obras serão patrimônios da dor e da morte."

— "Poderíeis dizer algo sobre a obra dos vossos discipulos?"

— "Perfeitamente, respondeu-me o sabio illustre, é de lamentar as observações mal avisadas de Xenofonte, lamentando eu, igualmente, que Platão, não obstante a sua coragem e o seu heroismo, não haja representado fielmente a minha palavra, junto dos nossos contempo-

raneos e dos nossos pósteros. A historia admirou na sua apologia os discursos sabios e bem feitos, mas a minha palavra não entoaria ladainhas laudatorias aos politicos da época, e nem se desviaria para as afirmações dogmaticas no terreno metafisico. Vivi com a minha verdade para morrer com ela. Louvo, todavia, a Antistenes, que falou com mais imparcialidade a meu respeito, de minha personalidade que sempre se reconheceu insufficiente. Julgaveis então que me abalançasse, nos ultimos instantes da vida, a recomendar no sentido de que se pagasse um galo a Esculapio? Semelhante expressão, a mim atribuida, constitue a mais incompreensivel das ironias."

— "Mestre, e o mundo?" — exclamei.

— "O mundo atual é a semente do mundo paradisiaco do futuro. Não tendes pressa. Mergulhando-me no labirinto da historia, parece-me que as lutas de Atenas e Esparta, as glorias do Partenon, os esplendores do seculo de Péricles são acontecimentos de ha poucos dias; entretanto, soldados espartanos e atenienses, censores, juizes, tribunais, monumentos politicos da cidade, que foi minha patria, estão hoje reduzidos a um punhado de cinzas!... A nossa unica realidade é a vida do Espirito."

— "Não vos tentaria alguma missão de amor na face do orbe terrestre, dentro dos grandes objetivos da regeneração humana?"

— “Nossa tarefa, para que os homens se persuadam com respeito á verdade, deve ser toda indireta. O homem terá de realizar-se interiormente pelo trabalho perseverante, sem o que todo o esforço dos mestres não passará do terreno do puro verbalismo.”

E, como se estivesse concentrado em si mesmo, o grande filósofo sentenciou:

— “As criaturas humanas ainda não estão preparadas para o amor e para a liberdade... Durante muitos anos, ainda, todos os discipulos da Verdade terão de morrer muitas vezes !...”

E, enquanto o ilustre sabio ateniense se retirava do recinto, junto de Anaxágoras, dei por terminada a preciosa e rara entrevista.

7 de Janeiro de 1937.

ESCREVENDO A JESUS

Meu Senhor Jesus.— Dirijo-vos esta carta, quasi como nos ultimos tempos em que o fazia na Terra, fechado nas perplexidades da incompreensão. Muitas vezes imaginei que estivesseis acessivel á visão de todos aqueles que se evadem do mundo pela porta escura da Morte, afim de premiar os bons e punir pessoalmente os culpados, como os modernos chefes de Es-

tado, que distribuem medalhas de honra nas datas festivas e exaram sentenças condenatorias em seus gabinetes.

Mas, não é assim, Senhor ! Todas as ingenuas e doces concepções do catolicismo se esfumaram na minha imaginação. A morte não faz de um homem um anjo; amontôa-nos, aos magotes, onde possa caber toda a imensidade das nossas fraquezas e aí, na contemplação das nossas realidades e das nossas misérias, descerra um fragmento dos véus do seu grande misterio. Então, sentimo-nos reconfortados pela esperança e basta esse raio de luz para que sejamos deslumbrados na vossa gloria.

Se é verdade que não vos buscavamos nos caminhos da Terra, não era justo que nos visseis esperar á porta do Céu.

Todavia, Senhor, não é para exprobrar o meu passado, no mundo, que vos dirijo esta carta. É para vos contar que os homens vão reviver novamente a tragedia da vossa morte. Muitos judeus influentes promovem na atualidade uma ação tendente a esclarecer o processo que motivou a vossa condenação. É verdade que esses movimentos tardios, para apurar os erros do pasado, não são novos. Joana d'Arc foi canonizada após a calunia, o martirio e o vilipendio e, ainda agora, no Brasil, foi revivido o processo que fizera de Pontes Visgueiro um monstro nefando, movimento esse que lhe

atenuou a falta, humanizando-se a sua figura, através da análise minuciosa dos factos, recapitulados pelo sr. Evaristo de Moraes.

Os descendentes dos vossos algozes querem reparar a violencia dos seus avós. Objectivam a reconstrução do mesmo cenario de antanho. A côrte provincial romana, o tribunal famoso dos israelitas, copiando a situação com a possível fidelidade. Eu poderia, porém, acrescentar, entre parentesis, que o mesmo Caifaz ainda estará no Sinhedrio para punir e julgar.

Foi pensando tudo isso, Senhor, que fui a Jerusalém observar detidamente os lugares santos. Se ultimamente contemplei a cidade arruinada dos profetas, no momento em que se comemorava a vossa paixão e a vossa morte, tendo fixado no espirito os quadros dolorosos do vosso martirio, não pude observar detalhadamente as suas ruínas, desde o momento em que a minha atenção foi solicitada pela magnanima figura de Iscariote.

É verdade que os seculos guardarão af para sempre os traços indeleveis da vossa ligeira passagem pelo planeta. Jerusalém prosseguirá contando aos peregrinos do mundo inteiro a sua historia de lamentações e dores. Reconheci, contudo, a dificuldade para copiar o passado com as suas coisas e com as suas circunstancias.

Conta-se que, anos depois da vossa cruci-

ficação, o Rabbi Aguiaba foi com alguns companheiros visitar as ruínas do templo onde haviam soado as vossas divinas palavras. Mas, o local sagrado onde se venerava o Santo dos Santos era refugio dos chacais, que fugiram, espantados com a presença dos homens.

Hoje, igualmente, Senhor, Jerusalém não possui a fisionomia de outrora. Nos lugares onde se derramava o perfume do incenso e da mirra, ha um cheiro pronunciado de gasolina e vapores. Os burricos graciosos foram substituidos pelos automoveis confortaveis. Os Ingleses vivem occidentalizando as ruínas abandonadas. Sobre o mar da Galiléia, em Tibériades, foi construido um balneario elegante, cheio de banhistas com seus trajes multicores, sentindo-se ali como em Copacabana, ou Biarritz. A Judéia está cortada de linhas ferreas, de estradas macadamizadas, de cinematografos, de iluminações electricas, de serviços modernos. Ha, até, Senhor, um poderoso judeu russo, chamado Rutemburgo, que captou energia electrica nas aguas mansas do Jordão, á força de mecanismos e de represas. Aquelas aguas sagradas e claras, que batizaram os cristãos, movem hoje poderosas turbinas. As usinas estão em toda parte. Toda essas installações têm alterado a fisionomia da região.

Certamente, Senhor, conhecestes Haifa, que era um ninho tranquilo e doce, á sombra do

monte Carmelo, sobre o qual Elias encontrou os profetas de Baal, confundindo-os com a sabedoria das suas palavras. Pois, hoje, palpita ali uma enorme cidade, guardando uma grande estação de deposito de petroleo, onde a marinha inglesa costuma abastecer-se.

O campo suave de Mizhep, onde a voz de Samuel se fez ouvir durante trinta dias consecutivos, exortando Israel, transformou-se num imenso aerodromo, onde pousam as aves metalicas do progresso, cheias de noticias e de ruidos.

Torna-se dificil reconstituir o ambiente da vossa injusta condenação. Mas, os homens, Senhor, nunca dispensaram a teatralidade e as mascaras de suas vidas. É possivel que engendrem um dramalhão, onde, a pretexto de *vos rehabilitar* diante da Historia, subvertam ainda mais, no abismo da sua materialidade, a profunda significação espiritual da vossa doutrina.

As multidões não serão inquiridas agora com respeito á sua preferencia por Barrabás. Os pontifices do Sanhedrim não conseguirão colocar nos vossos braços misericordiosos uma cana á guisa de cetro, nem ferir a vossa fronte com a corôa de espinhos. Certamente, todavia, mandarão erigir ironicamente um colosso de pedra, á vossa semelhança, injuriando a vossa memoria. Os chamados crentes ajoelhar-se-ão

aos pés dessa estátua impassivel, suplicando, no seu cepticismo elegante, a vossa benção, antes de se levantarem para devorar-se uns aos outros, como Cains desvairados.

Ah ! Senhor ! nós sabemos que do vosso trono estrelado vindes velando por esse orbe tão pequenino e tão infeliz ! A mangedeira e a cruz ainda constituem o maior tesouro dos humildes e dos infortunados. Mas, vêde, Senhor, como as ervas más se alastram pela Terra...

Cortai-as, Jesus, para que o trigo loiro da paz e da verdade resplandeça na vossa seara bendita. E que os homens, reunidos no mesmo jugo suave da fraternidade que nos ensinastes, descansem, embalados no cantico sublime da vossa misericordia e do vosso amor.

8 de Março de 1937.

A MAIOR MENSAGEM

Muita gente boa poderá supor na Terra que o homem, atravessando as aguas escuras do Aqueronte, encontrará na outra margem o pço maravilhoso da Sabedoria. Um homem de bons costumes, que andasse aí na Terra vendendo pasteis, depois dos banhos prodigiosos

da Morte voltaria aos cenários da vida sentenciando em todos os problemas que ensandecem o cérebro da Humanidade.

Mas, não é assim.

Cada indivíduo conserva, no Além, a posição evolutiva que o caracterizava na Terra. Cada entidade comunicante é, portanto, o homem... desencarnado, ressaltando-se, todavia, a posição elevada dos Espíritos missionários que, de vez em quando, pousam no mundo abnegadamente, sem lhe reparar a miséria e a estreita relatividade.

Arrebatados, assim, para o império das sombras, não estamos vagueando em paisagens lunares ou no céu dos teólogos. O nosso mundo é de perfeita transição.

Já Raymond, na Inglaterra, com o apoio da autoridade científica de Sir Oliver Lodge, falou ao mundo terrestre de nossas paisagens bizarras, repletas de coisas semelhantes às coisas da nossa vida e das nossas atividades no planeta. Seus arroubos descritivos não comoveram o espírito cristalizado da ciência oficial e provocaram exclamações pejorativas de muitos filósofos espiritualistas.

De minha parte, porém, já não quero fazer passar os olhos curiosos dos meus leitores sob o Arco de Esôpo, movimentando as minhas criações do Tonel de Diogenes. Agora, mais que nunca, reconheço que cada qual comi-

preende como pôde aí no mundo e não me animo a provocar o riso despreocupado dos meus semelhantes, desejando somente levar-lhes o coração para as questões nobres e uteis da Vida.

Para contar-lhes, assim, o que fiquei conhecendo daqui, como a Maior Mensagem existente da Terra, devo dizer-lhes que, no casarão dos espaços, onde nos encontramos agasalhados, existe o Grande Salão dos Invisíveis. É aí que nos reunimos, muitas vezes, em amável "tête-à-tête", reconfortando-nos, após as lutas terrestres, recebendo frequentemente as opiniões esclarecidas dos mestres da espiritualidade. Aparelhos delicadíssimos, de uma radiotelegrafia mais avançada, nos colocam em contato com entidades angelicas, como os políticos do Rio de Janeiro podem ouvir o governo de Tokio, trocando, entre si, as impressões de um momento, sem se afastarem de suas cidades respectivas.

No dia a que me reporto, encontrávamo-nos ali, em animada palestra. Escritores franceses, ingleses, asiáticos e americanos, discutíamos os progressos da Terra. Não ha mais aqui a barreira dos idiomas. Cada qual pode falar á sua vontade, porque o pensamento já é, por si mesmo, uma especie de Volapuk universal.

— "O que mais me admira na atualidade

do mundo — exclamava um dos companheiros — é a obra perfeita da engenharia moderna. Na America do Norte, cuida-se da captação da energia electrica existente na força das ondas maritimas, dentro do mecanismo de poderosas turbinas e, talvez, antes que o homem penetre o segredo do aproveitamento das forças atómicas, para repousar as suas actividades na electricidade atmospherica, já terá construido formidaveis usinas captadoras da energia dos ventos, a mais de duzentos metros de altura. A mecanica da aviação progride a cada minuto e o homem está prestes a adotar os mais avançados sistemas de locomoção aerea, com os futuros aparelhos de vôo individual.”

—“Todavia, atalhou outro, temos de considerar igualmente o elevado plano evolutivo das criaturas nos laboratorios. O alemão Todenhaupt demonstrou a maneira de se transformar a caseina do leite em lã artificial. Os tecnologistas descobriram todos os meios de se copiar perfeitamente a natureza e os produtos sinteticos fazem, por toda parte, as comodidades da civilização. Os raios X devassaram a organização de todos os corpos, provando que todas as materias, na crosta terrestre, são cristalinas, facilitando o exame de suas disposições atómicas e moleculares. Essas revoluções, no campo imenso das industrias modernas, não de determinar fatalmente pro-

fundas modificações na vida atormentada dos homens.”

Ouvia interessado esses argumentos, sem poder participar com veemencia dos problemas debatidos, em virtude de trazer muito pouca bagagem do nosso pobre Brasil, com exceção das idéias politicas, quando outro amigo interveiu:

— “Muito me têm preocupado as questões de medicina e é com assombro que vejo a evolução dos processos terapeuticos no orbe terráqueo. Os hormonios, as vitaminas e as glandulas, tão desconhecidos ali antigamente, são objeto de toda uma revolução científica. Ainda agora os hospitais de Moscow realizam, com exito, as mais extraordinarias transfusões de sangue cadaverico. Os medicos moscovitas descobriram os recursos de conservar o sangue retirado de um cadaver, no instante imediato da morte, por mais de 20 a 30 dias, applicando-o com felicidade a outros organismos enfermos. Os processos de saneamento e de higiene não ficam aquem dessas conquistas. Ha tempos, saneou-se na Italia a região das Lagoas Pontinas e onde havia pantanos e fôcos microbianos florescem hoje cidades prestigiosas e progressistas.”

E, nesse diapasão, todos os escritores desencarnados manifestaram os seus pensamentos otimistas. Falou-se da fisica, da bacteriologia,

dos processos pedagogicos, da industrialização, do nacional socialismo de Hitler e dos principios democraticos de Roosevelt.

Mas, quando a palestra atingia o fim de seu curso, uma voz, cuja origem não poderíamos determinar, exclamou em nosso meio com melancolica imponencia:

— “Todas as conquistas e todas as comodidades da civilização terrestre da atualidade são questões secundarias nos ciclos eternos da Vida... A mão invisivel e poderosa que destruiu o orgulho impenitente de Babilonia e de Persepolis, que aniquilou os poderes de Roma e de Cartago, pode reduzir o mundo ocidental a um punhado de cinzas !...”

“As paltaformas politicas, os laboratorios scientificos, os diplomas de novos conhecimentos, são segundos valores, em todos os caminhos evolutivos, porque, sem o amor, que é a fraternidade universal, todas as portas da evolução estarão fechadas... Pode Einstein devassar novos segredos na teoria da relatividade, Segismund Freud poderá descobrir novas causas dos padecimentos humanos com a perseverança e com a paciencia de suas analises, a tecnologia pode modificar visceralmente a estrutura das industrias no planeta, Hitler, Mussolini, Roosevelt e Trotsky podem aventar novas sistematizações da politica, renovando as concepções do Estado; mas, a Maior Mensagem, no mundo,

ainda é o Evangelho. Sem o amor de Jesus Cristo, todos os povos estão condenados a morrer, com todo o peso de suas conquistas e de suas glorias, porque somente o Amor pode salvar o mundo que se aniquila... Podereis todos vós descer á face escura e triste da Terra, proclamando a vossa imortalidade, porém nada fareis de util, se não entregardes ao espirito humano essa chave maravilhosa, para que se abram as portas imensas da Paz, no coração amargurado dos homens !...”

Diante dessa voz suave e terrivel, todos nós silenciáramos.

Ao longe, muito ao longe, por um esforço pronunciado de nossa ação, divisávamos a Terra longinqua... Furacões destruidores pareciam envolve-la. Suas atmosferas estavam enegrecidas, pejadas de nuvens de fumo e de poeira sangrenta. Um secreto pavor dominou as nossas almas e guardámos em nosso intimo aquela voz profetica e ameaçadora: — “A mão invisivel e poderosa que destruiu o orgulho impenitente de Babilonia e de Persepolis pode reduzir a Civilização Ocidental a um punhado de cinzas...”

17 de Abril de 1937.

RESPONDENDO A UMA CARTA

Minha senhora. Eu sempre julguei que, terminadas as lutas da Vida, jamais poderia voltar o meu espirito das correntes tenebrosas do Stige, que os homens colocaram no Peloponeso escuro da Morte.

Mas, eis que volto dos palacetes aereos, onde se reconforta a minha alma, esquecida do jazigo subterraneo, onde repousam os meus alquebrados ossos, e recebo o angustioso apêlo do seu coração. A senhora me envia uma cartinha breve, escrita com as proprias lagrimas da sua dor, fazendo-me confidente da sua imensa amargura, como se eu ainda estivesse aí no mundo, escravizado a todas as suas algemas e a todas as suas conveniencias, por mal dos pecados meus. Agora, porém, graças a Deus, estou isento de todas as pesadas contribuições terrestres, inclusive a do imposto do sêlo para enviar-lhe o meu pensamento.

Falo-lhe do mundo de vida nova e de maravilhosa ressurreição, onde a esperam aquele esposo dedicado e amigo e aquele filho valeroso e leal que a senhora viu partir para as fronteiras tristes e nubladas da Morte, como Niobe, petrificada no seu desespero inconso-lavel.

Os movimentos revolucionarios do Brasil

destruçaram-lhe o coração amoroso e sensibillissimo. Em 30, quando os politicos novos se rejubilavam sobre os destroços da Republica Velha, enquanto se ufanavam bandeiras e vibravam mocidades, a sua alma de mulher, só-zinha e triste, chorava sobre o tumulto do companheiro que Deus lhe havia dado, com que edificara, através da luta e dos anos, o ninho quente e doce, em cujos delicados contornos o seu espirito se havia dilatado, prolongando-se nos filhos, satélites abençoados do seu amor e do seu coração. Esse golpe foi a grande espada de dor, estraçalhando para sempre a tranquillidade da sua vida.

Mas, o Destino foi inflexivel e doloroso.

Em 35, eis que perde o seu filho, digno sucessor da patente do seu pai, num outro movimento de forças homicidas. A sua alma de viuva e de mãe se cobriu então de luto e de lagrimas para sempre. Uma saudade oceanica absorve-lhe todas as atividades e todos os momentos e, no silencio da noite, quando todos se entregam ao amolecimento e ao repouso, e seu Espirito está vigilante como os soldados de Pompéia, apesar dos decretos irrevogaveis do Destino, esperando que surjam as visões consoladoras do companheiro bem amado e do filho inesquecido, até que as primeiras claridades do dia venham desfazer o magnetismo

suave das suas esperanças. No mundo das suas recordações fulguram relampagos e, assombrada, a sua alma vê passar todos os dias, nas estradas imensas da sua amargura, os fantasmas de todos os seus sonhos mortos, mergulhados no ataúde de suas desilusões.

Para uma alma de mãe que chora, nunca ha consolação bastante no mundo. Um coração materno, pranteando sobre as lutas fratricidas, é sempre um simbolo dos sofrimentos da Humanidade, crucificada no madeiro das hostilidades patrioticas, que separaram os povos do amor fraterno, distilando o veneno do odio nos seus corações.

Já se disse que a guerra é o fator de todos os progressos do orbe, mas temos que convir em que toda a civilização é um produto detestavel do martirologio das mães desveladas e sofredoras. É por isso, talvez, que a civilização dos homens cae sempre, na esteira infinita do tempo, como um fruto amargo e apodrecido. Todos os calendarios, surgidos nos milenios, assinalam epocas de opulencia e de grandeza, para se desfazerem nos abismos da miseria e da morte. No declinio de cada periodo evolutivo do planeta, reúnem-se em vão os politicos e os guerreiros para salva-lo, como agora acontece no mundo occidental, no desfialadeiro da destruição. Criam-se conciliabulos

de paz impossivel, porque, através de todos os edificios suntuosos e de todas as doutrinas politicas, faz-se ouvir a mesma voz compassiva e lamentosa: — “Caim, que fizeste do teu irmão ?”

É que nunca se reuniram os homens para salvar a civilização, com a ternura das mães, com os seus devotamentos e com os seus sacrificios; nunca se recordaram de uma estatística dos corações maternos, antes de prepararem uma batalha, embora se deva á mulher todos os monumentos de fé realizadora que os homens têm construido na face do mundo.

E, no seu caso, a dor que a martiriza fere mais fundo o seu coração, porque o seu esposo e o seu filho não pereceram num campo inimigo, onde batalhassem com o titulo de “bravos”, titulo esse ainda justificavel, em virtude da ignorancia das leis divinas, mas assassinados pelos seus proprios irmãos, com estúpida crueldade. Os factos, em verdade, não pertencem á Historia Patria, mas, sim, á legislação doCodigo Penal. Todavia, minha senhora, não busque a proteção das leis judiciais, estruturadas pelos homens. Subordine os julgamentos dos atos perversos de que foi objeto ao Tribunal Divino, que legisla acima de todas as forças politicas da Terra.

Sofra a sua dor com amargurada resignação.

O sofrimento é como um absinto maravilhoso. Se a sua taça está hoje cheia de fel inevitável, esse liquido amargo nunca se escôa. Aqueles que lh'o deram vêm atraz dos seus passos. O mesmo fel os aguarda, nos caminhos tortuosos da Vida.

Eu não tenho argumentos para consola-la, senão o de minha propria sobrevivencia, fornecendo-lhe a certeza de que um dia encontrará, numa vida melhor, os bem amados do seu coração. A sua dor é daquelas que a esponja insaciavel do Tempo não apaga na Terra; mas, viva a sua existencia com as esperanças colocadas no Céu. Lembre-se da Mãe de Jsus; ela sintetiza as angustias de todos os corações maternos, perdidos, como flores divinas, entre as urzes e entre os espinhos do mundo, e se sentirá tocada de uma luz suave e misericordiosa. Uma sagrada e terna esperança balsamizará, como um luar perene, a noite das suas desventuras, adquirindo a força necessaria para vencer nas estradas rispidas e espinhosas. Amparada na sua fé, espere no altar da oração o dia de sua liberdade espiritual. Nessa hora de claridades doces e alegres para o seu coração, a senhora verá que, no turbi-

lhão das lutas da Terra, todos os que contemplam o Céu são tambem por ele contemplados.

20 de Abril de 1937.

TIRADENTES

Dos infelizes protagonistas da Inconfidencia Mineira, no dia 21 de abril de todos os anos, aqueles que podem excursionar á Terra volvem ás ruinas de Ouro Preto, afim de se reunirem entre as velhas paredes da casa humilde do sitio da Cachoeira, trazendo a sua homenagem de amor á personalidade de Tiradentes.

Nessas assembléias espirituais, que os encarnados poderiam considerar como reuniões de sombras, os preitos de amor são mais expressivos e mais sinceros, livres de todos os enganos da Historia e das hipocrisias convencionais.

Ainda agora, compareci a essa festividade de corações, integrando a caravana de alguns brasileiros desencarnados que para lá se dirigiu, associando-se ás comemorações do proto-martir da emancipação do paiz.

Nunca tive muito contato com as coisas

de Minas Gerais, mas a antiga Vila Rica, atualmente elevada á condição de Monumento Nacional, pelas suas reliquias prestigiosas, sempre me impressionou pela sua beleza sugestiva e legendaria. Nas suas ruas tortuosas, percebe-se a mesma fisionomia do Brasil dos Vice-Reis. Uma corôa de lendas suaves paira sobre as suas ladeiras e sobre os seus edificios seculares, embriagando o espirito do forasteiro com melodias longinquoas e perfumes distantes. Na terra empedrada, ainda existem sinais de passos dos antigos conquistadores do ouro dos seus rios e das suas minas e, nas suas igrejas, ainda se ouvem soluços de escravos, misturados com gritos de sonhos mortos do seu valoroso heroismo. A velha Vila Rica, com a nevoa fria dos seus horizontes, parece viver agora com as suas saudades de cada dia e com as suas recordações de cada noite.

Sem me alongar nos lances descritivos, acerca dos seus tesouros do passado, objeto da observação de jornalistas e de escritores de todos os tempos, devo dizer que, na noite de hoje, a casa antiga dos Inconfidentes tem estado cheia das sombras dos mortos. Aí fui encontrar, não segundo o corpo, mas segundo o espirito, as personalidades de Domingos Vidal Barbosa, Freire de Andrade, Mariano Leal, Joaquim da Maia, Claudio Manoel, Ignacio

Alvarenga, Dorothea de Seixas, Beatriz Francisca Brandão, Toledo Pisa, Luiz de Vasconcellos e muitos outros nomes que participaram dos acontecimentos relativos á malograda conspiração. Mas, de todas as figuras veneraveis ao alcance dos meus olhos, a que me sugeria as grandes afirmações da patria era sem dúvida a do antigo alferes José Joaquim da Silva Xavier, pela sua nobre e serena beleza. Do seu olhar claro e doce, irradiava-se toda uma onda de estranhas revelações e não foi sem timidez que me acerquei da sua personalidade, provocando a sua palavra.

Falando-lhe com respeito ao movimento de emancipação politica, do qual havia sido o heroi extraordinario, declinei a minha qualidade de seu ex-compatriota, filho do Maranhão, que tambem combatera no passado contra o dominio dos estrangeiros.

— “Meu amigo, declarou com bondade, antes de tudo, devo afirmar que não fui um heroi e sim um espirito em prova, servindo simultaneamente á causa da liberdade da minha terra. Quanto á Inconfidencia de Minas, não foi propriamente um movimento nativista, apesar de ter aí ficado como um roteiro luminoso para a independencia da patria. Hoje posso perceber que a nossa ação era um projeto alto em demasia para as forças com que

podia contar o Brasil daquela época, reconhecendo como o idealismo eliminou em nosso espirito todas as noções da realidade prática; mas, estávamos embriagados pelas idéias generosas que nos chegavam da Europa, através da educação universitária. E, sobretudo, o exemplo dos Estados Americanos do Norte, que afirmaram os principios imortais do direito do homem, muito antes do verbo inflamado de Mirabeau, era uma luz incendiando a nossa imaginação. O Congresso de Philadelphia, que reconheceu todas as doutrinas democraticas, em 1776, afigurou-se-nos uma garantia da concretização dos nossos sonhos. Por intermedio de José Joaquim da Maia, procurámos sondar o pensamento de Jefferson, em Paris, a nosso respeito; mas, infelizmente, não percebíamos que a luta, como ainda hoje se verifica no mundo, era de principios. O fenomeno que se operava no terreno politico e social era o desprezo do absolutismo e da tradição, para que o racionalismo dirigisse a Vida dos homens. Fomos os títeres de alguns portugueses liberais, que, na colonia, desejavam adaptar-se ao novo periodo historico do planeta, aproveitando-se dos nossos primeiros surtos de nacionalismo. Não possuíamos um indice forte de brasilidade que assegurasse a nossa vitoria e a verdade só me foi intuitivamente revelada,

quando as autoridades do Rio me mandaram prender na rua dos Latoeiros.”

— “E nada tem a dizer sobre a defecção de alguns dos seus companheiros?” — perguntei.

— “Hoje, de modo algum, desejaria avivar minhas amargas lembranças... Aliás, não foi apenas Silverio quem nos denunciou perante o Visconde de Barbacena; muitos outros fizeram o mesmo, chegando um deles a se disfarçar, como uma fantasma, dentro das noites de Vila Rica, avisando quanto á resolução do governo da provincia, antes que ela fosse tomada publicamente, com o fim de salvaguardar as posições sociais de amigos do Visconde, que haviam simpatizado com a nossa causa. Graças a Deus, todavia, até hoje, sinto-me ditoso por ter subido, sozinho os vinte degraus do patíbulo.”

— “E sobre esses factos dolorosos, não tendes alguma impressão nova a nos transmitir?”

E os labios do Heroi da Inconfidencia, como se arreaciassem dizer toda a verdade, murmuraram estas frases soltas:

— “Sim... a Sala do Oratorio e o vozario dos companheiros desesperados com a sentença de morte... a Praça da Lampadosa, minha veneração pelo Crucifixo do Redentor e

o remorso do carrasco... a procissão da Irmandade da Misericórdia, os cavaleiros, até o derradeiro impulso da corda fatal, arrastando-me para o abismo da Morte..."

E concluiu:

— "Não tenho coisa alguma a acrescentar ás descrições historicas, senão minha profunda repugnancia pela hipocrisia das convenções sociais de todos os tempos."

— "É verdade, acrescentei, reza a historia que, no instante da vossa morte, um religioso falou sobre o tema do Ecclesiastes — "Não atrações o teu rei, nem mesmo por pensamentos."

E, terminando a minha observação com uma pergunta, arrisquei:

— "Quanto ao Brasil actual, qual a vossa opinião a respeito?"

— "Apenas a de que ainda não foi atingido o alvo dos nossos sonhos. A nação ainda não foi realizada para criar-se uma linha historica, mantenedora de sua perfeita independencia. Toda a vitalidade de um povo reside na organização de sua economia e a economia do Brasil está muito longe de ser realizada. A ausencia de um interesse comum, em favor do paiz, dá causa não mais á derrama dos impostos, mas á derrama das ambições, onde todos

querem mandar, sem saberem dirigir a si proprios."

Antes que se fizesse silencio entre nós, tornei ainda:

— "Com respeito aos ossos dos inconfidentes, vindos agora da Africa para o antigo teatro da luta, hoje transformado em Panteon Nacional, são de facto o autentico esqueleto dos apóstolos da lierdade?"

— "Nesse particular, respondeu Tiradentes, com uma ponta de ironia, não devo manifestar os meus pensamentos. Os ossos encontrados tanto podem ser de Gonzaga, como podem pertencer, igualmente, ao mais miseravel dos negros de Angola. O orgulho humano e as vaidades patrioticas têm tambem os seus limites... Aliás, o que se faz necessario é a compreensão dos sentimentos que nos moveram a personalidade, impelindo-nos para o sacrificio e para a morte..."

Mas, não pode terminar. Arrebatado numa aluvião de abraços amigos e carinhosos, retirou-se o grande patriota que o Brasil hoje festeja, glorificando o seu heroismo e a sua doce humildade.

Aos meus ouvidos emocionados ecoavam as notas derradeiras da musica evocativa e dos fragmentos de orações que rodeavam o monumento do Heroi, afigurando-se-me que Vila

Rica ressurgira, com os seus coches dourados e com os seus fidalgos num dos dias gloriosos do Triunfo Eucarístico, mas, aos poucos, suas luzes se amorteceram, no silencio da noite, e a velha cidade dos conspiradores entrou a dormir, no tapete glorioso de suas recordações, o sono tranquilo dos seus sonhos mortos.

21 de Abril de 1937.

O PROBLEMA DA LONGEVIDADE

Os cientistas de todos os continentes se interessam no mundo pela solução do problema da longevidade humana. A maneira do doutor Fausto, ensandecem as suas faculdades intelectivas, buscando o ambicionado xarope miraculoso. Corações de cães e de galinhas são objeto de experimentos fisiologicos e não faz muitos anos o dr. Voronoff andava pelo mundo com a sua gaiola de símios, vendendo o elixir prodigioso da juventude aos velhos gozadores da vida. Agora, um dos seus continuadores, o dr. Alexis Carrell, em cooperação com Lindbergh, inventou um aparelho para investigar a vida das celulas e a produção de hormônios, onde se encontra vivo o coração de uma gato,

pulsando indefinidamente, esquecido de morrer, certamente enganado com a temperatura do recipiente de vidro que o encerra.

Nos ultimos tempos, é o professor Woodruff o iniciador de experiencias novas. Cultivando carinhosamente um microbio e sua progenie, no laboratorio de suas pesquisas científicas, todos os dias transforma o ambiente do microbio estudado, mudando a gota de agua e o tubo que constituem o seu grande mundo liliputiano, tendo reptido essa experiencia mais de mil vezes, constatando a imortalidade de seu paciente e guardando a esperança de poder aplicar os seus estudos ás criaturas humanas, criando uma nova teoria da longevidade, com a eliminação dos residuos celulares do organismo, olvidado, porém, de que as celulas cerebrais do homem, elementos constitutivos do aparelho mais delicado de manifestação do espirito dos seres racionais, não são suscetiveis de nenhuma alteração no decurso da vida. Os corpusculos do cerebro nunca se reproduzem. Podem os cientistas imitar todos os fenomenos da natureza. Um coração humano pode saltar numa retorta de laboratorio. Os rins e o fígado podem segregar os seus produtos especificos, separados do corpo, mas os estudiosos do mundo inteiro jamais poderão fazer pensar o cerebro de um cadaver.

Todas essas atividades da ciencia moderna, através de movimentos mecanicos, poderão organizar novos sistemas terapeuticos, mas nunca afastar do coração inquieto dos homens o gladio afiado da Morte.

A par dos professores, cujas teses objetivam a prolongação da existencia das criaturas, temos os politicos nacionalistas, incentivando a natalidade, como Mussolini, instituindo premios para as mães italianas e conquistando, a ferro e fogo, o territorio abissinio, afim de localizar os súditos do novo imperio.

É verdade que o "crescei e multiplicai-vos" representa um imperativo das leis divinas, mas é necessario saber-se o "como" dessa conciliação do espirito com a natureza. Os homens tentaram organizar, em todos os tempos, um código de moral, para que os imperativos evangelicos da multiplicação se cumprissem com decencia e pureza. As igrejas criaram o casamento religioso e os legisladores o matrimonio civil. Houve tambem os que tentaram organizar, nesse sentido, uma diretriz de ordem economica, como os ingleses, que instituiram o "birth control". Mas, eu não voltaria do mundo das sombras ignoradas, para fazer a apologia de Roberto Malthus e sim para perguntar se valeria a pena conservar-se indefinidamente

a vida do homem, sobre o vale de lagrimas do Salmista.

Quando ainda não se resolveu o problema do pão de cada dia, quando ha multidões de famintos e de desesperados, quando a sociologia não passa de palavra a ser interpretada, é lícito cogitar-se da longevidade das criaturas? Se vingassem as teorias modernas, teriamos igualmente a eternização do egoismo, da ambição e do orgulho, porque cada um não cogitaria senão da sua propria immortalidade.

As atividades inoportunas de semelhantes cogitações, no objeto de se fazer de cada homem um Mathusalem, sobre a terra, são a criação incessante dos institutos da Morte. A politica, que incentiva a natalidade, não quer a criança, senão para fazer dela, mais tarde, um soldado ou uma vivandeira, de acordo com a determinação de seu sexo. O monstro da guerra ai está ainda, como a Hidra de Lerna, envolvendo todos os povos do planeta nos seus tentaculos destruidores.

Todos os progressos da civilização se canalizam para esse gosto homicida. O animal politico de Aristoteles não vive senão para destruir os seus semelhantes e, nos departamentos de guerra de todos os paizes, existem os tecnicos de novos aparelhos de destruição.

Nestes ultimos tempos, um ilustre medico

européu inventou piedosamente uma especie de mascara protetora, contra todos os gases mortíferos conhecidos. Apresentando o invento humanitario ao seu diretor de laboratorio, obteve uma resposta curiosa:

— “Muito bem, meu amigo. A tua criação merece o apoio do governo e a admiração de teus colegas; todavia, é preciso agora que utilizes as tuas faculdades inventivas na criação de um gas mais poderoso do que essa mascara e que a possa inutilizar no momento oportuno”.

É dentro dessa mentalidade que se desdobram as atividades humanas.

Os cientistas que desejarem prestar o concurso dos seus conhecimentos á humanidade devem ocupar-se de problemas menos complexos do que o da inconveniente longevidade das criaturas.

Antes de tudo, é necessario educar-se o espirito, para o saneamento moral da vida das coletividades. Quando o homem conhecer a sua condição de usufrutuário do patrimonio divino, as armas da ambição, do egoismo e do orgulho estarão ensarilhadas para sempre. A morte, nesse plano ideal de conhecimento superior, deixará de ser a espada de Damocles, no banquete da vida, porquanto não mais existirá na

imaginação das criaturas, integradas no conhecimento de sua immortalidade espiritual.

Os cientistas que esudam a longevidade do corpo são os que tateiam voluntariamente nas sombras da noite, despercebidos de que as claridades do dia virão fatalmente iluminar-lhes o caminho na ascensão para Deus.

Que se desviem de semelhantes excentricidades, empregando os seus esforços na solução de problemas mais uteis e mais urgentes. Em vez de criarem novas teorias para que o mundo fique repleto de corpos imortais, seria melhor que cultivassem batatas, afim de que os pobres da Terra tenham um pão pela hora da vida.

30 de Abril de 1937.

O ELOGIO DO OPERARIO

Às portas do Céu bateram, um dia, um Politico, um Soldado e um Operario. Mas, Gabriel, o anjo que na ocasião velava pela tranquillidade do Paraiso, não quiz atender-lhes ás rogativas, sem previamente consultar ao Senhor sobre aquelas tres criaturas recém-chegadas da Terra.

Depois de inquiri-las quanto ás suas ati-

vidades na superfície do mundo, procurou o Mestre, a quem falou humildemente:

— Senhor, um Politico, um Soldado e um Operario, vindos da Terra longinqua, desejam receber as vossas divinas graças, ansiosos de gozar das felicidades celestes.

— Gabriel — disse o Salvador — que habilitações trazem do mundo essas almas, para viverem na paz da Casa de Deus? Bem sabes que cada homem edifica, com a sua vida, o seu inferno, ou o seu paraíso... Mas, vamos ao que nos interessa: Que fez o Politico sobre a Terra?

O anjo, bem impressionado com a figura do diplomata, que impetrara os seus bons officios, exclamou, com algum entusiasmo:

— Trata-se de um homem de elevado nivel cultural. Suas informações me revelaram um espirito de gosto refinado no trato com a civilização e com as leis. Foi um preclaro estadista, cuja existencia decorreu nos bastidores da administração publica e nos torneios eleitorais, onde consumiu todas as suas energias. Em troca de seus labores, os homens lhe tributaram as mais subidas honras nas suas exequias. Seu cadaver, embalsamado, num ataúde de vidro, percorreu duzentas leguas para ser guardado nos marmores preciosos do Panteon Nacional.

— Mas... — objetou, entristecido, o Mestre — esse homem teria cumprido as leis que ditava para os outros? Teria observado a prática do Bem, a unica condição de se entrar no Paraíso, absorvido, como se achava, na enganosa volupia das grandezas terrenas?

— A luta politica, Senhor, tomava-lhe todo o tempo — respondeu solícito o anjo — os tratados juridicos, as tabelas orçamentarias, as fontes historicas, as questões diplomaticas, os compendios de ciencias sociais não davam lugar a que ele se integrasse no conhecimento da vossa palavra...

— Entretanto, o meu Evangelho deveria ser a bussola de quantos se colocam na direção da humanidade...

E, como se intimamente lastimasse a situação do infeliz, o Mestre rematou:

— Aqui, não ha lugar para ele. Não se conquistam as venturas celestes com a riqueza de teorias da Terra. Dir-lhe-ás que retorne ao mundo, afim de voltar mais tarde ao Paraíso, pela porta do Bem, da Caridade e do Amor.

— E o Soldado, que serviços apresenta, em favor da sua pretensão?

— Esse — replicou Gabriel — foi um herói na terra em que nasceu. Seus atos de valor e de bravura deram causa a que fosse

promovido pelos seus superiores hierarquicos á posição de chefe das forças militares em operações na ultima guerra. Seu peito está coberto de medalhas e de insignias valiosas das ordens patrióticas e das legiões de honra; seu nome é lembrado no mundo com carinhoso respeito. Aos seus funerais compareceram representações de varios paizes do mundo e inumeras coletividades acompanharam as suas cinzas illustres que, envolvidas na bandeira da nação de que era filho, foram guardadas num monumento majestoso de soberbo carrara.

— Infelizmente — exclamou, amargurado, o Senhor — o Céu está fechado para os homens dessa natureza. É inacreditavel que sejam glorificados no orbe terrestre aqueles que matam a pretexto de patriotismo. Nunca puz no verbo dos meus enviados, no planeta, outra lei que não fosse aquela do — “amai a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a vós mesmos.” Nunca houve uma determinação divina para que os homens se separassem entre patrias e bandeiras. De sul a norte, do oriente ao ocidente, todos os Espiritos encarnados são filhos de Deus e qualquer deles pode ser meu discipulo. Os homens que semeiam a ruina e a destruição não podem participar da tranquillidade do Paraiso.

E o Operario, que factos justificam a sua presença nas portas do Céu ?

— Esse — elucidou Gabriel — quasi nada tem a contar dos seus amargurados dias terrestres. Os sópros frios da adversidade, em toda a existencia, o perseguiram, através das estradas do destino, e a fé em vossa complacencia e em vossa misericordia foi sempre a sua unica ancora de salvação, no oceano de lagrimas por onde passava o barco miseravel de sua vida. Trabalhou com o esforço poderoso das maquinas e foi um colaborador desconhecido do bem-estar dos afortunados da Terra. Nunca recebeu uma compensação de que o seu trabalho era digno e se consumiu no holocausto á coletividade e á familia... Entretanto, Senhor, ninguem conheceu as tempestades de lagrimas do seu coração afetuoso e sensível, nem as dificuldades dolorosas dos seus dias atormentados no mundo. Viveu com a fé, morreu com a esperanza e o seu corpo foi recolhido pela caridade de mãos piedosas e compassivas, que o abrigaram na sepultura anonima dos desgraçados...

— O Céu pertence a esse heroi, Gabriel — disse o Mestre alegremente. Suas esperanças colocadas no meu amor são sementes benditas que frutificarão na percentagem de mil por um. Se os homens o ignoram, o Céu deve

conhecer os seus heroísmos obscuros e os seus sacrifícios nobilitantes. Enquanto o Politico organizava leis que não cumpria, ele se imolava no desempenho dos deveres santificadores. Enquanto o Soldado destruía irmãos, seus braços faziam o milagre do progresso e do bem-estar da humanidade. Enquanto os despojos dos primeiros foram encerrados nos marmores frios e imponentes das falsas homenagens da Terra, seu corpo de lutador se dissolveu no solo, acentuando os perfumes da natureza e enriquecendo o grão que alimenta as aves alegres, na mesma harmonia eterna e doce que regou os sentimentos do seu coração e os atos do seu Espirito. Esse, Gabriel, faz parte dos heróis do Céu, que a Terra nunca quiz conhecer.

E, enquanto o Politico e o Soldado voltavam ao cadinho das reencarnações dolorosas na Terra, o Operario de Deus se cobria com as claridades do Infinito, buscando outras possibilidades de trabalho para o seu amor e para o seu devotamento.

1 de Maio de 1937.

ANIVERSARIO DO BRASIL

Vem o Brasil de comemorar o 437.º ano de seu descobrimento. Em todos os centros culturais do paiz, foi lembrada a celebre expedição de Alvares Cabral que, em março de 1500, deixou Lisboa com as mais severas recomendações para os régulos da Asia e que aportou primeiramente na ilha de Vera Cruz, cheia de arvores fartas e de rolas morenas, cantando a inocencia das terras inexploradas e virgens, cujo dominio Portugal havia pleiteado em Tordesillas.

Os naturais ainda pareciam permanecer com a benção divina no paraíso terrestre, pois não conheciam o sentimento que fizera Adão e Eva buscarem a folha de parra, envergonhados dos seus pormenores anatomicos; mas, Frei Henrique de Coimbra, na primeira missa celebrada naquele deserto maravilhoso, tentou pregar para as gentes de Porto Seguro, que não lhe compreenderam as palavras, tomando, logo após aquele ato catolico, os seus arcos e os seus tacapes, prosseguindo nas suas dansas exóticas, sobre as hervas rasteiras da praia.

Sobre as grandes comemorações brasileiras destes ultimos dias, não podemos mencionar as da politica administrativa que, no

momento, se achava preocupada com a eleição do Presidente da Camara Federal, sendo de destacar-se somente a Congregação Mariana no Rio de Janeiro. A Igreja, conhecendo profundamente a psicologia das massas, reuniu mais de dez mil catolicos na capital do paiz, realizando os seus movimentos com o apoio governamental. Mas, não nos surpreendemos. Não se tratou de um congresso para a generalização do livro ou de novas facilidades da vida. Como Frei Henrique de Coimbra, no dia 3 de maio de 1500, entre as madeiras toscas da Bahia, Monsenhor Leovigildo Franca, na Feira de Amostras do Rio de Janeiro, dava explicações da missa ao povo do Brasil, com a diferença de que falava pelo radio e com pouca esperança de ser entendido pelos seus patricios que, como outrora, se levantariam dali, com as suas cuícas e os seus pandeiros procurando a Favela ou a Mangueira, para um samba de quintal. Aliás, semelhante facto não será estranhavel, considerando-se que o governo que apoiou a ultima concentração catolica é o mesmo que subvenciona as festas carnavalescas, incentivando, por essa forma, o turismo no Brasil.

Todavia, longe das apreciações superficiais, que teria feito a nação, em mais de quatrocentos anos de vida historica e mais de um

seculo de independencia politica? Com um territorio imenso, onde caberá possivelmente toda a população da Europa moderna, não conhece pouco mais de um decimo de suas possibilidades economicas. Do vale soberbo do Amazonas ás planicies do Prata, ha um perfume de matas virgens na terra misteriosa e o mesmo livro infinito de sua natureza extraordinaria espera ainda a raça ciclópica que escreverá, nas suas paginas em branco, a mais bela talvez de todas as epopéias da Humanidade, nos triunfos do Espirito.

E' lastimavel que as paixões politicas aí permaneçam, intoxicando inteligencias e corações. A esses sentimentos nefastos deve-se a sensação de angustiosa expectativa que o paiz vem experimentando, nestes anos derradeiros, perturbando os seus surtos de trabalho e empobrecendo as suas fontes de produção. Os espiritos que aí se entregam ao vinho sinistro do interesse e da ambição andam esquecidos de que são criminosos todos aqueles que destroem um abrigo diante da tempestade furiosa, sem apresentar um refugio melhor aos naufragos desesperados. Como inaugurar-se uma nova experiencia de novos regimens politicos no paiz, se o proprio principio democratico ainda não foi devidamente assimilado? Contudo, o que vemos no Brasil, nos ultimos tempos, é a

tendencia para a desagregação das forças construtivas da nacionalidade, em lutas esterilizadoras.

Reza a Historia que, nos seculos passados, quando as hordas de barbaros ameaçavam a Europa medieval, o sultão Amurat submeteu ao seu dominio as provincias gregas da Tracia, da Albania e da Macedonia. Cheio de galardões e de vitorias, avançou para o norte, em direção dos servios e dos bulgaros que, comandados por Lazaro e Sisman, lhe opuzeram a mais encarniçada resistencia. O orgulhoso sultão ganhou-lhes a grande batalha de Kosovo, mas quando, vitorioso, contemplava com feroz alegria o campo forrado de sangue e de cadaveres, orgulhoso do seu feito e da sua gloria, o servio Miloch, levantou-se, no silencio da praça destruida e, lesto, cravou-lhe um punhal no coração.

A politica brasileira dos ultimos anos tem sido a repetição do mesmo quadro. Sempre um Amurat escalando o caminho da gloria e da evidencia, sobre as humilhações dos seus semelhantes e sempre um Miloch saindo do seu anonimato para desferir-lhe o golpe supremo.

Mas... não falemos de assunto tão ingrato, quanto inoportuno.

Nos dias de anos do Brasil, recordemos que o professor Tyndall acaba de anunciar os

dez problemas mais importantes que a ciencia terrestre terá de resolver nos proximos cem anos e onde ele inclue a viagem á Lua e a alimentação quimica, lembrando ao ilustre cate-dratigo da Pensylvania que, não obstante as suas mestranças, esqueceu a questão do triunfo do Evangelho e olhando o paiz maravilhoso onde todas as raças do planeta se encontraram para a glorificação da fraternidade e do amor, saudemos, com as emoções de nossa esperança, as terras afortunadas de Santa Cruz.

7 de Maio de 1937.

UMA VENERAVEL INSTITUIÇÃO

Parecerá estranho que os Espiritos desencarnados volvam á Terra para visitar as instituições humanas, velando pelo mecanismo dos seus trabalhos e agindo, indiretamente, nas suas deliberações.

A verdade, porém, é que isso constitue um acontecimento natural. Se os vivos continuam os trabalhos daqueles que os antecederam na jornada da Morte, as almas do mundo invisível, nos planos em que me encontro, têm de voltar, em sua maioria, ás lutas terrestres.

Todas as edificações de uma época têm as suas bases profundas nas épocas que a precederam. Nenhum homem pode criar, por si só, alguma coisa e sim desenvolver os princípios encontrados, aproveitando o material disperso para continuar a obra evolutiva, imprimindo-lhe a expressão do seu pensamento pessoal. Mesmo o inventor e o artista, com as largas reservas de possibilidade e paciência que os séculos de experiências acumularam nos escaninhos de suas personalidades, estão englobados nessa classificação. É que o progresso é uma obra coletiva. Cada criatura deixa uma nota na sua admirável sinfonia. As éras se interpenetram umas com as outras, como se confundem, no oceano largo do tempo, os vivos e os mortos. A vida é o resultado das trocas incessantes e o isolamento é a única morte no concerto universal.

É considerando essas verdades, que me tenho dedicado a conhecer, dentro das minhas possibilidades, as instituições dos homens, voltando para falar delas com a minha linguagem característica, evitando o terreno do transcendentalismo, para fornecer, espontaneamente, a minha carteira de identificação.

* * *

Nas proximidades do edificio do Tesouro Nacional, na Avenida Passos, ergue-se a Fe-

deração Espirita Brasileira, guardando, na cidade maravilhosa, as grandes tradições da caridade e da esperança, filhas do coração de Ismael, cujo pensamento inspira as atividades do Evangelho nas terras de Santa Cruz.

Já tive ocasião de manifestar o meu respeito por essa instituição venerável, cujas portas se abrem generosas para os famintos do pão espiritual e para os necessitados do corpo, ao lado do formigueiro humano, onde se agitam cerca de dois milhões de pessoas. Conhecendo-lhe, embora, a finalidade evangelica, em cuja base imortal repousam os seus labores associativos, no objetivo de emprestar a minha colaboração humilde ao desdobramento dos seus programas, procurei alcançar numa visão de detalhe a sua obra edificadora.

A visita de um desencarnado não se verifica conforme as praxes sociais que presidem no mundo dos homens de carne a um ato dessa natureza; mas, no portico da Casa de Ismael encontrei o mesmo Pedro Richard que me levou a observar as intimidades do seu santuario.

Visitei, uma a uma, as suas dependencias.

Nas suas escadarias e nos seus gabinetes amplos, não somente se reúnem os mediuns abnegados e os sofreadores que aí os procuram diariamente. Verdadeiras legiões de seres in-

visíveis, que os vivos considerariam como filhas de sombras, deslizam pelas salas e pelos corredores, revezando-se no sagrado mistério da caridade, fornecendo o que podem, no labor piedoso e cristão.

A presença dos enfermeiros invisíveis enche a atmosfera da casa de fluidos suaves e balsâmicos. É, talvez, por esse motivo, que alguns amigos meus procuravam descansar na Federação, quando passávamos nas vizinhanças da antiga rua do Sacramento, cansados dos rumores urbanos e das longas distancias, acreditando alcançar aí um banho regenerador de suas energias psíquicas.

— Aqui, explicava Pedro Richard, reunimo-nos todos nós os que amamos as claridades do Evangelho, ansiosos de repartir as esperanças da Boa Nova. Ha lugar, nesta casa, para todos os trabalhadores e basta querer para que cada um seja incorporado á caravana que nunca se dissolve. Á maneira daqueles coxos e estropiados a que se referia Jesus, no seu ensinamento, vivemos pela misericórdia do Senhor que não nos desampara com a sua bondade infinita. O banquete de Ismael está aqui sempre posto e, das alturas divinas, caem sobre o seu templo humano as flores da esperança, da piedade e do perdão, transformadas em bençãos de Deus, reparti-

das, como a luz do sol, com todos os corações. Aproveitamos, nos estudos da doutrina, aquela parte que representava a predileção de Maria, em contraposição com os trabalhos apressados e inquietos de Marta, segundo a observação do Divino Mestre, e pugnamos pelo esforço da reforma interior de cada um, reconhecendo que somente na assimilação dos princípios morais da doutrina, em sua feição de Cristianismo restaurado, poderemos atingir a finalidade de nossas preocupações.

— “Mas — perguntei admirado — a instituição desprezará, porventura, as expressões científicas do Espiritismo?”

— “De modo algum — respondeu-me solicito — os seus aspectos fenomenicos merecem da Federação todo o zelo possível, mas essas expressões da ciência representam os meios e não o fim, constituindo, desse modo, corolarios das expressões morais do ensinamento dos Espiritos, chegando-se á ilação de que nada se terá feito sem a edificação das consciências, á luz dos seus princípios. Haja vista o que aconteceu na Europa, bafejada por tantos fenomenos extraordinarios. Com algumas exceções, os sabios que ali se occuparam do assunto, possuidos do mais avançado personalismo, definiram os factos mediunicos, dentro de suas vaidades pessoais, complicando

o estudo da doutrina com o sabor científico de suas palavras, desconhecendo a profunda simplicidade dos ensinamentos revelados.

— “É com essa expressão religiosa e regeneradora que o Espiritismo conta esclarecer os problemas do campo social?” — perguntei ainda.

“De facto — continuou o meu generoso amigo — toda a vitória da doutrina tem de começar no coração. Sem o selo da renovação interior, qualquer tentativa de reforma constitui um caminho para novas desilusões. Seria, pois, inútil organizarmos grandes movimentos para uma salvação imediata, se o espirito geral se encontra nas sombras. Onde se terá visto uma colheita sem o trabalho da sementeira? A missão dos espiritas não representa, portanto, uma tarefa artificiosa e nem lhes compete disseminar os laboratórios de ilusão. Suas responsabilidades são muito grandes no campo da educação evangélica das massas e no plano da caridade pura, assistindo os sofredores e os desesperados. Esse campo de trabalho moral é o imenso reservatório das forças indestrutíveis da Nova Revelação e a beleza dos seus aspectos tem seduzido muitas mentalidades de elite do mundo inteiro. Mesmo a esta casa têm aportado muitos espiritos brilhantes, vindos da Política e da Ciência, con-

siderando que o Espiritismo, verdadeiramente interpretado, é a síntese maravilhosa que abrange todas as atividades humanas, no sentido de aperfeiçoá-las para o bem comum.

— “Mas, ponderei, não seria aconselhável movimentarem-se os elementos da doutrina, projetando-se as expressões dos seus valores no mundo das realizações?”

— “Não reprovamos quantos se entregam, desde já, aos trabalhos dessa natureza, reconhecendo que o Espiritismo é um campo imenso, onde cada qual tem a sua tarefa a desempenhar e onde o exclusivismo pecará sempre pela sua inoportunidade; mas, julgamos prudente criar-se a mentalidade evangélica, antes das obras espiritas, afim de que elas não se percam nos labirintos do mundo e para que sejam devidamente cultivadas pelos verdadeiros discípulos do único Mestre que é Jesus Cristo”.

As palavras esclarecedoras de Richard calaram-me no espirito.

Compreendi que, de facto, nunca, como agora, a sociedade humana precisou tanto de recorrer ao auxílio sobrenatural do mundo invisível, para reorganizar as suas energias, afim de manter a sua própria estabilidade moral.

Em companhia do mesmo amigo, voltei para o saguão de entrada do edifício, onde se reunia a legião de aflitos e de consolados.

CARTA Á MINHA MÃE

Era noitinha. A avenida Passos regorgitava de automoveis de luxo, plena de luz e de movimento. E, enquanto os sujeitos felizes procuravam, no coração enorme da cidade, as casas alegres da noite, uma grande multidão de pessoas, ricas e pobres, subia com humildade as escadas do grande edificio, para se curvarem sobre o Evangelho, procurando aí a lição divina e o socôrro espiritual. E, antes que me confundisse, de novo, com as coisas de minha nova vida, lembrei-me das primitivas assembléias cristãs, onde se misturavam todas as posições sociais, no exemplo de fraternidade apostolica, no recanto humilde das catacumbas romanas.

Pedro Richard estava com a razão.

É verdade que Nero não está hoje no poder, mas os circos dos suplicios foram substituidos, prevalecendo a mesma perversidade entre os homens, envenenando-lhes o coração. Aos funestos efeitos de uma nova aliança com Constantino, é preferivel, portanto, esclarecer e iluminar o coração de Constantino.

2 de Agosto de 1937.

Hoje, mamãe, eu não te escrevo daquele gabinete, cheio de livros sabios, onde o teu filho, pobre e enfermo, via passar os espetros dos enigmas humanos, junto da lampada que, aos poucos, lhe devorava os olhos, no silencio da noite.

A mão que me serve de porta-caneta é a mão cansada de um homem pauperrimo, que trabalhou o dia inteiro, buscando o pão amargo e cotidiano dos que lutam e sofrem. A minha secretária é uma tripeça tosca á guisa de mesa e as paredes que me rodeiam são núas e tristes, como aquelas de nossa casa desconfortavel em Pedra do Sal. O telhado sem fôrro deixa passar a ventania lamentosa da noite e deste remanso humilde, onde a pobreza se esconde, exausta e desalentada, eu te escrevo, sem insonias e sem fadigas, para contar-te que ainda estou vivendo para amar e querer a mais nobre das mães.

Queria voltar ao mundo que eu deixei para ser novamente teu filho, desejando fazer-me um menino, aprendendo a rezar com o teu espirito santificado nos sofrimentos.

A saudade do teu afeto leva-me constantemente á essa Parnaíba das nossas recordações, cujas ruas arenosas, saturadas do vento

salitroso do mar, sensibilizam a minha personalidade e, dentro do crepusculo estrelado de tua velhice cheia de crença e de esperança, vou contigo, em espirito, nos retrospectos prodigiosos da imaginação, aos nossos tempos distantes. Vejo-te com os teus vestidos modestos em nossa casa da Miritiba, suportando com serenidade e devotamento os caprichos alegres de meu pai. Depois, faço a recapitulação dos teus dias de viuvez dolorosa, junto da máquina de costura e do teu "terço" de orações, sacrificando a mocidade e a saúde pelos filhos, chorando com eles a orfandade que o destino lhes reservara e, junto da figura gorda e risonha da Midoca, ajoelho-me aos teus pés e repito:

— "Meu Senhor Jesus Cristo, se eu não tiver de ter uma boa sorte, levai-me deste mundo, dando-me uma boa morte."

Muitas vezes, o destino te fez crer que partiras antes daqueles que havias nutrido com o beijo das tuas caricias, demandando os mundos ermos e frios da Morte. Mas, partimos e tu ficaste. Ficaste no cadinho doloroso da Saudade, prolongando a esperança numa vida melhor no seio imenso da Eternidade. E o culto dos filhos é o consolo suave do teu coração. Acariciando os teus netos, guardas com o mesmo desvelo o meu cajueiro, que aí ficou como um simbolo, plantado no coração da terra par-

naibana, e, carinhosamente, colhes das suas castanhas e das suas folhas fartas e verdes, para que as almas boas conservem uma lembrança do teu filho, arrebatado no turbilhão da Dor e da Morte.

Ao Mirocles, mamãe, que providenciou quanto ao destino desse irmão que aí deixei, enfeitado de flores e passarinhos, estuante de seiva, na carne moça da terra, pedi velasse pelos teus dias de isolamento e velhice, substituindo-me junto do teu coração. Todos os nossos te estendem as suas mãos bondosas e amigas e é assombrada que, hoje, ouves a minha voz, através das mensagens que tenho escrito para quantos me possam compreender. Sensibilizam-me as tuas lágrimas, quando passas os olhos cansados sobre as minhas paginas póstumas e procuro dissipar as dúvidas que torturam o teu coração, combalido nas lutas. Assalta-te o desejo de me encontrares, tocando-me com a generosa ternura de tuas mãos, lamentando as tuas vacilações e os teus escrúpulos, temendo aceitar as verdades espiritas, em detrimento da fé católica, que te vem sustentando nas provações. Mas, não é preciso, mamãe, que me procures nas organizações espiritistas e, para creres na sobrevivência do teu filho, não é preciso que abandones os princípios da tua fé. Já não ha mais tempo para que

c teu espirito excursione em experiencias no caminho vasto das filosofias religiosas.

Numa de suas paginas, dizia Coelho Netto que as religiões são como as linguagens. Cada doutrina envia a Deus, a seu modo, o voto de sua supplica ou de sua adoração. Muitas mentalidades entregam-se aí no mundo aos trabalhos elucidativos da polemica ou da discussão. Chega, porém, um dia em que o homem acha melhor repousar na fé a que se habituou, nas suas meditações e nas suas lutas. Esse dia, mamãe, é o que estás vivendo, refugiada no conforto triste das lagrimas e das recordações. Ascendendo ás culminancias do teu Calvario de saudade e de angustia, fixas os teus olhos na celeste expressão do Crucificado e Jesus, que é a providencia misericordiosa de todos os desamparados e de todos os tristes, te fala ao coração dos vinhos suaves e doces de Caná, que se metamorfosearam no vinagre amargoroso dos martirios, e das palmas verdes de Jerusalém, que se transformaram na pesada corôa de espinhos. A cruz então se te afigura mais leve e caminhas. Amigos devotados e carinhosos te enviam de longe o terno consolo dos seus afetos e, prossequindo no teu culto de amor aos filhos distantes, esperas que o Senhor, com as suas mãos prestigiosas, venha de-

cifrar para os teus olhos os grandes misterios da Vida.

Esperar e sofrer têm sido os dois grandes motivos, em torno dos quais rodopiaram os teus quasi setenta e cinco anos de provações, de viuvez e de orfandade.

E eu, minha mãe, não estou mais aí para afagar-te as mãos tremulas e os teus cabelos brancos que as dores santificaram. Não posso prover-te de pão e nem guardar-te da furia da tempestade, mas, abraçando o teu Espirito, sou a força que adquires na oração, como ce absorvesses um vinho misterioso e divino.

Inquirido, certa vez, pelo grande Luiz Gama, sobre as necessidades de sua alforria, um jovem escravo lhe observou:

— “Não, meu Senhor!... a liberdade que me oferece me doeria mais que o ferrete da escravidão, porque minha mãe, cansada e decrepita, ficaria sozinha nos misterios do cativoiro.”

Se Deus me perguntasse, mamãe, sobre os imperativos da minha emancipação espiritual, eu teria preferido ficar, não obstante a claridade apagada e triste dos meus olhos e a hipertrofia que me transformava num monstro, para levar-te o meu carinho e minha afeição, até que pudessemos partir juntos, desse mundo onde sonhamos tudo para nada alcançar.

Mas, se a Morte parte os grilhões frágeis do corpo, é impotente para dissolver as algemas inquebrantáveis do espirito.

Deixa que o teu coração prossiga, oficiando no altar da saudade e da oração; cantaro divino e santificado, Deus colocará dentro dele o mel abençoado da esperança e da crença, e, um dia, no portal ignorado do mundo das Sombras, eu virei, de mãos entrelaçadas com a Midoca, retrocedendo no tempo, para nos transformarmos em tuas crianças bem amadas. Seremos agasalhados então nos teus braços cariciosos, como dois passarinhos minúsculos, ansiosos da doçura quente e suave das asas de sua mãe, e guardaremos as nossas lágrimas nos cofres de Deus, onde elas se cristalizam como as moedas fulgurantes e eternas do erario de todos os infelizes e desafortunados do mundo.

Tuas mãos segurarão ainda o "terço" das preces esquecidas e nos ensinarás, de joelhos, a implorar, de mãos postas, as bênçãos prestigiosas do Céu. E, enquanto os teus lábios sussurrarem de mansinho — "Salve Rainha... mãe de misericórdia..." começaremos juntos a viagem ditosa do Infinito, sob o doce luminoso das nuvens claras, tenues e alegres do Amor.

TRAGO-LHE O MEU ADEUS SEM PROMETER VOLTAR BREVE

Apreciando, em 1932, o "Parnaso de Além Tumulo", que os poetas desencarnados mandaram ao mundo por intermedio de você, chamei a atenção dos estudiosos para a incognita que o seu caso apresentava. Os estudiosos, certamente, não apareceram. Deixando, porém, o meu corpo minado por uma hipertrofia renitente, lembrei-me do acontecimento. Julgára eu que os bardos "do outro mundo", com a sua originalidade estilizar, se comprometiam pela eternidade da produção, no falso presuposto de que se pudessem identificar por outra fórmula. Encontrando ensejo para me fazer ouvir, através de suas mãos, escrevi crônicas póstumas que o Sr. Frederico Figner transcreveu nas colunas do "Correio da Manhã".

Não imaginei que o humilde escritor desencarnado estivesse ainda na lembrança de quantos o viram desaparecer. E as minhas palavras provocaram celeuma. Discutiu-se e ainda se discute.

Você foi apresentado como habil fazedor de pastiches e os noticiaristas vieram averiguar o que havia de verdadeiro em torno do seu nome.

Colheram informes. Conheceram a ho-

nestidade da sua vida simples e as dificuldades do seus dias de pobre. E, por ultimo, quiseram ver como você escrevia a mensagem dos mortos, como uma Remington acionada por dedos invisíveis.

Tive pena quando soube que iam conduzi-lo a um "test" e recordei-me do primeiro exame a que me sujeitei aí com o coração batendo forte.

Fiz questão de enviar-lhe algumas palavras, como o homem que fala de longe á sua patria distante, através das ondas de Hertz, sem saber se os meus conceitos serão reconhecidos pelos patricios, levando em conta as deficiências do aparelho receptor e os desequilibrios atmosfericos. Todavia, bem ou mal, consegui falar alguma coisa. Eu devia essa reparação á doutrina que você sinceramente professa.

Esperariam, talvez, que eu falasse sobre os fabulosos canais de Marte, sobre a natureza de Venus, descrevendo, como os viajantes de Jules Verne, a orografia da Lua. Julgo, porém, que, por enquanto, me é mais facil uma discussão sobre o diamagnetismo de Faraday.

Admiraram-se, quando enxergaram a sua mão vertiginosa correndo sobre as linhas do papel.

A curiosidade jornalística é agora levan-

tada em torno da sua pessoa. É possível que outros acorram para lhe fazer suas visitas. Mas, ouça bem. Não me espere como a pitonisa de Endor, aguardando a sombra de Samuel, para fazer predições a Saul sobre as suas atividades guerreiras. Não sei movimentar as tripodes espiritistas e, se procurei falar naquela noite, é que o seu nome estava em jogo. Colaborei, assim, na sua defesa. Mas, agora que os curiosos o procuram, na sua ociosidade, busque, no desinteresse, a melhor arma para desarmar os outros. Eu voltarei provavelmente, quando o deixarem em paz na sua amargurosa vida.

Não desejo escrever maravilhando a ninguém e tenho necessidade de fugir a tudo o que tenho obrigação de esquecer.

Fique-se, pois, com a sua cruz, que é bem pesada, por amor d'Aquele que acende o lume das estrelas e o lume da esperança nos corações. A mediunidade posta ao serviço do bem é quasi a estrada do Golgota; mas, a fé transforma em flores as pedras do caminho. Li aí, certa vez, num conto delicado, que uma mulher, em meio de sofrimentos acerbos, apelára para Deus, afim de que se modificasse a volumosa cruz da sua existencia. Como a filha de Scipião, vira nos filhos as joias preciosas de sua vaidade e do seu amor, mas, como Niobe, vi-

ra-os arrebatados no torvelinho da morte, impelidos pela fúria dos deuses. Tudo lhe falhára nas fantasias do amor, do lar e da ventura.

— Senhor, exclama ela, porque me deste uma cruz tão pesada? Arranca dos meus ombros fracos esse insuportável madeiro!

Mas, nas asas brandas do sono, a sua alma de mulher viúva e orfã foi conduzida a um palácio resplandecente. Um Anjo do Senhor recebeu-a no pórtico, com a sua bênção. Uma sala luminosa e imensa lhe foi designada. Toda ela se enchia de cruzes. Cruzes de todos os feitios.

— Aqui — disse-lhe uma voz suave — guardam-se todas as cruzes que as almas encarnadas carregam na face triste do mundo. Cada um desses madeiros traz o nome do seu possuidor. Atendendo, porém, á tua supplica, ordena Deus que escolhas aqui uma cruz menos pesada do que a tua.

A mulher preferiu conscientemente aquella cujo peso competia com as suas possibilidades, escolhendo-a entre todas.

Mas, apresentando ao Mensageiro Divino a sua preferencia, verificou que, na cruz escolhida, se encontrava insculpido o seu próprio nome, reconhecendo a sua impertinencia e rebeldia.

— Vai! — disse-lhe o Anjo — com a tua cruz e não descreias. Deus, na sua misericordiosa justiça, não poderia macerar os teus ombros com um peso superior ás tuas forças.

Não desanime, portanto, na faina em que se encontra, carregando esse fardo penoso que todos os incompreendidos já carregaram. E agora que os bisbilhoteiros o procuram, trago-lhe o meu adeus, sem prometer voltar breve.

Que o Senhor derrame sobre você a sua bênção que conforta todos os infelizes e todos os tristes.

EM FRATERAL SAUDAÇÃO A HUMBERTO DE CAMPOS

Começa assim, no volume de suas "Memórias" (1), o capítulo 32, intitulado: "Um amigo de infância":

No dia seguinte ao da mudança para a nossa pequena casa dos Campos, em Parnaíba, em 1896, toda ela cheirando ainda a cal, a tinta e a barro fresco, ofereceu-me a Natureza, ali, um amigo. Entrava eu no banheiro tóxico, próximo ao poço, quando os meus olhos descobriram no chão, no interstício das pedras grosseiras que o calçavam, uma castanha de cajú que acabava de rebentar, inchada, no desejo vegetal de ser árvore. Dobrado sobre si mesmo, o caule parecia mais um verme, um caramujo a carregar a sua casca, do que uma planta em eclosão. A castanha guardava, ainda, as duas primeiras folhas húmidas e avermelhadas, as quais eram como duas joias flexíveis que tentassem fugir ao seu cofre.

— Mãe, olhe o que eu achei! — grito, contente, sustentando na concha das mãos curtas e asperas o mostrengo que ainda sonhava com o sol e com a vida.

— Planta, meu filho... Vai plantar... Planta-a no fundo do quintal, longe da cerca...

Precipito-me, feliz, com a minha castanha viva. A trinta ou quarenta metros da casa, estaco. Faço com as mãos uma pequena cova, enterro aí o projeto de árvore, cerco-o de pedaços de tijolos e telhas. Rego-o. Protejo-o contra a fome dos pintos e a irreverência das galinhas. Todas as manhãs, ao lavar o rosto, é sobre ele que tomba a água dessa ablução alegre. Acompanho com afeto a multiplicação das suas folhas tenras. Vejo-as mudar de cor, na evolução natural da clorofila. E cada uma, estirada e limpa, é como uma língua verde e mobil, a agradecer-me o cuidado que lhe dispensei, o carinho que lhe voto, a água gostosa que lhe dou.

(1) Livraria Editora "José Olympio", 6.ª edição



Parque Humberto de Campos

Pois bem, esse recanto do terreno da casa em que ele, na quadra infantil, residiu longos anos, nessa Parnaíba tão decantada em seus escritos e, particularmente, no volume que vimos de citar, foi, após a sua desencarnação, transformado num jardim publico, a que deram a denominação de — Parque “Humberto de Campos”.

Ocioso dizer que o que inspirou a transformação daquele fundo de quintal em parque, com o nome do humorista notavel e talentoso cronista nascido no Maranhão, foi a circunstancia de ostentar-se ali o belo e frondoso cajueiro por ele plantado, quando ainda na primeira infancia, e ao qual consagrou em suas “Memorias” nada menos de sete paginas, donde se evola forte o perfume da saudade e das recordações doces, que tantas emoções despertam nas almas sensiveis, mormente em dias de sofrimento e amargor, se já começaram a descer sobre a criatura as sombras merencoreas do ocaso da existencia.

Nem só, entretanto, no mencionado capitulo das suas “Memorias” fala Humberto da hoje pujante arvore que as suas mãos de criança viva e travessa plantaram um dia, em semente, lá perto da cêrca do amplo terreiro em que ele multiplicava despreocupado os brincos da meninice, na sua inolvidavel Parnaíba.

Além de varias outras referencias ao cajueiro querido, na extensa obra literaria que deixou como escritor humano, ainda agora, como escritor do mundo invisivel, na penultima das mensagens que este volume contém — “Carta á minha Mãe” — alude á arvore amada, nestes termos tocantes, como o são, aliás, todos os dessa comovente pagina que o seu Espirito traçou, da outra margem da vida, acionando o lapis de Francisco Candido Xavier:

Ao Mirocles, que providenciou quanto ao destino desse irmão que aí deixei, enfeitado de flores e passarinhos, estuante de seiva, na carne moça da terra...

Exprime ele assim, sem dúvida, quão grata foi, ao seu coração amavel, a idéia de realçarem a beleza do seu “irmão” frondoso, pondo-o em destaque na moldura de um parque singelo, mas donairoso, onde, “como um simbolo plantado no coração da terra parnaibana”, segundo as suas mesmas expressões em “Carta á minha Mãe”, aquele, como que orgulhoso do irmão que ali o deixou, se ergue cheio de majestade, a perpetuar, “para as almas boas”, a lembrança de quem, “arrebatado no turbilhão da dor e da morte”, vive agora feliz. Feliz, sim, porque liberto da prisão da carne, e feliz tambem, porque preso pelos grillhões do afeto transbordante de uma alma de escol, a da veneranda velhinha que aguarda, paciente

e resignada, depois de muito sofrer, tambem lhe sôe a hora da libertação, para juntar-se de novo ao filho idolatrado, nos páramos da verdadeira vida.

Assim sendo, gratissimo igualmente nos é a nós associar-nos á homenagem que a bem inspirada e piedosa iniciativa da criação do Parque “Humberto de Campos” envolve, sem, contudo, a restringirmos ao homem que, pelo fulgor da sua inteligencia se impoz á admiração e á estima dos seus contemporaneos e dos pósteros, tanto quanto pela soma de seus dotes morais. Antes, rendemo-la, de preferencia, ao seu Espirito, pela magnitude do esforço e pela caridosa solicitude com que procura, desde que se romperam os véus que lhe impediam a visão da verdade espiritual, demonstrar, aos homens incredulos, não só a realidade positiva da sobrevivencia da alma, como a da sua existencia no Além, qual a revelou e continúa a patentear o Espiritismo, esse Espiritismo que na terra pouco lhe atraiu a atenção.

E é tomados de emoção viva e de legitimo encantamento, ante a grandiosidade desse esforço a que ele se lançou com pordigioso devotamento e que lhe conservará, pelos tempos em fóra, o nome e os feitos, mais do que todas as obras que haja produzido e pudesse produzir como homem, como Espirito encarnado, por

muito geniais fossem elas, que nos juntamos aos que lhe exalçaram, para os dias atuais, o nome e a lembrança, fundando o parque onde frondeia, opulento da seiva que lhe fornece "a carne moça da terra" o seu inesquecível ca-
jueiro.

Fazemo-lo da maneira que se nos apresenta objetivamente possível neste instante em que, reunidas em volume, entregamos á deleitação dos estudiosos e aos amantes das belas letras as suas *Cronicas de Além-tumulo*: reproduzindo aqui, como um simbolo, conforme ele proprio o qualificou, simbolo certamente de grandeza e elevação espiritual, pois que instituido "para as almas boas", a imagem da arvore imponente, numa fotografia do parque onde ela altaneira se levanta, fotografia essa que a sua carinhosa progenitora ofertou a um excelente companheiro nosso, quando, em janeiro do ano corrente, a viajar por todo o Norte, logrou visita-la, graças á gentileza de um amigo comum.

Deparando-se-lhe no visitante um admirador entusiasta do seu saudoso Humberto, em cujo Espirito conta ele bondoso amigo invisivel, a respeitavel anciã não se contentou com o lhe presentear a reprodução fotografica de uma solenidade que lhe ha de ter feito derramar não poucas lagrimas de comoção e sau-

dade: escreveu-lhe nas costas uma dedicatória bastante eloquente na sua simplicidade.

Esta circumstancia torna para nós a sua transcrição aqui mais que um dever — um ato de culto reverente a esse duplo amor, materno-filial, que de longe nos évos traz enlaçadas duas almas lidimamente irmãs e fundidas, por ele e para sempre, no amor infinito de Deus. Diz assim a dedicatória:

Ao Sr. José Maria Macedo Santos ofereço, como lembrança da honrosa visita que me fez, a fotografia do Parque "Humberto de Campos", no dia de sua inauguração. Com sincera gratidão da humilde criada — Anna C. Veras. — Parnaíba, 10 de janeiro de 1937.

Excelsior! dizemos, ao encerrar estas linhas pobres de uma homenagem que só não é desprezível porque feita de coração aberto, dizendo-o em saudação fraternal e á maneira de sincero reconhecimento ao Espirito amigo que foi entre nós — HUMBERTO DE CAMPOS.

FIM

INDICE

	Pags.
Ao leitor	5
De um casarão do outro mundo	11
Carta aos que ficaram	17
Aos meus filhos	22
Na mansão dos mortos	27
Judas Iscariotes	35
Aos que ainda se acham mergulhados nas som- bras do mundo	40
A suave compensação	46
Do Além-tumulo	52
Oh! Jerusalém!..... Jerusalém!	55
Falando a Piratininga	60
Coração de mãe	65
O tête-à-tête das sombras	69
No dia da Patria	76
Um céptico	80
A ordem do Mestre	86
A' passagem de Richet	93
Hauptmann	100
A casa de Ismael	106
Carta a Maria Lacerda de Moura	112
Pedro, o Apostolo	119
O grande Missionario	124
A lenda das lagrimas	130
Carta aberta ao Sr. Prefeito do Rio de Janeiro	137
A paz e a verdade	143
Sócrates	151
Escrevendo a Jesus	158
A maior mensagem	163
Respondendo a uma carta	170
Tiradentes	175
O problema da longevidade	182
O elogio do operario	187
Aniversario do Brasil	193
Uma veneravel instituição	197
Carta á minha mãe	205
Trago-lhe o meu adeus, sem prometer voltar breve	211
Em saudação a Humberto de Campos	216

FRANCISCO C. XAVIER

PARNASO DE ALÉM TUMULO

E' um livro verdadeiramente único, até agora, nos anais da bibliografia espirita.

Prefaciado por M. Quintão, que lhe põe em relêvo as belezas literárias e artisticas num substancioso prefácio, comporta tambem "algumas páginas" de Francisco Candido Xavier, o jóvem médium, quasi adolescente, a quem a Providência concedeu a régia dita de tanger encantadas e consagradas liras, na morte supostamente emudecidas para sempre, mas, na verdade, agora vivas e vibrantes na orquestral magnificência dos seus ritmos inconfundiveis.

São joias miríficas, não só de lavor literário, como de aspectos filosóficos inéditos, trabalhadas por inteligências de escol, que nos deixaram, da sua passagem pela terra, traços inapagáveis.

E assim é que temos neste livro uma das provas mais robustas da identidade pessoal, "post mortem", de um Guerra Junqueiro, de um Castro Alves, de um Casemiro de Abreu, de um João de Deus, de um Antéro do Quental de um Augusto dos Anjos e tantos outros poetas da nossa e das passadas gerações, inclusive Souza Caldas.

Ler o Parnaso não será apenas um fino prazer intellectual, mas fortificar o espirito nas auras sadias que sopram alviçareiramente da outra margem da vida. — Broch. 5\$000 — Enc. 7\$000.



262
ENDANGERADO
MILITARE REDD
R. LAURADORS
RIO